



EM 2025

Mortes por câncer de mama têm redução de 10% no estado

*Maior acesso ao tratamento, avanços terapêuticos e ações preventivas contribuíram para o resultado. **Página 6***

Cinco jogos encerram, hoje, a 1ª fase do Campeonato Paraibano 2026

Um dos destaques da nona rodada é o confronto entre Botafogo e Serra Branca no Almeidaão, em João Pessoa, às 18h, mesmo horário das demais partidas da competição.

Página 21

Primeira Chance soma mais de 12 mil vagas de estágio a estudantes da PB

Programa iniciado em 2019 vem incentivando a inserção de alunos e egressos da rede estadual de ensino no mundo corporativo, por meio de estágios supervisionados e mentorias.

Página 3

Cabaceiras qualificará atendimento a visitantes estrangeiros

Capacitações promovidas pelo Sebrae-PB pretendem ajudar a colocar a Roliúde Nordestina no circuito do turismo internacional.

Página 8

Foto: Divulgação/Prefeitura de Cabaceiras





Pensar

O medo excessivo, irracional e persistente da própria morte — a tanatofobia — é o assunto do caderno especial.

Páginas 29 a 32

Dias mais quentes pedem cuidados especiais com os animais domésticos

Oferecer uma hidratação adequada e alimentos mais úmidos, além de adaptar os passeios para horários com menor incidência de sol e usar protetor solar específico, está entre as principais recomendações de veterinários para evitar que os bichinhos desenvolvam problemas graves de saúde.

Página 5



Foto: Helder Camilo/Arquivo pessoal

Foto: Leonardo Ariel



Colisões envolvendo bicicletas caem 38%

Média de ocorrências por dia passou de 2,5, em 2024, para 1,2 no ano passado, na Paraíba. Mesmo assim, usuários do transporte pedem mais ciclovias e ciclofaixas para pedalar com segurança.

Página 7

■ “Mangabeira era um poeta que mais lia do que versejava. Quem o visse pela primeira vez não o tomaria como pessoa ligada a versos e leituras”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Nas visitas aos sebos da cidade, faço questão de adquirir livros que tenham dedicatória manuscrita. Elas carregam sentimentos, valores e histórias”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “O Carnaval da Paz tem contribuído de forma decisiva para consolidar Campina Grande como destino turístico permanente”.

Marcílio Correia

Página 17

Editorial

Perigos latentes

Analistas do cenário internacional, vinculados a organizações sem fins lucrativos, a exemplo do Fórum Econômico Mundial, manifestam em seus diagnósticos uma preocupação cada vez maior com a possibilidade de eclosão da terceira guerra mundial. As causas do conflito são conhecidas, entre elas, os entreschoques ideológicos, as disputas territoriais e a caça aos recursos naturais estratégicos, como as terras raras.

O mundo não está em paz, é certo. A título de ilustração, civis e militares são mortos e casas e edifícios são demolidos, diariamente, em virtude dos tiros e bombas disparados pelas Forças Armadas de Rússia e Ucrânia, como também por Israel (nesse caso, nas constantes ofensivas contra a Faixa de Gaza), além dos confrontos internos envolvendo grupos beligerantes do Sudão, República Democrática do Congo e Burkina Faso.

Ao que parece, a produção de armamentos cresce na mesma proporção das tensões globais, e as maiores potências mundiais — Estados Unidos da América, China e Rússia à frente — têm alardeado aos quatro ventos novos projetos de modernização de suas indústrias bélicas, além de promoverem exercícios para as forças de terra, água e mar (ações estratégicas que certamente fariam tremer até mesmo um Mahatma Gandhi).

Os especialistas em Geopolítica dedicam atenção especial à alta tensão entre as nações mais poderosas, e o caso dos Estados Unidos da América — mirando o Irã - figura entre os exemplos mais inquietantes. Entre os outros pontos nodais desse vulcão na iminência de erupção destaca-se ainda Taiwan — pequena nação insular disputada pela China e o país de Donald Trump. Ou seja, há barris de pólvora junto a fogueiras em todo o planeta.

Os fóruns internacionais — sejam econômicos, políticos ou científicos — têm sido palcos de embates entre os representantes dos países participantes que indicam a falência da ordem mundial inaugurado após a fase áurea da Guerra Fria. A ponta do *iceberg* de uma nova realidade global seriam os tarifacos e a invasão da Venezuela (com o sequestro e prisão de Nicolás Maduro), protagonizados pelos Estados Unidos da América.

O momento é crítico. O desequilíbrio ambiental e o alto índice de desigualdades sociais são situações que demandam uma atenção elevada e unânime do conjunto das nações, para um enfrentamento à altura dos desafios. No entanto, em sentido contrário, os conflitos regionais intensificam-se, a democracia cambaleia e o fantasma da guerra começa a ganhar corpo, armado até os dentes, fazendo sombra ao embaçado esqueleto da paz.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Memória de um árbitro institucional

O dia 29 de agosto de 2016 tornou-se uma data histórica que precisa ser permanentemente lembrada como exercício de memória e como alerta contra as recorrentes tentativas de ruptura democrática no Brasil. Naquela ocasião, o país acompanhava com expectativa o discurso que a então presidenta Dilma Rousseff pronunciaria no Senado Federal, em sua defesa no processo de *impeachment* que se encaminhava para sua cassação definitiva.

Ao ingressar no plenário, foi recebida com flores por seus apoiadores. Com postura firme e altiva, produziu um discurso que se inscreveu na história política brasileira. Durante 45 minutos, falou sob aplausos e ao fim ouviu o coro emocionado: “Dilma, guerreira do povo brasileiro”. Pela primeira vez, um chefe de Estado comparecia pessoalmente ao Congresso para se defender de acusações dessa natureza.

Logo no início, lançou um alerta que soou como presságio: “Estamos a um passo da consumação de uma grave ruptura institucional. Estamos a um passo da concretização de um verdadeiro golpe de Estado”. Dilma já intuía o desfecho que se consumaria, hoje amplamente reconhecido como um caso de *lawfare*: a derrubada de um governo legitimamente eleito por meio de artimanhas jurídicas e intensa campanha midiática. As acusações de crime de responsabilidade foram, anos depois, histórica e juridicamente desmoralizadas.

“Hoje, eu só temo a morte da democracia”, afirmou, lembrando sua trajetória de resistência à Ditadura Militar e evocando a cena simbólica de enfrentar julgadores autoritários de cabeça erguida. Falava, mais uma vez, do “gosto amargo do árbitro e da injustiça”. No plenário, acompanhavam-na Lula, intelectuais e artistas como

Chico Buarque e Márcia Tiburi, enquanto representantes de movimentos favoráveis ao *impeachment* observavam o pronunciamento, compondo o cenário polarizado da época.

O discurso ultrapassou o ritual jurídico-parlamentar e transformou-se em marco histórico. Mais que defesa pessoal, foi uma narrativa sobre democracia, legalidade e soberania popular. Sua voz carregava o peso da memória e de uma geração que acreditou na redemocratização como conquista irreversível.

Revisitar aquele momento é reconhecer uma peça memorialística de uma época em que a democracia brasileira revelou sua fragilidade estrutural, explicitando a tensão entre a legalidade formal das instituições e a legitimidade popular do voto.

“

Logo no início, [Dilma] lançou um alerta que soou como presságio: ‘Estamos a um passo da consumação de uma grave ruptura institucional’

Foto Legenda

Evandro Pereira



Embolando

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Mangabeira em livro

A biblioteca de Antônio Mangabeira era portuguesa. Mangabeira era um poeta que mais lia do que versejava. Quem o visse pela primeira vez não o tomaria como tal, isto é, como pessoa ligada a versos e leituras. O arquétipo era do burocrata altamente responsável, metuculoso em tudo, impondo um respeito que se revelava desde as coisas que fazia ao terno de cor e uso invariáveis. Mas era falando ou, mais propriamente, recitando que a força do beletrista se impunha. Parecia que a voz, forte e vibrátil, fora a escolhida por Castro Alves para o tom patético de sua tragédia negreira:

“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me, vós, Senhor Deus!”

Na voz de Mangabeira o apelo fazia-se mais libertário. Sem boêmia nenhuma, sem falsa postura e até sem mímica, a poesia saindo por si mesma, saindo da hóstia para a transubstanciação.

Foi sob o efeito dessa voz que caíram por terra, numa récita entre carimbos e papéis de amnuense, todos os dogmas e escapulários da minha cruzada de fé adolescente. O livro “A velhice do Padre Eterno” não foi tanto. Convincente, fortemente persuasivo, foi o timbre todo-poderoso da declamação. O ateísmo de Guerra Junqueiro vindo encontrar seu melhor aliado numa água-furtada de Campina Grande, a milhas e anos de distância. Parecia-nos estar em Freixo de Espada à Cintas, a voz e o frio campinenses encenando as formas e imagens da lusa efervescência.

Órfão solto, eu tinha 16 anos, trocava o dia pela noite e jogava sinuca. Integrava uma pilantragem de copo e verso de repercutida precocidade. Nas horas vagas frequentava o bolchevismo boca-mole do café de Chico Lima. Mas nem sempre era bolchevismo. Num fim de tarde violeta, o sol transfixando o matiz da vidraça em nossa mesa e em minha alma, ouso ouvir um canto estranho de sol oriental. Vem de 1949 e está aqui:

“Dichosos los que nacen mariposas.
O tienen luz de luna em su vestido.

“

Eu tinha dezesseis anos, trocava o dia pela noite e jogava sinuca. Integrava uma pilantragem de copo e verso de repercutida precocidade

Dichosos los que cortan la rosa
Y recogen el trigo!”

Não era oriental nem vinha tão de longe. Era a felicidade vespéral de Lorca num acidente de percurso pelos alísios de Campina Grande. Foi quando ouvi dizer dos dois, o espanhol na construção do seu Partenón e Mangabeira na sua voz de timbre único e isolado.

— Quem é ele, senhor? — perguntei, apresentando-me.

E Mangabeira, ufano dessa longínqua companhia: “É aquele que prometeu queimar o Partenón à noite para começar a levantá-lo na manhã seguinte e não terminar mais nunca”. Era a luta ou o martírio ingente a que se associavam o rebento de Espanha e a sua poesia.

Pode-se pensar hoje que Mangabeira não existe, que nunca existiu. Que passou na vida como os seus passos na calçada. Mas como foi fácil encontrá-lo nesta semana. Comprei a versão portuguesa de Ernest Renan, o livrinho gostoso e fofo da Editora Lello & Irmão, e lá me aparece inteiro Antônio Mangabeira. Vento remoto e voz arcana por entre os ciprestes de Campina, ele vivo, o ser e a voz, no formato português que foi sua vida e agora o ressuscita. O livro é de Ernest Renan, vem do Porto, mas fala, vive e não é outro senão Antônio Mangabeira.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual R\$404,25 / Semestral R\$202,12 / Número Atrasado R\$4,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

PRIMEIRA CHANCE

Iniciativa insere estudantes no ambiente corporativo

Mais de 12 mil vagas de estágio já foram ofertadas pelo programa estadual

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Conquistar o primeiro emprego pode ser um desafio para muitos jovens, que esbarram na necessidade de experiência profissional exigida para a maioria das vagas. Pensando nisso, o Governo do Estado criou o Programa Estadual Primeira Chance, ligado a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB). Instituído em 2019 pela Lei nº 11.344, ele visa incentivar a inserção de estudantes e egressos da rede estadual no mundo do trabalho, por meio de estágios supervisionados e mentorias. Desde a sua primeira edição, a ação já ofereceu mais de 12 mil vagas de estágio, contando com a parceria de mais de 4.500 empresas concedentes, algumas participam da ação desde o início.

De 2019, quando foram 111 estagiários, até a última edição, em 2025, com 5.837, o crescimento em termos de estudantes beneficiados foi de mais de 5.000%. A gerente operacional responsável pela Gerência Executiva de Educação das Escolas Cidadãs Técnicas da SEE-PB, Mayra Paula Correia da Silva, explica que esse aumento se deu em razão da ampliação do número de vagas. “No início, em 2019, até 2023, nós tínhamos um número de vagas lançadas em edital e, em 2024, a secretaria universalizou a oferta. Isso significa que todo estudante, que esteja vinculado a uma escola técnica, que deseje estagiar e que tenha um campo de estágio, a secretaria tem orçamento para cobrir o período de estágio dele”, destaca.

O programa funciona da seguinte forma: os alunos que querem estagiar e as empresas aptas, que desejem ofertar vagas de estágio, inscrevem-se em edital previamente divulgado pela SEE-PB. “Durante o período do edital, podem se inscrever estudantes e as concedentes, ou seja, as empresas que tenham as condições, do ponto de vista burocrático, legalizadas, que não tenham débitos com a Receita Federal ou Estadual, que esteja regular”, esclarece Mayra. Já os estudantes, para concorrer a uma vaga, precisam estar vinculados a uma escola técnica, cursando o último ano, e terem ingressado no curso desde a 1ª série do Ensino Médio.

O governo encarrega-se do pagamento de uma bolsa no valor de R\$ 500 reais por mês, além de auxílio-transporte e seguro-estágio, para os estudantes selecionados. Ou seja, a despesa é do Estado, e não da empresa que disponibiliza a vaga. Ela só precisa conceder o estágio, dispondo-se a contribuir com a formação profissional dos alunos. O programa, além de fortalecer a Educação Profissional e Tecnológica, ainda contribui diretamente para o desenvolvimento do setor produtivo estadual, promovendo a inserção de estudantes qualificados, com currículos alinhados às demandas do segmento.

Para o ano de 2026, a proje-



Foto: Arquivo pessoal

Mayra Paula celebra o aumento no número de beneficiados a cada edição do programa

ção é que sejam disponibilizadas em torno de 11.405 vagas de estágio. “É uma oportunidade real de inserção no mundo do trabalho, de forma qualificada, porque um dos desafios que a gente vê também é a empregabilidade informal, muitas vezes em trabalhos precários, ou em funções que não condizem com a formação ou preparo do estudante. Então, é uma oportunidade de entrar no mundo do trabalho dentro daquilo que ele passou três anos estudando, se preparando para atuar”, ressalta Mayra.

Essa inserção no mercado de trabalho traz aos estagiários uma série de benefícios, o principal deles seria a vivência da aplicação prática de

seus estudos. “Considerando que, principalmente na Educação Profissional, o processo entre teoria e prática é meio que indissociável, o estudante precisa ter essa articulação com o setor produtivo, para que ele consiga refinar os conhecimentos que adquiriu ao longo do curso”, reforça a gerente operacional.

A rotina em uma empresa também contribui para que os estudantes desenvolvam habilidades como a inteligência emocional, resolução de problemas e a capacidade de trabalhar em equipe, lidando com perfis diversos, além da responsabilidade e compromisso em respeitar horários, realizar tarefas e cumprir metas. “Ele tem a oportunidade

de fazer essa orientação para a carreira, porque ele está fazendo um curso integrado ao Ensino Médio e, no estágio, ele poderá ver se realmente aquela carreira faz sentido para ele ou não, porque vai estar imbuído dentro do setor produtivo”, afirma Mayra.

Outro ponto é o impacto financeiro gerado pelo estágio. “Em 2025, fizemos um formulário de entrada para os estudantes que começaram a estagiar, e a gente identificou que 62% deles estavam em famílias que sobreviviam com um salário mínimo. Então, durante esses seis meses de estágio, eles recebem uma bolsa e a gente percebe que esse recurso tem um impacto muito positivo na vida do estudante”, conclui.

Experiência agrega conhecimento prático à formação profissional

Sair da sala de aula para a rotina de trabalho traz novas perspectivas e ensinamentos. A estudante egressa da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Cônego Francisco Gomes de Lima, Ana Luísa Pereira de Almeida, teve essa experiência. Ela concluiu o Ensino Médio no ano passado quando também finalizou o curso técnico em Administração. Durante este período, por meio do Programa Primeira Chance, estagiou em uma imobiliária, em João Pessoa, e conta que a vivência no local foi de muito aprendiza-

do. “Foi a minha primeira oportunidade de emprego, e eu tive a sorte de encontrar um ambiente muito tranquilo, com chefes muito prestativos e solícitos, que me deram oportunidades ótimas ali dentro do trabalho. Foi maravilhoso!”, afirma. Para ela, poder estagiar fez toda diferença em sua formação profissional, pois foi nas atividades práticas que pôde averiguar em quais áreas tinha mais competência e em quais áreas precisava se aprimorar dentro das atividades administrativas. “Sair da teoria e ir para

a prática foi muito bom”, destaca.

Por seu desempenho durante o estágio, Ana Luísa foi efetivada e hoje integra o quadro de funcionários da empresa. “Para o trabalho, o curso técnico me ajudou bastante. Eu tive ótimas oportunidades, até mesmo de conhecer mais o ramo da corretagem, porque é como eu costumo dizer para as pessoas que me perguntam, eu caí de paraquedas em imobiliária, nunca tinha me imaginado trabalhando em uma, então foi muito bom descobrir um novo caminho, um novo mundo”, relata, ressaltando que o estágio também lhe abriu esta nova porta.

■ Estudantes recebem uma bolsa de R\$ 500 por mês, além de auxílio-transporte e um seguro-estágio



Foto: Arquivo pessoal

Ana Luísa foi efetivada no emprego após concluir o estágio

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A imagem

Qual é a imagem que persiste na sua memória? Há quanto tempo ela está esperando para ser desvendada? Às vezes ficamos com uma imagem presa na memória esperando o momento em que ela ganhará forma, seja através de uma escultura, pintura ou texto, não importa a forma, cedo ou tarde, ela se concretiza.

A minha chegou numa tarde de chuva fina, grudada na vidraça do ônibus. Era o perfil de uma mulher que olhava para uma vitrine, mas não para os produtos, para seu próprio reflexo embaçado pelo vapor. Havia algo nela, talvez a curva do pescoço inclinada levemente, como quem examina uma peça rara e familiar ao mesmo tempo, que me atravessou. O ônibus arrancou, a cena virou borrão, mas a imagem fixou-se em mim como um carimbo.

Por anos, aquela mulher anônima habitou meu imaginário. Tentei desenhá-la em cadernos de esquina durante reuniões tediosas, mas os traços nunca capturavam aquela dualidade da busca e o reconhecimento simultâneos. Tentei descrevê-la em frases soltas: “mulher-diálogo”, “silhueta-espelho”. Nada a libertava. Ela permanecia lá, esperando sua encarnação definitiva.

Até que um dia, caminhando por uma rua lateral do Centro, deparei-me com uma loja de objetos usados. Na vitrine, entre um violino sem cordas e uma máquina de escrever enferrujada, havia um pequeno espelho oval com o bronze desgastado. E então entendi. Não se tratava da mulher, mas do espelho, ou melhor, do que o espelho representava, não o reflexo da aparência, mas o portal para a memória que ela confrontava.

Comprei o espelho. Levei-o para casa, limpei-o com cuidado, mas preservei as marcas do tempo nas bordas. Coloquei-o sobre minha escrivaninha. Nas semanas seguintes, toda vez que me sentava para escrever, ali estava ele, lembrando-me que algumas imagens não são para que sejam reproduzidas, mas sim **compreendidas**.

A mulher da vidraça não era um retrato a ser pintado; era uma pergunta sobre identidade e passado. Ela não se via no presente, revisava uma versão anterior de si mesma, talvez uma que tivesse ficado para trás em algum ponto da vida. O que ela procurava? Confirmação? Arrependimento? Nostalgia? A imagem persistia porque era, no fundo, um autorretrato disfarçado.

Escrevi então não sobre ela, mas sobre o **intervalo**, o espaço entre o rosto real e o refletido, entre quem fomos e quem somos. A crônica saiu fluida, como se tivesse estado pronta o tempo todo, presa atrás de um véu. Falei de como carregamos imagens in-

ternas que nos definem, mas que raramente confrontamos diretamente. Falei de espelhos embaçados, de vitrines que mostram mais do que mercadorias, de ônibus que seguem viagem enquanto pedaços de vida ficam para sempre parados em algum ponto da cidade.

Quando terminei, olhei para o espelho oval. Nele, não vi mais a mulher da memória, nem mesmo meu próprio rosto com clareza. Vi, em vez disso, o próprio ato de olhar essa ponte frágil entre o mundo e nossa percepção. A imagem finalmente se concretizara, não como representação, mas como **revelação**.

Percebi, então, que as imagens que nos perseguem não são fantasmas a serem exorcizados pela arte, mas mensageiras. Elas batem à porta da consciência insistindo que há uma verdade emocional a ser integrada. Podem esperar anos, quietas no arquivo da mente, até que amadureçamos para decifrá-las.

Agora, quando me pego fixando uma cena qualquer, uma criança correndo atrás de uma bola, um casal de idosos de mãos dadas no parque, a luz da tarde entrando oblíqua pela janela, já não me apresso em transformá-la em arte. Deixo-a habitar-me. Pergunto-me: o que há aqui que precisa ser desvendado? Que diálogo interno essa imagem vem travar?

Porque cada imagem persistente é um fragmento de nossa própria história nos chamando para um entendimento mais profundo. Elas são sementes de significado, esperando o solo fértil da atenção para brotar. E, quando finalmente florescem, seja num texto, numa tela ou simplesmente no silêncio de uma compreensão íntima, realizam seu destino: tornam visível o invisível e nos lembram que a memória é, acima de tudo, um ato contínuo de criação.

Juliana Fernandes
Diretora regional do Serviço Social do Comércio (Sesc) na Paraíba

Rede nacional de serviços promove bem-estar de trabalhadores



Sesc tem estrutura que reúne equipamentos modernos, programação permanente e projetos itinerantes

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

O Serviço Social do Comércio (Sesc) é uma das principais instituições privadas de interesse público no Brasil. Criado e mantido por empresários do comércio de bens, serviços e turismo, o sistema integra uma ampla rede nacional, presente em todos os estados, que, ao longo de décadas, consolidou-se como referência na oferta de atividades que integram diferentes faixas etárias e contextos sociais. Sua estrutura reúne equipamentos modernos, programação permanente e projetos itinerantes que ampliam o alcance das ações, sempre acompanhando as transformações econômicas e culturais do país, a fim de aperfeiçoar o fazer institucional e atender a demandas sociais. Para conhecer as atividades que o Sesc desenvolve na Paraíba, o jornal **A União** entrevistou Juliana Fernandes, diretora regional da instituição, em João Pessoa.

Entrevista

- *O que é o Sesc e qual é o papel dele?*
O Sesc é um dos maiores programas de desenvolvimento social do mundo, que visa gerar oportunidades e capacitação para as pessoas, por meio do acesso à cultura, educação, saúde, lazer e assistência. O nosso foco é atender trabalhadores do comércio, de bens, serviços e turismo, bem como seus dependentes. Mas também atendemos a sociedade como um todo, principalmente a parcela mais carente.
- *No âmbito da capacitação para o público, quais são os serviços oferecidos?*
Nós desenvolvemos uma série de atividades. Temos escolas que vão do Ensino Infantil ao Médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e projetos de Educação Complementar. Da sala de aula, à biblioteca e às áreas de lazer, todos os nossos espaços têm um certo viés educativo. Nossas ações são realizadas em parceria com as propostas de cultura, lazer, saúde e assistência, a fim de proporcionar uma educação integral para todos que frequentam a instituição. Então, crianças, jovens, adultos e idosos podem encontrar, no Sesc, um ambiente que promove sua capacitação e desenvolvimento.
- *O Sesc disponibiliza cursos voltados para a área de hotelaria e gastronomia, entre outras opções. Com o investimento no Polo Turístico Cabo Branco, vocês sentem que a procura por esses cursos aumentou?*
Em outubro de 2025, inauguramos uma unidade chamada Centro de Tecnologia e Formação Profissional José Roberto Tadros, conhecida como “Senac Zona Sul”, que foi criada justamente para atender à demanda do Polo Turístico e região. Temos fechado muitas parcerias com os *resorts* que estão sendo construídos. Eles têm nos procurado e a gente tem capacitado mão de obra para que eles possam trabalhar e atender. Também estamos em contato com o Acquaí Park e vamos cuidar da formação para o trabalho nessa área. A procura é muito satisfatória e tem atendido às expectativas do nosso presidente Marconi Medeiros de Souza, que visava, justamente, atender às demandas que já existiam para o Polo Turístico, quando idealizou o Senac Zona Sul.
- *Quais cursos são oferecidos nessa unidade, especificamente?*
É um universo muito grande: tem cursos na área de gastronomia, hotelaria, para trabalhar na recepção, como camareira, como garçom ou como *barman*. Há também uma parte para informática e outra para costura, além de curso técnico em Enfermagem e áreas da estética. E se, por acaso, houver algum curso que a gente não disponibiliza, a gente cria para atender à demanda, dentro do portfólio que existe aqui, no nosso cenário de atuação.
- *E como funciona a criação desses cursos?*
O portfólio nacional do Senac é gigantesco, acredito que existem mais de mil cursos. Nós não abrimos, necessariamente, todos eles nas nossas unidades. Mas, se a demanda aparecer, conferimos o portfólio nacional e damos início à execução aqui, no nosso estado. Os cursos, no sentido da metodologia, já estão prontos — tudo descrito nesse portfólio a que me refiro — e autorizados pelo Ministério da Educação [MEC]. Então, quando surge a solicitação, basta puxar a documentação, que já está preparada, junto ao departamento nacional. Convocamos professores capacitados e, conforme a ementa, oferecemos o curso.
- *Uma outra pergunta é sobre a revitalização do Pavilhão do Chá. Como está o andamento da obra e quais serviços serão prestados para a população, uma vez que as reformas tenham sido concluídas?*
Nós já começamos com a recuperação da área, executando uma parte do plano de jardinagem, revitalizando o gramado em toda a praça. Mas o pavilhão, em si, está na fase de projeto, e nós estamos atuando em conjunto com o Iphan e o Iphaep, vendo o que pode e o que não pode ser feito. A previsão, no entanto, é que no começo do ano que vem esse espaço já esteja pronto e funcionando. O Sesc será o responsável pela parte de cultura e lazer, e o Senac ficará com a parte de restaurante e café. Então, o serviço oferecido na região será um misto de restaurante, café e escola. Nossa intenção de revitalizar faz parte do desejo de movimentar, cada vez mais, o Centro Histórico. É uma região onde existe bastante comércio e, como nós exis-

- timos por conta do comércio, não há nada mais justo do que investir em gerar mais movimento nesses espaços, que também acabam se tornando mais seguros.
- *Pensando na qualidade de vida dos paraibanos, que outros projetos desenvolvidos pelo Sesc a senhora pode elencar?*
O nosso presidente está muito voltado para a interiorização dos nossos serviços, para atender a Paraíba como um todo, tanto com o Sesc quanto com o Senac, que é o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Atualmente, existem 17 unidades do Sesc, distribuídas entre João Pessoa, Campina Grande, Patos, Sousa, Cajazeiras, Areia e Guarabira. Além dessas cidades, o Senac também possui unidade em Picuí e o pensamento do nosso presidente é que a gente vá até Monteiro. Queremos cobrir o estado de ponta a ponta. E nas cidades onde a gente ainda não tem unidade fixa, conseguimos atender através das nossas unidades móveis: o BiblioSesc, OdontoSesc e Saúde Mulher. Esses serviços chegam à cidade conforme demanda da prefeitura local, que entra em contato conosco. A partir daí, traçamos um plano que define qual ação será realizada e o tempo que a unidade deverá permanecer no município, a fim de atender à demanda. Geralmente, passamos pelo menos um mês na cidade. Essas unidades móveis são carretas que viajam pelo estado, repletas de equipamentos, carregando todo um laboratório.
- *Saindo do aspecto técnico, eu queria falar um pouco mais sobre o viés subjetivo do Sesc, que compõe a missão e os valores da instituição. O que a senhora pode me dizer sobre isso?*
Nosso objetivo é promover ações socioeducativas que contribuam para o bem-estar social e a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio, de seus familiares e da comunidade, visando a uma sociedade mais democrática e justa, através do lazer, da cultura, do acesso à saúde e do desenvolvimento das potencialidades de cada um.
- *Como o trabalhador do comércio e a sociedade, de forma geral, podem ter acesso a esses serviços? Há alguma diferenciação entre eles?*
Nós temos credenciais para o trabalhador do comércio e outra para o público geral. As duas categorias estão cobertas pelos mesmos serviços, mas os valores são diferenciados. Para o trabalhador do comércio, quando um dos nossos serviços é pago, os valores são sempre menores. Para fazer a credencial, é necessário vir a uma das centrais de relacionamento do Sesc, com a documentação solicitada, ou conferir a página dedicada às credenciais em nosso *site*. Para o trabalhador do comércio, essa emissão é gratuita e vale por dois anos. Depois, pode ser renovada. E, a partir dela, as pessoas podem ter acesso aos nossos equipamentos e atividades, como academia, ginásio e clínicas

- de saúde. Também não podemos esquecer os nossos hotéis: temos, hoje, dois hotéis na Paraíba, que são o Sesc Cabo Branco e o Hotel Escola Sesc Senac Bruxaxá. O Sesc tem a maior rede hoteleira de todo o Brasil — todos os estados possuem hotéis —, e os trabalhadores do comércio credenciados podem ter acesso a eles e usufruir.
- *Algumas das atividades, como as que são desenvolvidas na academia, acabam gerando grupos de convivência. Em relação à proposta de contribuir com o bem-estar social, vocês sentem que essa convivência ajuda?*
Acho que uma das melhores coisas realizadas pelo Sesc é a promoção do bem-estar para o trabalhador do comércio e toda a sociedade. Temos serviços para todas as idades, e existem relatos de pessoas, credenciadas conosco, que realmente passaram a viver com mais qualidade depois de ingressar em nossas atividades. Por exemplo, temos idosos que, ao começar a frequentar os encontros e exercícios em grupo, relatam que saíram de episódios depressivos. O cuidado com eles impacta toda a família, então esse retorno nos alegra muito.
- *Falando de atividades para todas as idades, há uma biblioteca infantil aqui na sede do Sesc Centro, em João Pessoa. Quais atividades são desenvolvidas nesse espaço?*
Diversas. Escolas vêm até aqui para fazer contação de histórias. Temos várias atividades de leitura, e a biblioteca costuma ser bem movimentada. É um espaço aberto ao público, então é só chegar e desfrutar da área, que foi recentemente reformada e está repleta de livros. É para todos.
- *Isso transforma o Sesc em um espaço de integração, não é?*
Sim! O Sesc abraça a quem chega. Algumas unidades são mais restritas — como o Sesc Gravatá, que é só para o trabalhador do comércio e os acompanhantes deste —, mas aqui, no Sesc Centro, temos alguns espaços voltados para o público em geral. Temos um café no térreo, a biblioteca, o ginásio, a academia. A gente existe para o povo, então todos são bem-vindos. Também desenvolvemos atividades para as famílias, que integram crianças e adultos. Temos um teatro, organizamos eventos com música, exposições de arte. São muitas ações. Através do nosso *site* e do nosso Instagram, @sescpb, esses serviços são divulgados.
- *Todos esses serviços tornam o acesso à educação, cultura e lazer mais democrático. Como vocês enxergam isso?*
Uma das atividades que realizamos são passeios turísticos, não só na Paraíba, mas também para outros estados, sempre com valores bem acessíveis para quem é trabalhador do comércio. Oferecemos exercícios, atividades culturais, espaços de convivência. A ideia é mostrar ao trabalhador do comércio que tudo o que há para ser desfrutado na vida em sociedade pode ser desfrutado

- também aqui no Sesc. Através de todos esses movimentos, a gente consegue fomentar ainda mais o comércio, porque, quando eu levo, por exemplo, o turismo para outras cidades, estou agitando o comércio que existe nela. Com isso, também estou aumentando a cultura e o bem-estar do nosso trabalhador, além de proporcionar a ele bons momentos em família. Então, é isso que buscamos fazer: melhorar a qualidade de vida dos nossos trabalhadores e, a partir daí, fomentar o comércio.
- *E qual a importância social de garantir que as pessoas tenham acesso a todos esses aparatos?*
No Sesc Gravatá, recebemos ofícios de instituições ou da própria prefeitura, porque muita gente não tem condição de frequentar uma piscina. Através das nossas unidades, muitas vezes sem custo nenhum, várias pessoas recebem essa oportunidade. Realizamos vários trabalhos com escolas públicas, para que eles possam vir e assistir a uma peça em nosso teatro. Temos o banco de alimentos, através do qual instituições cadastradas recebem doações. Tudo isso é muito importante. Trabalhamos muito, em várias frentes, para garantir o acesso facilitado à saúde, cultura, educação e lazer.
- *O Sesc Centro foi sendo aprimorado ao longo dos anos de trabalho. A senhora pode me falar um pouco sobre esse trajeto?*
O Sesc Paraíba tem uma trajetória que já soma 75 anos no nosso estado e que integra a história de 80 anos do Sesc no Brasil, marcada por um compromisso permanente com educação, saúde, cultura, lazer e assistência. Evoluímos acompanhando as transformações sociais, ampliando nossa presença e qualidade dos serviços, sempre atentos às necessidades reais dos trabalhadores e crescendo junto com o comércio paraibano. Essa missão tem sido fortalecida pela liderança e visão estratégica do nosso presidente José Marconi Medeiros, que compreende a importância de levar o Sesc e o Senac para onde o comércio está localizado ou em expansão e para onde o trabalhador mais precisa. É sob essa orientação que entregamos recentemente a reforma do Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, devolvendo ao coração da capital um equipamento moderno, diverso e acessível, com inúmeras atividades em todas as áreas de atuação do Sesc, incluindo nosso teatro, que é um dos mais modernos do estado. Como mencionado, recentemente nós também inauguramos o Senac Zona Sul, localizado em uma das regiões de maior expansão comercial de João Pessoa, atendendo não apenas a região, mas também a demanda pela capacitação profissional oriunda do novo Polo Turístico Cabo Branco, em construção. Esses investimentos refletem um compromisso de preparar o presente e o futuro do setor produtivo, qualificando pessoas, fortalecendo comunidades e contribuindo para o desenvolvimento sustentável da Paraíba e para a qualidade de vida dos paraibanos.

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Cuidado com o calor é fundamental

Hidratação adequada, horários de passeios e uso de protetor solar específico estão entre as recomendações

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Protetor solar, guarda-sol, garrafinha de água, óculos escuros e chapéu estão entre os itens mais utilizados para se proteger do sol e do calor intenso durante o verão. É comum ver pessoas nas ruas com pelo menos um desses recursos para minimizar os efeitos das altas temperaturas. No entanto, os humanos não são os únicos que sofrem nesse período. Os animais domésticos também ficam vulneráveis ao calor e podem ter a saúde comprometida caso não recebam a proteção adequada. Entre as possíveis consequências, estão desidratação, queimaduras nas patas, câncer de pele e até mesmo a morte.

O médico-veterinário Helder Camilo destacou a importância de manter o animal sempre bem hidratado, mas alertou que não é necessário — nem recomendado — que ele beba grandes volumes de água de uma só vez. Segundo ele, a ingestão excessiva de água enquanto o animal ainda está agitado, como logo após um passeio, pode provocar torção intestinal, um problema grave que só pode ser resolvido por meio de cirurgia.

Por isso, a recomendação é oferecer água em pequenas quantidades, várias vezes ao dia. “Algumas estratégias, como colocar gelo no potinho ou utilizar fontes — especialmente para os gatos, que preferem água em movimento — também são alternativas”, explicou Helder Camilo. Conforme ele explica, a oferta de alimentos mais úmidos, como sachês, tipo de refeição na qual se pode acrescen-

tar um pouco mais de água, também contribui para a hidratação.

Picolés, frutas e água de coco podem parecer opções saudáveis e, de fato, ajudam a amenizar o calor, mas é preciso atenção ao teor de açúcar, que não é indicado para animais. “No caso do picolé, ou se oferece em quantidades mínimas, ou opta-se por um tipo específico para *pets*, já que hoje existem linhas próprias de picolés e sorvetes para animais”, orientou o veterinário.

Frutas congeladas, como melancia, banana e manga, também podem ser oferecidas, mas com cautela. Caso não façam parte da alimentação habitual do animal, há risco de causarem diarreia devido à falta de adaptação do organismo.

Em relação à tosa, o profissional explicou que a redução da pelagem não significa, necessariamente, mais conforto térmico para o animal. Ele ressaltou que, ao contrário do que muitos imaginam, raspar os pelos durante períodos de altas temperaturas não é uma alternativa adequada. Segundo ele, é fundamental respeitar o padrão de pelagem de cada animal, já que, nos casos de pelagem longa, os pelos exercem a função de auxiliar na autorregulação da temperatura corporal. Assim, pelo longo não é sinônimo de mais calor, mas, sim, de conforto térmico, devendo-se manter a tosa conforme as características da raça, especialmente nos períodos mais quentes.

Caminhadas

Os horários de passeio com os animais devem priorizar os períodos em que o sol está mais baixo. Helder Camilo orientou que os tu-



Ambientes sombreados e bem ventilados são os mais indicados para o bem-estar dos pets nos períodos mais quentes do ano

tores evitem sair para caminhar após as 10h da manhã e antes das 17h, já que nesses horários a temperatura costuma estar mais elevada e o chão pode causar queimaduras nas patas. Ele também ressaltou que não é recomendado utilizar sandálias, meias ou chinelos nos animais para que andem na rua, pois o ideal é que caminhem de forma natural, com os devidos cuidados para evitar ferimentos. O especialista complementou, ainda, que a atenção deve ser redobrada quando o animal está com guia, já que não pode escolher onde pisar e as queimaduras nas patas são lesões de difícil tratamento e cicatrização.

Além do problema das queimaduras, o profissional frisou que o chão quente pode

ser particularmente perigoso para os animais que são braquicefálicos — aqueles que têm o focinho mais curto —, como os cães das raças *pug*, *shih-tzu* e *bulldog*. “Pelo fato de eles estarem muito perto do chão e existir a irradiação da temperatura, podem ter alguns problemas como mais dificuldade para respirar, o que pode contribuir para o aumento da temperatura do animal, trazendo uma série de repercussões negativas para a sua saúde”, disse o especialista.

Essas repercussões na saúde do animal, inclusive, podem ser fatais. “É muito comum em animais braquicefálicos acontecer episódios de hipertermia maligna. Os cães trocam a temperatura pela língua e esses animais que têm um focinho mais curto, costumam ter, também, dificuldade em regular a temperatura que é inspirada. Então, o cão fica muito ofegante, respirando com muita frequência, salivando bastante na tentativa de baixar essa temperatura, que pode passar dos 40 °C e, consequentemente, ser muito difícil de diminuir sem cuidado especializado de médico-veterinário”, explica o especialista, reafirmando o quanto é importante que o tutor esteja atento ao surgimento dos sintomas de hipertermia, para que o socorro seja rápido e preciso, especialmente se o seu animal de estimação for de alguma raça braquicefálica.

Caso o seu animal se apresente bastante ofegante e muito quente, Helder Camilo aconselha molhá-lo, colocando-o em um ambiente ventilado; após essa primeira ação, ele recomenda levá-lo para atendimento veterinário o mais rápido possível, já que é alta a chance de o animal de estimação precisar de algum medicamento, além da utilização de máscara de oxigênio. “É uma situação séria que pode levar o animal a óbito de forma muito rápida”, afirmou.

Outro cuidado que pode ser tomado durante o passeio é o uso de protetor solar. Existem produtos específicos para

animais, que devem ser usados na área acima do focinho, na qual não há muitos pelos e por isso é uma região que acaba ficando mais exposta ao sol. Helder Camilo ressaltou que o produto pode ser usado no corpo inteiro do cão, mas a necessidade maior é justamente nas áreas em que não há muito pelo para proteger.

O filtro solar é especialmente importante para cachorros de pelo claro e também para os que frequentam muito a praia, expondo-se ao sol por longos períodos. E não adianta tentar usar o filtro solar de humanos no seu cachorro, já que as formulações são diferentes e o produto desenvolvido para a pele humana pode acabar irritando a pele do animal.

Nas ruas

Se os animais domésticos já exigem tantos cuidados para enfrentar o calor, a situação é ainda mais delicada para aqueles que vivem abandonados nas ruas. Sem acesso regular à água, abrigo ou alimentação adequada, eles ficam ainda mais vul-

neráveis aos efeitos das altas temperaturas.

A Secretaria de Bem-Estar Animal de João Pessoa informou que, neste momento, não possui nenhuma ação específica voltada para os animais em situação de rua durante o período mais quente do ano. No entanto, anunciou que lançará, em março, o Banco de Ração, iniciativa que prevê, além da distribuição de alimentos, a entrega de comedouros e bebedouros para apoiar protetores independentes e comunidades que cuidam de animais abandonados.

A protetora Vania Maria contou que já há alguns anos deixa vasilhas com água na calçada de casa e também do abrigo de animais que mantém para que cães e gatos que vivem nas ruas tenham acesso.

Ela afirmou que repõe a água diariamente, além de deixar, também, uma vasilha com ração, mas lembrou que, durante um tempo, os potes precisavam ser fixados no chão para não serem retirados. “O pessoal entendeu, hoje não pegam mais”, disse.

Saiba Mais

Lista de cuidados essenciais com pets no calor

- **Hidratação constante:** deixe diversos potes de água limpa e fresca espalhados pela casa. Água de coco pode ajudar na hidratação, e pedrinhas de gelo no pote são recomendadas.
- **Ambiente arejado e fresco:** mantenha janelas abertas e, se possível, ventilador ou ar-condicionado. Tapetes gelados e toalhas úmidas ajudam a resfriar o corpo do animal.
- **Passeios seguros:** realize caminhadas apenas antes das 10h ou após as 16h para proteger as patas do chão quente. Evite exercícios intensos.
- **Alimentação refrescante:** ofereça frutas como melancia (sem sementes) ou picolés naturais feitos com sachês de comida úmida.
- **Cuidados com a pelagem:** não tose a pelagem de cães (como os de pelo longo) exageradamente, pois ela atua como isolante térmico contra o calor. Escove para remover subpelo morto.
- **Proteção solar:** utilize protetor solar veterinário em áreas com pouco pelo ou de pele clara, como orelhas, focinho e barriga.
- **Monitoramento da saúde:** atenção a sinais de hipertermia (aumento da temperatura corporal) — respiração muito acelerada, fraqueza, apatia, salivação excessiva, vômitos e diarreia.
- **Raças braquicefálicas (focinho curto):** *bulldogs*, *pugs* e gatos persas sofrem mais com o calor; mantenha-os sempre em locais ventilados ou climatizados.
- **Parasitas:** o verão aumenta a incidência de pulgas e carrapatos, mantenha o antiparasitário em dia.
- **Piscinas e água:** brincadeiras com água (piscininhas de plástico) são excelentes, mas sempre sob supervisão para evitar afogamentos.



Helder Camilo, médico-veterinário, sugere o consumo de alimentos que podem ser misturados à água

CÂNCER DE MAMA

Quantidade de óbitos reduz em 10%

Rastreamento precoce, ações terapêuticas e diminuição da idade média dos diagnósticos são fatores para a queda

Na Paraíba, comparando os dados dos últimos dois anos, houve uma queda de aproximadamente 10% nos óbitos por câncer de mama. De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), o número de mortes passou de 361, em 2024, para 324 no ano passado.

Tipo de câncer mais frequente entre as mulheres no Brasil, o câncer de mama fica atrás, apenas, do câncer de pele não melanoma. Ele também é a principal causa de morte feminina por câncer.

Apesar da alta incidência, a doença apresenta boas chances de prevenção e cura quando diagnosticada precocemente, por meio de exames como a mamografia. Os avanços terapêuticos, a ampliação do acesso ao tratamento e as ações educativas voltadas à conscientização e à detecção precoce têm contribuído para a redução da mortalidade.

Embora a SES-PB tenha informado que não dispõe dos dados referentes à quantidade de casos de 2023 a 2025, o Instituto Nacional de Câncer (Inca) estima um índice de 1.180 novos casos anuais de câncer de mama na Paraíba, o que representa uma taxa de incidência de 41,37 casos por 100 mil mulheres. A projeção para este ano, por sua vez, é de 1.640 novos casos no estado, um aumento aproximado de 38%.

De acordo com a publicação O Controle do Câncer de Mama no Brasil, divulgada no ano passado pelo Ministério da Saúde, apesar dos avanços no diagnóstico e no

tratamento, a doença mantém elevada taxa de mortalidade no país. Em 2023, o índice foi de 12,58 óbitos por 100 mil mulheres. As maiores taxas foram registradas nas regiões Sul (14,12) e Sudeste (13,26), seguidas pelo Centro-Oeste (12,48), Nordeste (11,19) e Norte (9,53). Na Paraíba, no mesmo ano, a taxa

foi de 10,27 óbitos por 100 mil mulheres, abaixo da média nordestina.

O número de mamografias com finalidade diagnóstica, realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), na Paraíba cresceu de 2020 a 2024. Foram realizados 722 exames em 2020; 1.034 em 2021; 1.220 em 2022; 1.357

em 2023; e 1.475 em 2024.

Entre as mulheres de 50 a 69 anos que, em 2019, haviam feito mamografia há menos de dois anos, observa-se diferença conforme o perfil social, considerando cor ou raça, nível de instrução e rendimento domiciliar *per capita*. Na Paraíba, 72,2% das mulheres com Ensino Superior realiza-

ram o exame, enquanto entre as que não possuem esse nível de escolaridade o percentual foi de 42,6%. Em relação à cor, 55,9% das mulheres brancas haviam realizado mamografia no período, contra 28,8% das mulheres pretas.

Em âmbito nacional, segundo dados do Ministério da Saúde, quanto maior o ní-

vel de escolaridade, maior o percentual de mulheres que realizaram mamografia. Os maiores índices de realização do exame também foram observados entre mulheres brancas, com exceção dos estados do Amazonas, Rondônia, Maranhão e Santa Catarina, além do Distrito Federal e Goiás.

Procura deve ser permanente durante o ano

Atuando no Hospital Napoleão Laureano, referência no tratamento oncológico em João Pessoa e região, a mastologista Juliana Gadelha afirma que, na prática clínica, tem observado o aumento tanto no número de casos quanto na conscientização das pacientes. Segundo ela, cresce a procura pelo diagnóstico precoce, o que tem elevado a realização de mamografias de rastreamento. Ainda assim, há vagas disponíveis para o exame, tanto no Laureano quanto em outras instituições.

A médica destaca que o principal desafio é manter essa procura ao longo de todo o ano, e não apenas durante a campanha Outubro Rosa. “O aumento da busca pelo exame em outubro acaba refletindo em um crescimento de diagnósticos no fim do ano, o que sobrecarrega o serviço com casos identificados a partir desse rastreamento concentrado”, explica Juliana.

Transformações

A especialista também chama atenção para uma mudança, em curso, no perfil das pacientes. A idade média ao diagnóstico tem diminuído. Juliana relata que a equipe tem atendido cada vez mais mulheres jovens, inclusive uma pa-

ciente de 18 anos com câncer de mama confirmado por biópsia. Se antes a doença era mais comum após os 50 anos, hoje cerca de metade das pacientes atendidas na unidade tem menos de 50 anos.

Sobre a prevenção, a mastologista explica que o Ministério da Saúde recomenda a realização da mamografia a cada dois anos



Entre os fatores de risco, está o uso indiscriminado de terapia de reposição hormonal sem acompanhamento médico

Juliana Gadelha

para mulheres entre 50 e 69 anos. Já as sociedades médicas orientam o início aos 40 anos, com periodicidade anual. Ela ressalta que a mamografia tende a ser mais eficaz a partir dos 40 anos, quando ocorre o processo de liposs substituição da mama, no qual o tecido glandular é gradualmente substituído por tecido gorduroso, facilitando a visualização de alterações no exame. Em mulheres muito jovens, com maior quantidade de tecido glandular, a detecção pode ser mais difícil.

Antes dos 40 anos, a ultrassonografia pode ser utilizada, embora não seja considerada exame de rastreamento. Para mulheres com histórico familiar de câncer de mama, a orientação é iniciar o acompanhamento 10 anos antes da idade em que o primeiro parente foi diagnosticado.

Sintomas e fatores de risco

A médica reforça a importância de observar sinais de alerta, como crescimento rápido de nódulos, alterações inflamatórias na mama — como vermelhidão e aumento de temperatura —, nódulos endurecidos e fixos, além de secreção pelo mamilo, especialmente quando transparente ou com sangue. Alterações na pele da mama também de-

vem ser investigadas.

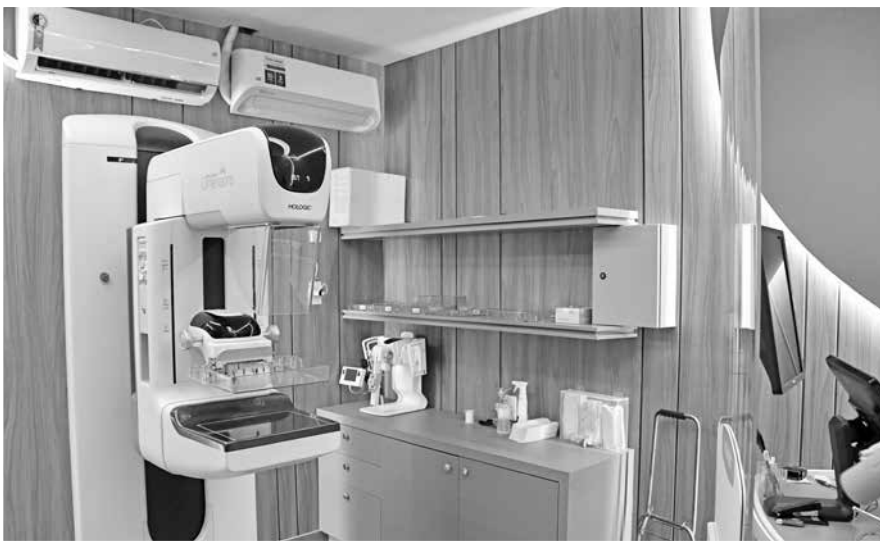
“Entre os fatores de risco, além do histórico familiar e do avanço da idade, está o uso indiscriminado de terapia de reposição hormonal sem acompanhamento médico”, destaca a especialista, lembrando que, embora raro, o câncer de mama também pode acometer homens.

Quanto ao tratamento, ela enfatiza que o diagnóstico precoce amplia as chances de terapias menos invasivas e mais eficazes, muitas vezes sem necessidade de quimioterapia ou mastectomia, sendo possível retirar apenas o tumor. Nos casos mais avançados, pode ser necessário recorrer à quimioterapia e à retirada da mama, situação em que o Sistema Único de Saúde (SUS) também garante a reconstrução mamária, quando há indicação médica.

A mastologista esclarece que evitar a quimioterapia é um desejo comum entre as pacientes, já que o tratamento provoca efeitos colaterais importantes, como a queda de cabelo, que impacta diretamente a autoestima. Por isso que o investimento no diagnóstico precoce é fundamental e que as campanhas de conscientização têm papel essencial ao estimular as mulheres a buscarem acompanhamento e exames regulares”, conclui.



O acompanhamento clínico por meio de exames como a mamografia pode ser realizado, em João Pessoa, no Hospital Napoleão Laureano, referência em tratamentos oncológicos na Paraíba



Fotos: Roberto Guedes

Pacientes relatam os desafios do tratamento

Com histórico de câncer de mama na família, Francileuza da Silva Ribeiro do Carmo, de 50 anos, mantém a mamografia anual em dia no Hospital Napoleão Laureano. Ela relata que a avó morreu em decorrência da doença, diagnosticada já em estágio avançado, em um período em que ainda havia muito constrangimento em procurar atendimento médico.

Francileuza relata que o pudor em realizar exames e expor o corpo atrasou o diagnóstico da avó. Hoje, ela percebe uma mudança de postura nas novas gerações, que demonstram menos resistência e mais cuidado com a prevenção.

Já Edna Sobral, de 56 anos, descobriu o câncer há cerca de um ano durante exames de rotina. Sem casos anteriores na família, ela foi a primeira a receber o diagnóstico. Após a cirurgia para retirada do tumor, segue em tratamento com quimioterapia. Edna destaca o impacto emocional da notícia, que descreve como devastadora. Além dos desafios físicos do tratamento, ela afirma ter sentido o afastamento de amigos e conhecidos, que passaram

a agir com receio, como se a doença fosse contagiosa. Apesar disso, ressalta que conta com o acolhimento da família nesse momento.

Outra paciente, Maria Auxiliadora Elias Bezerra, de 47 anos, também está em tratamento contra o câncer de mama. Ela conta que identificou alterações na mama durante o autoexame e, em seguida, procurou atendimento médico. A mamografia e a biópsia confirmaram o diagnóstico. “Eu costumava realizar exames regularmente, especialmente após as gestações, quando recebia orientações no pré-natal, mas com o tempo, reconheço, relaxei na rotina de acompanhamento”.

Maria Auxiliadora fala, inclusive, sobre os impactos do tratamento, principalmente na autoestima. “A queda de cabelo, consequência da quimioterapia, ainda é difícil de enfrentar, além do cansaço provocado pelas sessões”. Apesar das dificuldades, ela afirma que segue firme, amparada pelo marido, que a acompanha nos procedimentos, pela família e pela comunidade da igreja, que oferecem apoio durante o processo.

CICLISTAS NA CAPITAL

Acidentes caem, mas riscos persistem

Apesar de uma queda de 38% em colisões envolvendo bicicletas no estado, adeptos atravessam desafios diários na rua

Samantha Pimentel
samanthaauniao@gmail.com

Quem usa bicicleta diariamente enfrenta riscos no trânsito. Disputar espaço com motos, carros e caminhões pode ser difícil e, além de tudo, perigoso. A falta de ciclovias e ciclofaixas é outro fator que prejudica o uso desse transporte. E, mesmo quando esses equipamentos existem, muitas vezes não são respeitados, o que também pode contribuir para os acidentes. Porém, todas essas adversidades parecem estar contribuindo para deixar os ciclistas mais prudentes e atentos, já que o número de acidentes na Paraíba reduziu em 2025.

Segundo informações do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB), com base nos dados da Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Sesds), em 2024, os acidentes de trânsito envolvendo bicicletas somaram 437 ocorrências — uma média diária de 2,5 —, apresentando 20 vítimas fatais. Já em 2025, o número diminuiu para 268 casos — uma média



João Pessoa é a 17ª capital do país em malha cicloviária, segundo associação nacional do setor

de 1,2 por dia — com 15 vítimas fatais. A redução foi de aproximadamente 38%.

Embora os números de acidentes tenham diminuído no estado, quem anda rotineiramente de bicicleta por

João Pessoa relata as dificuldades enfrentadas, sobretudo quanto à falta de espaço no trânsito. Conforme a Associação Brasileira do Setor de Bicicletas (Aliança Bike), a cidade ocupa a posição de 17ª capital

do país em malha cicloviária, com 76,77 km de ciclovias e ciclofaixas, atrás de outras capitais do Nordeste, como Fortaleza (CE) — em terceiro lugar, com 477,60 km; Salvador (BA), em quinto lugar,



Fotos: Roberto Guedes

Pistas são disputadas com carros, motos e caminhões

com 308,59 km; e Recife (PE), em nono, com 132, 25 km. Os dados são de julho de 2025.

Hospitais

Quanto aos atendimentos médicos relacionados a acidentes com bicicletas na Paraíba, em 2024, 1.333 pessoas deram entrada em hospitais, após ocorrências do tipo, em busca de assistência. Já no ano passado, o número foi

de 1.273 — uma redução de aproximadamente 4,5%.

O índice tem como base os dados das duas principais unidades de Saúde do estado, que são consideradas referências para esses casos: o Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa, e o Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, em Campina Grande.

Usuários pedem ampliação de vias exclusivas para outros bairros

Para Edivânio Varela dos Santos, morador de João Pessoa que anda de bicicleta pela cidade desde a adolescência, o número de ciclovias e ciclofaixas ainda é insuficiente. “Uso ciclovia quando vou para a praia. É bom que fico mais protegido, mais distante dos carros. Mas precisa ter mais ciclovias, porque, nos bairros mais distantes da praia, como em Cruz das Armas, não tem. No Centro, era para ter, porque em muitos lugares nem acostamento tem, a gente anda vulnerável a um acidente”, reclama.

Ele conta que usa a *bike* para se locomover para todos os lugares, há mais de 20 anos, e que nunca sofreu acidentes, mas já passou por situações arriscadas no trânsito. “Já passou perto [de haver um acidente], mas nunca tive nada. Muitos carros não respeitam nem as motos, quanto mais as bicicletas. Tem que andar sempre atento, é perigoso. Ônibus ‘tirando fino’ na gente, é complicado. Mas eu gosto, sempre tive bicicleta, não troco, não”, destaca. Edivânio ainda confessa que não usa capacete ou outro equipamento de proteção, embora saiba que são importantes.

Outro ciclista de João Pessoa, Wires Mendes, usa a bicicleta como meio de trabalho. Ele adaptou sua *bike* e colocou, nas partes dianteira e traseira, duas caixas para carregar garrafas de café, lanches, pipoca, balas, pirulitos e outros produtos que vende nas ruas. “Trabalho nela todo dia, faz uns 15 anos. Acho mais tranquilo, porque já estou acostumado, nunca tive acidente, mas já passei um susto grande: fui passar num cruzamento e olhei só para um lado, do outro lado um carro veio e freou



Fotos: Roberto Guedes

Wires Mendes utiliza sua bicicleta para o trabalho há 15 anos

em cima de mim”, relata ele, frisando que, depois desse episódio, ficou mais atento. Wires também não usa equipamento de proteção.

Damião Toscano, mais um ciclista da capital, conta que anda de bicicleta pela cidade há mais de 30 anos e reforça o coro por mais segurança. “Costumo combinar passeios em grupos, porque acho mais seguro. Quando tem mais gente, os carros passam com mais cuidado, com medo de bater, e até mesmo a possibilidade de assaltos é menor”, comenta. Quanto ao espaço disponível para as *bikes*, ele aponta a necessidade de ampliação das ciclovias: “Quase não temos [ciclovias] nos bairros, estão mais em pontos turísticos. Não temos a interligação dos bairros para o Centro e do Centro para as praias. A prefeitura precisa investir nisso”, defende Damião, argumentando que também faltam serviços de manutenção nos espaços já existentes — muitos dos quais, segundo o ciclista, apresentam desníveis e até buracos.

A equipe de reportagem do jornal **A União** procurou a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP),

para saber se existem projetos de ampliação das ciclovias e ciclofaixas na cidade, bem como da manutenção dessas estruturas. No entanto, até o fechamento desta edição, não houve retorno de representantes do órgão.



Precisa ter mais ciclovias, porque, em muitos lugares, nem acostamento tem. A gente anda vulnerável a acidentes

Edivânio dos Santos

Regra de distância mínima e uso de EPIs ajudam a manter segurança

De acordo com o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), os condutores de automóveis precisam manter uma distância mínima de 1,5 m dos ciclistas, que devem trafegar na mesma mão da via, e nunca em sentido contrário, como explica a coordenadora de Educação para o Trânsito do Detran-PB, Ariana Nogueira.

“O ciclista deve se colocar no trânsito como um participante desse espaço, como qualquer outro. E é importante se fazer ser visto. Então, quando ele anda no lugar errado, isso dificulta a visualização dele naquele espaço e, em decorrência disso, podem acontecer acidentes”, afirma. Outros pontos relevantes sobre o tema é que os ciclistas não devem circular pelas calçadas e precisam trajar os equipamentos de proteção individual (EPIs) adequados para garantir maior segurança no trânsito. “Mas, muitas vezes, a gente percebe que quem faz uso desses equipamentos são apenas os ciclistas esportivos. Porém, quem se desloca para o trabalho também deve usar capace-

te, assim como o motociclista precisa usá-lo para andar de moto”, salienta a representante do Detran-PB.

Ariana ressalta, ainda, que é preciso que a população se eduque melhor para a convivência no trânsito, pensando na segurança coletiva e no bem comum e assumindo suas responsabilidades individuais. Em sua avaliação, a capital paraibana necessita avançar em termos de políticas públicas para o ciclista. “Ainda existe uma necessidade de melhoramento na urbanização e na mobilidade humana do trânsito — e a gente tem usado esse

conceito de humano porque, afinal, o trânsito é feito por pessoas e para pessoas, então, dentro das cidades, precisamos criar uma mobilidade para garantir a segurança de todos”, observa.

Em relação à utilização de ciclovias e de ciclofaixas, Ariana frisa que tais espaços são exclusivos para bicicletas. Por isso, motos, carros ou qualquer outro tipo de meio de transporte, assim como os pedestres, são proibidos de trafegar ali. Além do risco de provocar acidentes, o descumprimento da norma é considerado infração grave, de acordo com o CTB.

Saiba Mais

Embora ambas sejam pensadas para o tráfego exclusivo de bicicletas — e muitas vezes entendidas como sinônimos —, ciclovias e ciclofaixas são diferentes. As duas podem ser de sentido único ou bidirecional (mão dupla), mas a primeira distingue-se por ser separada da via para automóveis, apresentan-

do elevação ou barras de proteção e, dessa forma, mantendo o ciclista afastado dos outros veículos e dos pedestres. Já a ciclofaixa é um espaço delimitado na própria pista, junto aos demais meios de transporte ou transeuntes e sem separação física, podendo ser traçada em uma faixa ou calçada.



Foto: Ornilo Antônio/Arquivo A União

Representante do Detran-PB frisa que acessórios como o capacete são essenciais no trânsito

EM CABACEIRAS

Turismo internacional é foco de ação

Cursos buscam capacitar empreendedores locais para melhor atender público crescente de visitantes estrangeiros

O município de Cabaceiras, no Cariri, é apontado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no estado (Sebrae-PB) como um dos destinos turísticos mais visitados na Paraíba. Empreendedores locais têm registrado a presença de visitantes de diferentes partes do país e do mundo, que demonstram interesse pela cultura, pela história e pelas belezas naturais da região, como o Lajedo de Pai Mateus.

Também conhecida, popularmente, como a Roliúde Nordestina — graças ao fato de, oferecendo condições climáticas e de iluminação favoráveis, servir como cenário recorrente em dezenas de filmes e séries de TV, como a adaptação cinematográfica de “O Auto da Compadecida” (2000) —, Cabaceiras também se tornou um destino muito procurado por fãs de produções audiovisuais.

Com o objetivo de contribuir para o crescente desenvolvimento turístico da cidade, o Sebrae-PB anunciou a realização de uma série de capacitações, programadas para ocorrer ao longo de todo o ano, voltadas ao preparo dos empreendedores e donos de negócios locais para um melhor atendimento ao turismo internacional. De acordo com a entidade, para se ter



Viajantes de outros países demonstram interesse pelas belezas naturais e pela cultura da chamada Roliúde Nordestina

uma ideia sobre o impacto da visitação estrangeira em Cabaceiras, um dos empreendimentos locais — a Cafeteria Dona Inácia, situada no Centro da cidade — registrou a passagem de viajantes oriundos de 19 países diferentes em 2025, incluindo Austrália, Estados Unidos, Nova Zelândia, Japão, Israel e Itália.

Uma das proprietárias do estabelecimento, Maria-

na Duarte Lopes, relatou que o contato com turistas internacionais tem ocorrido desde a inauguração do negócio. “Nós começamos a funcionar em 2024, durante a Festa do Bode Rei [em junho]. Já no primeiro dia, por ser uma grande festa, havia muitos argentinos, portugueses e espanhóis, e todos passavam pela cafeteria”, contou, explicando que as visitas também decor-

reram da localização privilegiada do empreendimento, em frente à famosa Igreja Matriz de Cabaceiras — “porta de entrada dos turistas”, como definiu Mariana.

Capacitações

A nova iniciativa do Sebrae-PB, implementada em parceria com a Prefeitura Municipal, prevê a oferta de cursos com temas como go-

vernança; gestão e planejamento integrado; qualificação e inclusão socioproductiva; infraestrutura, sinalização e acessibilidade; turismo criativo, cultural e de experiência; promoção e posicionamento de mercado; inovação, sustentabilidade e turismo regenerativo. Sem especificar datas, o Sebrae-PB informou que as capacitações serão lançadas em breve.

De acordo com o gerente da agência regional da entidade em Campina Grande, João Alberto Miranda, o momento atual de Cabaceiras exige, de fato, planejamento e organização para acompanhar o novo fluxo internacional. “Uma das metas colocadas no plano estratégico de turismo de Cabaceiras, para este ano, é criar um mecanismo para mensurar e quantificar o número de visitas internacionais no município”, indicou.

Potencial

Na avaliação do Sebrae-PB, a frequência de turistas estrangeiros na cidade decorre, principalmente, do interesse pela natureza, um dos grandes atrativos locais. Mas iniciativas privadas e a atuação de grupos de pesquisadores — ligados não apenas ao meio ambiente, mas a áreas como Cinema e Geologia — vêm ampliando o apelo do município no turismo internacional. Além disso, roteiros como a Rota do Couro — que evidencia a tradição cabaceirense de quase 40 anos na confecção de artefatos em couros bovino e caprino — e a Rota do Cinema — que passeia por atrações culturais e artísticas — explicitam o potencial local em diferentes segmentos de interesse.

PROMOVA A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE DO SEU NEGÓCIO COM OS SERVIÇOS DO BRAILLE A UNIÃO

SOLICITE UM ORÇAMENTO:
brailleauniao@epc.pb.gov.br
(83) 3218-6500 / ☎ (83) 98201-9809

Braille
A UNIÃO

**EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO**

MARKETING EPC

CINEMA

Caça aos curtas

A **União** mostra onde é possível assistir a nove dos 15 curtas-metragens de ficção, animação ou documentário indicados ao Oscar deste ano

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Divididos em três categorias — ficções em *live action*, animação e documentário — os curtas-metragens que disputam o Oscar deste ano não têm as mesmas janelas de exibição (nem os mesmos orçamentos, claro) que longas badalados como *Uma Batalha após a Outra* e *O Agente Secreto*. Ainda assim, os espectadores podem conferir alguns desses títulos antes da cerimônia de premiação, marcada para 15 de março, graças às plataformas de *streaming*, pagas ou gratuitas. **A União** mostra abaixo onde é possível assistir a nove filmes indicados nesses segmentos.

Entre os curtas em *live action*, *Os Cantores*, do diretor estadunidense Sam A. Davis, está presente no catálogo da Netflix (para assinantes), desde a semana passada. Baseado em conto do século 19, escrito pelo russo Ivan Turgenev, o filme narra a “batalha musical” de três personagens, que dividem espaço num bar decadente. Os atores Michael Young e Chris Smither interpretam cantores em pólos opostos; Will Harrington dá a vida ao terceiro artista, que surge para tentar apaziguar os ânimos. O filme foi previamente laureado em festivais independentes nos Estados Unidos.

O Drama Menstrual de Jane Austen, brinca, no título original, com a palavra “*period*”, que em inglês tanto pode significar “período”, de forma literal, quanto o ciclo menstrual, de maneira simbólica. Escrito e dirigido por Julia Aks e Steve Pinder, o filme norte-americano satiriza o livro *Orgulho e Preconceito*, centrando seus conflitos na oprimida Miss Estrogenia Talbot, protagonista também interpretada por Aks. No perfil da realizadora no YouTube, o curta está disponível sem legendas oficiais em português (mas é possível acionar o recurso de autotradução do vídeo). No Brasil, o curta estreou sexta-feira (20) na plataforma de *streaming* Filmicca.

Two People Exchanging Saliva está em exibição gratuita no perfil da revista *The New Yorker* no YouTube — também não há legendas em português, mas o recurso de autotradução pode ser acessado. Coprodução entre a França e os Estados Unidos, o roteiro é ambientado em mundo não tão distópico, onde um simples beijo pode ser punido com a morte. Dois curtas *live action* que disputam essa categoria no Oscar permanecem inacessíveis no país — *A Friend of Dorothy* (de Lee Knight e James Dean) e *Butcher’s Stain* (de Meyer Levinson-Blount).

Animações e documentários

Considerando os curtas animados, outros dois filmes foram disponibilizados no YouTube, ambos podem ser acompanhados sem legendas, pois não há diálogos. Em *The Three Sisters*, do diretor russo

Konstantin Bronzit, as três parentes indicadas no título vivem isoladas numa ilha: elas entram em confronto quando precisam decidir qual de suas casas deverá ser alugada a outra pessoa. Já *Forevergreen*, dos realizadores americanos Nathan Engelhardt e Jeremy Spears, acompanha a amizade entre um ursinho marrom e uma árvore, relacionamento ameaçado pela ação poluente do homem.

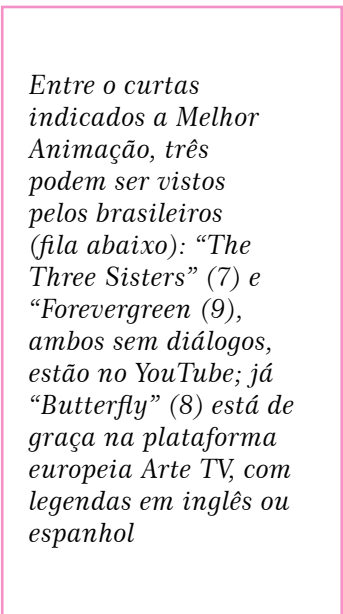
Butterfly, de Julii Orlik, está disponível gratuitamente no catálogo da plataforma europeia Arte TV, mas dispõe de legendas apenas em inglês e espanhol. A narrativa presta um tributo a trajetória do atleta judeu Alfred Nakache: a animação foi realizada a partir de aquarelas pintadas a mão. Disputando os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, Nakache ganhou o apelido de “nadador de Auschwitz”: ele e o colega Ben Helfgott foram dois dos únicos sobreviventes do Holocausto a participarem de competições esportivas após o calvário dos campos de concentração.

Mais dois curtas animados seguem sem previsão de estréia nos cinemas e nos *streamings* do Brasil. O primeiro, *Retirement Plan*, projeto irlandês do diretor John Kelly, no qual o personagem principal é um senhor de idade sobrecarregado com as tarefas cotidianas, que sonha com sua aposentadoria. O segundo, *The Girl who Cried Pearls* (de Chris Lavis e Maciek Szczerbowski), também não dispõe de janela de exibição no Brasil, mas há um *making of* no YouTube, em que os realizadores explicam detalhes da produção canadense, que utilizou técnicas de *stop motion*.

Por fim, três curtas-metragens documentais que concorrem ao Oscar 2026 ganharam janelas de exibição no Brasil em plataformas de *streaming*. Dois deles, citados na HBO Max (acesso pago): *O Diabo Não Tem Descanso*, de Christalyn Hampton e Geeta Gandbhir, relata as tensões cercam a saúde reprodutiva dos EUA, representadas no dia a dia de Tracii, segurança de uma clínica de aborto; *Armado com uma Câmera – Vida e Morte de Brent Renaud* remonta a trajetória do fotógrafo americano morto em 2022, enquanto cobria a invasão da Rússia à Ucrânia. O filme foi realizado por Craig Renaud, irmão de Brent.

Na Netflix, *Quartos Vazios*, do norte-americano Joshua Seftel, perfaz um compilado audiovisual comovente de famílias que perderam seus filhos durante tiroteios em escolas estadunidenses. Completam a lista de indicações a Melhor Curta-metragem Documental (ainda não estão disponíveis para o público brasileiro): *Children No More – Were and Are Gone*, dirigido pela israelense Hilla Medalia, foca no ativismo em prol das crianças de Gaza; *Perfectly a Strangeness*, da canadense Alison McAlpine, descreve a presença incomum de três burros num observatório astronômico abandonado.

Fotos: Divulgação



Documentários: “O Diabo Não Tem Descanso” (1) e “Armado com uma Câmera” (2) estão na HBO Max, e “Quarto Vazio” (3), na Netflix; ficções: “Two People Exchanging Saliva” (4) pode ser visto no canal da revista “The New Yorker” no YouTube, “Os Cantores” (5) está na Netflix, e “O Drama Menstrual de Jane Austen” (6), no Filmicca

Entre o curtas indicados a Melhor Animação, três podem ser vistos pelos brasileiros (fila abaixo): “The Three Sisters” (7) e “Forevergreen” (9), ambos sem diálogos, estão no YouTube; já “Butterfly” (8) está de graça na plataforma europeia Arte TV, com legendas em inglês ou espanhol

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Modernização sem ruptura: Estado e patrimonialismo no Brasil

Entre os temas mais comuns do pensamento político brasileiro estão o processo de formação do Estado nacional, a fragilidade das instituições republicanas e a persistência de práticas autoritárias.

Raymundo Faoro, por exemplo, ocupou-se do processo de adoção das instituições liberais e suas relações com estruturas hierárquicas que surgiram com a colonização do país. Segundo Faoro, precisamos observar o papel do patrimonialismo na formação do Estado brasileiro. O patrimonialismo é uma forma moderna de dominação em que a distinção entre público e privado não é clara, mas difusa.

O Estado brasileiro foi apropriado por um estamento burocrático. O argumento de Faoro é o de que o patrimonialismo no Brasil não é um resíduo arcaico, mas uma forma moderna de dominação. Aqui, a modernização institucional ocorreu sem a ruptura entre o público e o privado. O que vimos nascer no Brasil foi um Estado que utiliza instrumentos modernos: leis, cargos, políticas públicas, empresas estatais, con-

tratos, mas opera segundo uma lógica patrimonial, isto é, orientada pela apropriação privada do Poder Público. Em outras palavras: o país industrializou-se, urbanizou-se e adotou instituições democráticas, ao mesmo tempo em que manteve padrões altamente desiguais de acesso ao poder.

Essa ideia articula-se bem com Sérgio Buarque de Holanda e o seu conceito de homem cordial. Em *Raízes do Brasil*, o homem cordial é apresentado como figura típica do Brasil. Ele é alguém movido pelas paixões, por sociabilidades pessoais e afetivas. Longe de significar cordialidade no sentido positivo, tal ideia revelaria a dificuldade histórica de institucionalização de normas impessoais, elemento essencial para o funcionamento da democracia moderna. Isso faz do Brasil, na visão de Sérgio Buarque de Holanda, um país que não conseguiu gerar um processo de modernização, incapaz de estabelecer um Estado que funcionasse por meio da impessoalidade racionalidade legal.

Esse pensamento nos revela a percepção de uma modernização incon-

clusa, marcada menos pela ausência de formas institucionais modernas e mais pela permanência de estruturas sociais e culturais que tensionam seu funcionamento.

Tanto em Raymundo Faoro quanto em Sérgio Buarque de Holanda, o problema central não está na inexistência de leis, cargos ou procedimentos democráticos, mas na dificuldade histórica de submeter o poder a uma lógica verdadeiramente impessoal.

O patrimonialismo e o homem cordial, cada qual a seu modo, revelam a persistência de uma ordem em que vínculos pessoais, hierarquias herdadas e apropriações privadas atravessam o espaço público.

Assim, a fragilidade das instituições republicanas não pode ser compreendida apenas como falha normativa, mas como expressão de um processo de formação estatal em que a separação entre público e privado jamais se consolidou plenamente, mantendo aberta a contradição entre modernidade institucional e as práticas sociais que a corrompem por dentro.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Exílio e música para a paz social

A obra musical e o compromisso para construção da democracia e da paz mundial do violoncelista catalão Pau Casals i Defilló (1876-1973) legitimam sua história artística durante um século como intérprete, regente, compositor, professor e humanista. Aos 23 anos, conquistou sucesso em Paris sob a regência do violinista francês Charles Lamoureux (1834-1899). A partir desse evento, ele iniciava uma brilhante carreira como solista, que o levou a se apresentar nas melhores salas de concerto do mundo. Em 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, mudou-se para Nova York, onde continuava suas turnês de concertos. Em 1919, ele retornou a Barcelona e fundou a Orquestra Pau Casals, que regeu até 1936. Com a eclosão da Guerra Civil Espanhola, de 1936 a 1939 e a vitória do general espanhol Francisco Franco Bahamonde (1892-1975), em 1939, Casals fugiu para Prades, em França, onde passou os primeiros anos de exílio, e a partir de 1957 viveu em San Juan, Porto Rico, onde faleceu em 1973, aos 96 anos. Em novembro de 1979, com o retorno das instituições democráticas e de acordo com seus desejos, seus restos mortais foram transferidos para o cemitério de sua cidade natal, El Vendrell.

Como intérprete, sua inovação na técnica de arco e dedilhado o tornou um virtuoso do violoncelo moderno. Aos 13 anos, redescobriu as *Seis Suítes para Violoncelo* do músico barroco alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750). Anos depois, Casals interpretou e gravou essas obras. A sua contribuição para o estudo do violoncelo é um cânone para músicos de concertos, tanto por sua maneira natural de tocar quanto por sua intuição, que o levou a



O violoncelista Pau Casals usou a música contra as guerras

tornar-se um dos intérpretes imortais da história da música erudita. Como regente, seus gestos acompanhavam o fraseado musical e possuíam uma beleza natural que nenhuma escola seria capaz de ensinar. Seu objetivo ia além da perfeição técnica, buscava comunicar o poder inato da música. Além da Orquestra Pau Casals, ele regeu diversas orquestras internacionais. Após a Segunda Guerra Mundial, que durou de 1939 a 1945, ele regeu regularmente o Festival de Prades, o Festival de Porto Rico, o Festival de Marlboro e, a partir de 1962, apresentou seu oratório *El Pessebre* em vários países. Como compositor, além dessa obra citada, do “Hino às Nações Unidas” e do arranjo para violoncelo de “*Song of the birds* (Canção dos pássaros)”, ele também escreveu músi-

ca religiosa, *lieds*, sardanas, música de câmara e composições de grande escala.

Ao longo de sua vida, Pablo Casals inseriu a música erudita a serviço dos ideais de paz, justiça e liberdade. Em 1917, recusou-se a tocar na Rússia soviética e — alguns anos depois, em 1933 — recusou-se a tocar na Alemanha nazista de Adolf Hitler (1889-1945). Do exílio, ajudou milhares de refugiados da Guerra Civil Espanhola e, com a Segunda Guerra Mundial, intensificou seu compromisso e seus concertos beneficentes para as vítimas. Em 1946, recusou-se a tocar para os países aliados devido à tolerância destes com o regime do general Franco, e entrou em um longo período de silêncio.

No fim da década de 1950, Pablo Casals ampliou o escopo de sua luta con-

tra o franquismo em particular e as ditaduras em geral para a conquista da paz mundial. A preocupação com a ameaça nuclear na época da Guerra Fria, ele fortaleceu sua esperança e seu apego à governança mundial: a Organização das Nações Unidas, para a qual foi convidado em três ocasiões. Essa postura rendeu-lhe, entre outras honrarias, a Medalha Presidencial da Liberdade, a Medalha da Paz das Nações Unidas e uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz. O ensinamento de Pablo Casals permanece muito atual nos dias de hoje. A defesa da paz, da democracia, dos direitos humanos, da tolerância, do respeito e do compromisso social são temas mais importantes e extremamente relevantes no mundo constituído de ódio, de terror e de possíveis guerras. Na Fundação e Museu Pau Casals, cidadãos trabalham para disseminar sua contribuição como um exemplo inspirador para ajudar a criar a paz entre as nações e sociedades harmoniosas. O nome de Pablo Casals é lembrado em museus, festivais e auditórios da Catalunha, França, Alemanha, Estados Unidos, Porto Rico e Japão, mantendo viva a herança crítica e as contribuições de um dos músicos mais comprometidos com a preservação da dignidade humana do século 20.

Sinta-se convidado à audição do 556º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 22 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas obras de Pablo Casals (1876 – 1973), que ele utilizava como processo para construção da paz entre os países.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Rebentação no lar

Esta é uma crônica sobre o espanto em tempo de desencanto, sobre a rebentação no lar, o centro da vida e do abuso de aspecto triste, mas que tanto tem se revelado assustador. Quem era ele? Por quê? Não sei. Esses são os tempos em que fazemos muitas perguntas e não queremos entender. Tá na cara. Matou os dois filhos e depois se matou?

A maior parte de nós não quer saber ou ignora a resposta: eu estou aí, não querer saber quem é, porque aumenta o espanto, o medo, a comisseração que vai contra ensinamentos, no momento em que a notícia se espalha. Ouvi de uma mulher na padaria que o casal já estava separado, ele traiu primeiro. Como a senhora sabe?, perguntei

Usando a violência, um pai de 40 e poucos anos, mata os dois filhos e depois se mata — ao ver o que queria, a imagem de sua mulher com outro homem, cujo vídeo ele mesmo encomendou a um detetive. A palavra é encomendar?

Ele só queria certificar para si mesmo, que a sua mulher estava com outro. Pagar para ver. Essa coisa da propriedade, da posse, é uma arma quente. Faz tempo. O pai disse que amava os filhos...

Conheço pessoas que resolvem as confusões amorosas ou não resolvem, mas não partem para violência. Teria Thales cometido um feminicídio? Afinal, ele destruiu a mulher.

Nem quero pensar que velório seja um lugar público, mas as imagens de pessoas querendo atacar a mulher, no enterro dos filhos, colocando-se no papel do protagonista, subtraindo a cena já consumada — resumo — são horrores do cotidiano.

Na verdade, não há o protagonismo, há a falta de lucidez, o ciúme e sua flecha, a notícia sendo repostada. Quem era ele? Quem é ela? Normalmente inconsequente e incompleto, o ser humano não muda. Os resultados são assustadores. Tolstói diz que os guerreiros mais poderosos são o tempo e a paciência.

Aliás, querer saber o sítio do outro, para destruir, é a loucura que perdura. Eu pensava que não veríamos mais cena dessa natureza, o pai mata os filhos, filhos que matam os pais. Quem faz isso por ciúme, insegurança, desespero, não deveria sequer existir, mas tirar a vida dos filhos...

Onde está o amor, que é tão falado e pouco vivido. Tão abundante a luz, o silêncio. Homens matando as mulheres sem parar. Quando um não quer mais o outro, não quer mesmo. Espera-se uma ação outra do marido, uma vênica ao destino antes de antecipar a morte. A vida dos filhos, os que eles seriam no futuro, a flor da idade, nem isso foi pensado.

Eu me impressiono com a repetição. Não sou ninguém para anunciar nomes. Ter um filho já é mágico (por mérito próprio) e temos que saber tirar o melhor proveito. Quanta coragem, matar os filhos e se matar.

Eu permaneço envergonhado, matar a mulher virou um hábito, como ler um livro, mas poucos leem. Matar os filhos é abrir o caminho para a morte.

Kapetadas

- 1 – A felicidade dura bem menos que os guarda-chuvas.
- 2 – Há pessoas tão focadas no intestino que esquecem completamente do cérebro.
- 3 – Na foto, Sofia Tolstaia e seu marido, Lev Tolstói.



Lev Tostói e Sofia Tolstaia: foram casados de 1862 a 1910

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Recordando o poeta Américo Falcão

Antes que me esqueça, neste mês lembramos do nascimento de um dos poetas paraibanos mais influentes: Américo Augusto de Sousa Falcão (1880-1942), ou como era mais conhecido, Américo Falcão. Natural da cidade de Lucena, Litoral Norte da Paraíba, mas vivendo nesta capital, teve presença marcante nos meios culturais da época, sendo até admirado pelo então presidente João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

Um santarritense admirado por todos de sua época. Foi analisando a sua obra que optei por realizar *Américo – Falcão Peregrino*. Uma produção bem cuidada com o selo da AS Produções Cinema & Vídeo, sob a organização de meu filho Alexandre Menezes.

Muitas foram as reuniões que tivemos para a realização do *Américo*. E personagem importante nas cenas iniciais e na argumentação do filme, nosso confrade de nossa Academia de Cinema, Manoel Jaime Xavier, publicou suas considerações sobre “os caminhos a serem buscados, com segurança, já que o tema envolvia períodos graves da história e de uma cidade de Parahyba”. Esse destaque veio com o apuro “cenográfico” de época, então comprometido com os anos 1920 e início de 1930. Também pelo vínculo do poeta Américo Falcão como diretor da Biblioteca Pública do Estado, cargo designado pelo presidente João Pessoa.



Foto: Arquivo pessoal

Ricardo Moreira interpreta Américo Falcão, no filme dirigido pelo colunista

Some-se ao esmero da produção a excelente atuação de Ricardo Moreira, como personagem central de *Américo*, incorporando verdadeiramente até os trejeitos de poeta, a partir dos depoimentos da última filha viva do poeta, Marlinda Falcão Estrela, falecida aos 93 anos de idade, logo após a realização do filme. Destaque também como um dos pontos altos da produção a música original composta pelo instrumentista Adeildo Vieira, com participação (em cena) do músico Paulo Ró, nas caixas de Lucena.

Até hoje, muitas têm sido as observações positivas ao filme *Américo – Falcão Peregrino*. Entre elas, a do confrade João Batista de Brito, crítico de cinema, que publicou na época do lançamento do filme sobre a importância da “urbanidade cênica” descrita, o casario anti-

go, ruas e vielas da hoje cidade velha, acrescentando: “A essa reconstituição se somam fatos que foram importantes na época, como a passagem do dirigível Zeppelin, refeita com perícia e criatividade. Por outro lado, toda a Revolução de Trinta é sintetizada numa elipse, com a simples substituição, na sala da Biblioteca Pública, da fotografia de João Pessoa pela do próximo governante, Gratuliano Brito”.

Concluindo, venho agradecer também ao jornalista Sérgio Botelho por hoje nos lembrar em sua coluna: “Dirigido pelo cineasta Alex Xantos, o filme *Américo – Falcão Peregrino* narra a trajetória do poeta lucenense, também reverenciado em Santa Rita, município ao qual Lucena pertencia à época de seu nascimento”. – Mais “*Coisas de Cinema*” em: www.alexsantos.com.br



APC: João Batista lança mais um livro

Integrante da Academia Paraibana de Cinema, o jornalista e escritor João Batista de Brito lançou recentemente mais um livro, que traz por título *Pão com Sabor de Poesia*. Ocasão em que integrantes da diretoria da APC estiveram presentes à noite de autógrafos e apoiaram o evento na Energisa.

Tem sido frequente a produção e o lançamento de livros dos confrades da nossa academia. Também no início deste ano, o cineasta e jornalista Alex Santos lançou *Menino de Cinema – Remake de uma Vida*, autobiografia editada pela Ideia Editora.

STREAMING

A Cela dos Milagres é sexta versão da trama

Eduarda Menina
Agência Estado

O filme mexicano *A Cela dos Milagres* está no top 2 de mais assistidos da Netflix, mas a história que ele conta já emocionou o público antes. A trama nasceu na Coreia do Sul em *Miracle in Cell nº 7*, dirigido por Lee Hwan-kyung, que se tornou um grande sucesso ao retratar a história de um pai com deficiência intelectual acusado injustamente e separado da filha.

O longa sul-coreano esta-

beleceu a base emocional da narrativa, misturando injustiça, ternura e redenção e rapidamente ganhou novas versões em outros países.

A adaptação mais conhecida é *Milagre na Cela 7*, uma produção turca que chegou à Netflix em 2019 e explodiu em audiência no Brasil no início da pandemia. O drama dominou o catálogo da plataforma por semanas e tornou-se referência entre os filmes mais emocionantes do *streaming*.

Foi essa versão que apresentou a história a milhões de

brasileiros e consolidou o enredo como um fenômeno internacional.

O sucesso da trama sul-coreana também atravessou fronteiras antes mesmo da versão turca. A Índia foi o primeiro país a adaptar a história, com um *remake* lançado em 2017. Dirigido por S. Ravindranath, o longa apostou em uma abordagem mais centrada na relação entre pai e filha, reduzindo o foco no período do protagonista na prisão. O ator Ramesh Aravind interpretou o pai, marcando sua

100ª participação no cinema com o filme.

Dois anos depois, em 2019, foi a vez das Filipinas lançarem sua versão. Dirigido por Nuel C. Naval, o *remake* filipino manteve maior proximidade com o original sul-coreano, inclusive no tom cômico do protagonista dentro da cadeia. Estrelado por Aga Muhlach, o filme fez adaptações para dialogar com o público local como mudanças nos nomes dos personagens e ajustes na ambientação das prisões, que possuem estruturas diferentes das vistas em outras versões.

Já em 2020, a Indonésia também anunciou sua adaptação, dirigida por Hanung Bramantyo e protagonizada por Vino G. Bastian. Descrita como uma comédia dramática, a produção prometeu manter a essência da história, mas com maior ênfase na acusação injusta do protagonista, apontando a corrupção das Forças Armadas como elemento central da trama.

Onde assistir

Enquanto a versão mexicana está disponível na Netflix, a adaptação turca *Milagre na Cela 7* ampliou seu alcance e pode ser encontrada também no Amazon Prime Video, Globoplay e Apple TV. Já os *remakes* da Índia, das Filipinas e da Indonésia seguem acessíveis pelo YouTube.



Foto: Divulgação/Netflix

Adaptação mexicana está fazendo grande sucesso na Netflix: é o segundo filme mais visto

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Dedicatórias manuscritas

Não é a primeira vez que escrevo sobre dedicatórias. Gosto dos dois tipos: as impressas e as manuscritas. Tenho, no entanto, uma queda particular pelas últimas, quer sejam dos autores ou não.

Nas minhas visitas aos sebos da cidade, faço questão de adquirir livros velhos que tenham dedicatória manuscrita. Não só porque, de certo modo, esse pormenor assegura, no universo curioso da bibliofilia, estatuto de raridade ao livro, mas também porque dedicatórias manuscritas carregam sentimentos, valores e histórias.

A amizade, a admiração, a gratidão, o respeito, o apreço, a homenagem, tudo pode fluir por aquelas poucas palavras que sinalizam para um momento, um encontro, um ritual. Na mais das vezes, são afetuosas. Em algumas circunstâncias, podem constituir-se em ocasião de desagravo, desabafo e mesmo agressão. Afinal, nem o sagrado mundo dos livros escapa ao veneno dos desafeitos.

Para o bibliófilo, quero crer que isso não importa. Importa, sim, a força viva de um elo que se estabelece entre quem assina a dedicatória, com a singularidade de sua letra, e o destinatário. Afinal, um vestígio qualquer de emoção humana cristaliza-se como uma componente a mais na configuração real e simbólica do livro.

Em recente ida ao Sebo Cultural, na loja matriz, situada à Avenida Tabajara, comprei uma edição dos *Momentos Decisivos do Pensamento Filosófico*, de Luís Washington Vita, da Melhoramentos, de 1964, com a seguinte dedicatória manuscrita:

“Ao caríssimo Pe. Marcos, com especial estima e amizade
Rui, 24/10/1967”.

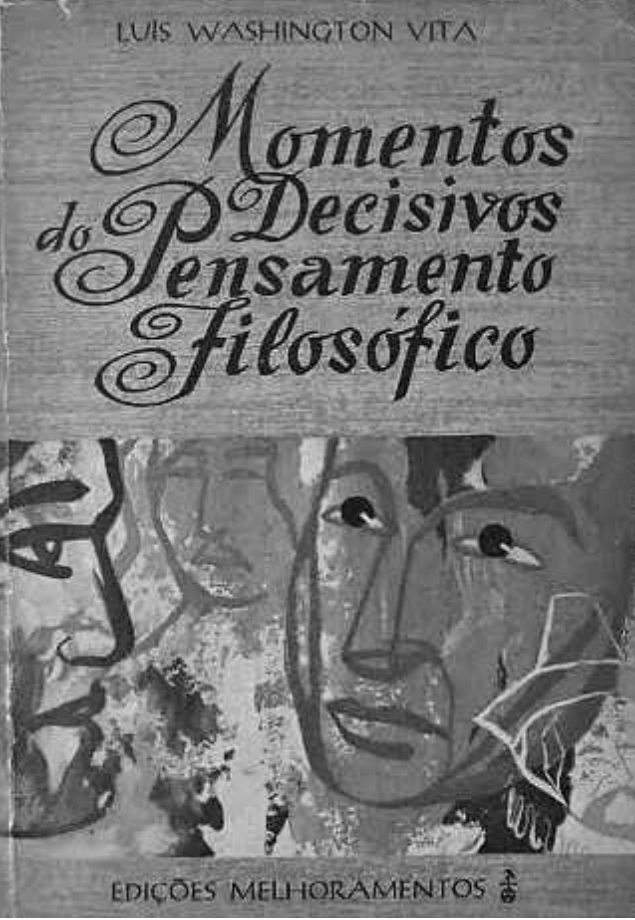
Pe. Marcos, sabemos, foi reitor por muito tempo do Unipê, Instituto Paraibano de Educação. Homem de cultura filosófica, sobretudo formado na linhagem católica do tomismo, que teve, aqui na Paraíba, representante sistemático na figura do monsenhor Pedro Anísio.

Rui, me confirma o ilustre e querido confrade Damião Ramos Cavalcanti, é Rui Dantas, amigo pessoal do padre e humanista, leitor estudioso da Suma teológica, do grande teólogo medieval, São Tomás de Aquino, e de Jacques Maritain.

Tal dedicatória valoriza esse exemplar. Na sua singeleza e brevidade, realça o encontro e a convivência de dois intelectuais marcados por profundas “afinidades eletivas”, ainda para me valer da expressão de Goethe. Ambos, mestres na arte de lecionar e educar; ambos, leitores de Luís Washington Vita e amantes fiéis do saber filosófico.

Possuía outro exemplar do mesmo livro, mas não me fiz de rogado. Quis, com essa outra edição adquirida, sobretudo, pela dedicatória manuscrita, que a torna única, inscrever-me nessa escola de amizade, admiração e sabedoria que certas criaturas semeiam por onde passam.

Foto: Divulgação



“Momentos Decisivos do Pensamento Filosófico”, edição de 1964

Colunista colaborador

MEMÓRIA

Duvall tinha autoridade

Conheça algumas das principais atuações do ator que morreu segunda

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

O cinema perdeu um de seus grandes atores na segunda-feira (16) passada: Robert Duvall, aos 95 anos. Sua figura austera o levou a uma série de papéis de autoridade por meio dos quais marcou sua longa passagem pelo cinema (fez filmes ao longo de 60 anos).

Duvall foi militar (em *Apo-*

calypse Now, 1979; *O Dom da Fúria*, 1980; *M.A.S.H.*, 1970; *Um Ato de Coragem*, 2002), editor de jornal (*O Jornal*, 1994), dono de jornal (*Extra! Extra!*, 1992), juiz (*O Juiz*, 2014), dono de megaempresa (*Obrigado por Fumar*, 2005), pastor (*O Apóstolo*, 1997). Foi até Joseph Stalin em um telefilme de 1992. E, naturalmente, conselheiro da máfia nos dois primeiros *O Poderoso Chefão* (1972 e 1974).

Foi, no entanto, no papel de

um cantor *country* em crise na carreira e com a família que ganhou seu único Oscar de melhor ator, por *A Força do Carinho* (1983). Teve ao todo sete indicações, três como ator principal (as outras por *O Dom da Fúria*, 1980, e *O Apóstolo*, dirigido por ele, 1997) e quatro como coadjuvante (*O Poderoso Chefão*, 1972, *Apocalypse Now*, 1979, *A Qualquer Preço*, 1998, e *O Juiz*, 2014).

Uma curiosidade é que Du-

vall adorava Buenos Aires, tinha casa na cidade e viajava para lá quatro ou cinco vezes por ano. “Gosto mais do que qualquer outro lugar do mundo”, disse ele certa vez, que falava fluentemente espanhol.

A **União** selecionou seis de seus muitos papéis memoráveis e indica quais estão disponíveis nas plataformas de *streaming* brasileiras.



Robert Duvall em “Rede de Intrigas”: quase sempre ele era o chefe

Seis papéis memoráveis de Robert Duvall



Foto: Divulgação/Universal

BOO RADLEY, de *O Sol É para Todos* (1962)

Aluguel ou compra no Prime Video e Apple TV.

Estreia como a figura silenciosa e ameaçadora que, no fim, se revela protetor das crianças.



Foto: Divulgação/Paramount

TOM HAGEN, de *O Poderoso Chefão* (1972)

Disponível na Netflix, Paramount+ e Oldflix.

Filho adotivo e conselheiro da família Corleone, a voz da sensatez do meio de mafiosos geniosos.

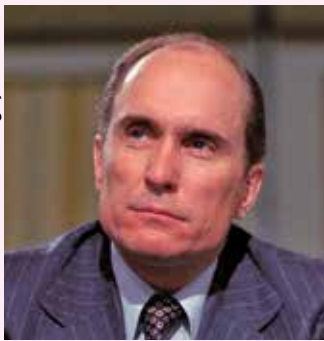


Foto: Divulgação/Warner

FRANK HACKETT, de *Rede de Intrigas* (1976)

Disponível no Prime Video.

Executivo de uma emissora de TV que se aproveita inescrupulosamente do surto de um jornalista.



Foto: Divulgação/Universal

KILGORE, de *Apocalypse Now* (1979)

Aluguel ou compra na Apple TV.

O tenente-coronel que faz seus soldados surtarem durante um ataque no Vietnã e diz “Adoro o cheiro de *napalm* pela manhã”.



Foto: Divulgação/Universal

MAC SLEDGE, de *A Força do Carinho* (1983)

Não disponível em *streaming* no Brasil.

Ganhou o Oscar como o cantor *country* que entra em decadência e também, enfrenta problemas com a família. Fez questão de cantar as músicas.



Foto: Divulgação/Buena Vista

BOSS SPEARMAN, de *Pacto de Justiça* (2003)

Não disponível em *streaming* no Brasil.

Chefe de grupo que atravessa o país levando gado, mas enfrenta barões da pecuária. Kevin Costner colocou-se como coadjuvante dele.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 19 a 25 de fevereiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

ANÊMONA (*Anemone*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Ronan Day-Lewis. Elenco: Daniel Day-Lewis, Sean Bean, Samantha Morton. Drama. Ex-militar que vive isolado, lidando com feridas do passado, é visitado pelo irmão que quer reaproximá-lo da família. 2h16. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: qui. a ter.: 16h, 20h45; qua.: 16h.

OFRIO DA MORTE (*Dead of Winter*). Alemanha/ Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Brian Kirk. Elenco: Emma Thompson, Judy Greer, Marc Menchaca. Suspense. Mulher se perde numa nevasca e pede ajuda em uma casa onde percebe que uma jovem está sendo mantida em cativeiro. 1h38. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui. a ter.: 16h, 20h50; qua.: 16h.

ISSO AINDA ESTÁ DE PÉ? (*Is This Thing On?*). EUA, 2025. Dir.: Bradley Cooper. Elenco: Will Arnett, Laura Dern, Bradley Cooper. Comédia/ drama. Casal se divorcia amigavelmente e precisa aprender a viver esse novo tempo. 2h01. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 16h15, 21h30.

PARA SEMPRE MEDO (*Keeper*). Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Osgood Perkins. Elenco: Tatiana Maslany, Rossif Sutherland, Birkett Turton. Terror. Casal passa seu aniversário em cabana isolada, mas há uma presença sinistra. 1h39. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h30, 18h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h30. CINE GUEDES 2: dub.: 18h45. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qui. a ter.: 18h40, 20h55; qua.: 18h, 20h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 14h55, 17h05, 19h15, 21h25; seg. e ter.: 17h05, 19h15, 21h25; qua.: 16h50, 19h.

PRÉ-ESTREIA

PÂNICO 7 (*Scream 7*). EUA, 2026. Dir.: Kevin Williamson. Elenco: Neve Campbell, Courtney Cox, Isabel May, McKenna Grace, David Arquette, Matthew Lillard. Suspense. Sidney Prescott enfrenta um novo assassino mascarado que surge pressequindo sua filha. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qua.: dub.: 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: qua.: 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: qua.: 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: qua.: 20h30. CINÉPOLIS

MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: qua.: 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qua.: 18h50, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qua.: 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qua.: 18h15, 21h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: qua.: 18h35, 20h35. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 18h35, 20h35. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: qua.: 18h45, 21h15. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: qua.: 18h30, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: qua.: 21h10. **Remígio:** CINERT: dub.: qua.: 20h30.

ESPECIAL

GHIBLI FEST. Longas do estúdio japonês. **Dom.:** *O Castelo Animado* (16h, dub., 1h59, livre). **Seg.:** *As Memórias de Marnie* (19h, leg., 1h44, 10 anos). **Ter.:** *O Conto da Princesa Kaguya* (19h, leg., 2h17, livre).

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub. ou leg.: qui. a ter.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomas Aquino, Buda Lira, Joáílsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/ drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 20h. CINE BANGUÊ: dom., 22/2, ter., 24/2: 16h30, 19h30; sáb., 28/2: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h45, 17h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 3: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 1: qui. a ter.: 19h50.

ATO NOTURNO. Brasil, 2025. Dir.: Filipe Matzembacher e Marcio Reolon. Elenco: Gabriel Faryas, Cirillo Luna, Henrique Barreira. Drama/ romance. Um ator e um político em ascensão iniciam um caso com um fetiche por sexo em locais públicos. 1h57. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qua., 25/2: 18h10; sex., 27/2: 16h.

AVATAR – FOGO E CINZAS (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/ aventura. No planeta Pandora, família na vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. Indicado a 2 Oscars. 3h15. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: qui. a ter.: 13h30, 17h30, 21h30; qua.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qui. a ter.: 18h15. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: qui. a ter.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: qui. a ter.: 20h.

BOB ESPONJA – EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA (*The Sponge Bob Movie – Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon. Animação. Para provar sua bravura, Bob Esponja segue o pirata fantasma Holandês Voador até

as profundezas do oceano. 1h28. Livre.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 15h30.

UM CABRA BOM DE BOLA (*Goat*). EUA/ Brasil/ Japão/ Singapura, 2026. Dir.: Tyree Dilhay. Aventura/ animação. Cabra recebe a oportunidade de jogar roarball, esporte dominado por animais rápidos e ferozes. 1h40. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h30, 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: dom. a ter.: 13h45, 16h15, 18h45; qua.: 13h45, 16h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom. a ter.: 13h, 15h30, 18h; qua.: 13h, 15h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h40, 16h40, 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h40, 16h40, 18h40. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qua.: 18h50. CINE GUEDES 2: dub.: 16h40. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: qui. a ter.: 18h50. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 15h30, 18h; qua.: 15h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 3D: 14h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 3D: 16h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 18h30.

CAMINHOS DO CRIME (*Crime 101*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Bart Layton. Elenco: Chris Hemsworth, Mark Ruffalo, Halle Berry, Barry Keoghan, Monica Barbaro, Nick Nolte, Jennifer Jason Leigh. Policial. Ladrão planeja seu último grande golpe, enquanto se envolve com corretora de seguros e é perseguido por detetive. 2h20. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 17h30.

DAVI – NASCE UM REI (*David*). EUA, 2025. Dir.: Phil Cunningham e Brent Dawes. Aventura/ religioso/ animação. Pastor enfrenta gigante e se torna um rei. 1h49. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 17h40. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h30.

(DES)CONTROLE. Brasil, 2026. Dir.: Carol Miném e Rosane Svartman. Elenco: Carolina Dieckmann, Caco Ciocler, Júlia Rabello, Irene Ravache, Daniel Filho. Drama/ comédia. Sobre-carregada, escritora volta a beber após 15 anos e sai do controle. 1h36. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 1: 19h50.

DESTRUIÇÃO FINAL 2 (*Greenland 2 – Migration*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Ric Roman Waugh. Elenco: Gerard Butler, Morena Baccarin, Tommie Earl Jenkins. Aventura/ ficção científica. Família sobrevivente de uma hecatombe deixa bunker na Groelândia em busca de um novo lar. 1h38. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: qui. a ter.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h45. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg. e qua.: 14h.

DOIS PROCURADORES (*Zwei Staatsanwälte*). França/ Alemanha/ Países Baixos/ Letônia/ Romênia/ Lituânia/ Ucrânia, 2025. Dir.: Sergey Loznitsa. Elenco: Alexander Kuznetsov, Anatoliy Belyi. Policial/ drama. Promotor descobre corrupção na polícia secreta soviética e passa a correr perigo. 1h58. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 23/2: 16h; qua., 25/2: 20h30; sex., 27/2: 18h10.

A EMPREGADA (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: leg.: 15h, 18h15, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: qui. a ter.: 14h30, 17h30, 20h30; qua.: 14h30, 17h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h50, 19h, 21h50. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 20h50. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: qui. a ter.: 19h30; qua.: 15h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h.

EU, QUE TE AMEI (*Moi qui T’Amais*). França, 2025. Dir.: Diane Kurys. Elenco: Roschdy Zem, Marina Foïs, Thierry de Peretti. Drama/ romance. Os astros de cinema Yves Montand e Simone Signoret vivem uma tumultuada história de amor. 1h58. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qua., 25/2: 16h.

HAMNET – A VIDA ANTES DE HAMLET (*Hamnet*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Chloé Zhao. Elenco: Jessie Buckley, Paul Mescal, Emily Watson. Drama. Esposa de Shakespeare lida com a possibilidade da perda de um filho enquanto o marido tenta a carreira teatral em Londres. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. Vencedor de 2 Globos de Ouro: filme/ drama e atriz/ drama. 2h05. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 20h45.

MARTY SUPREME (*Marty Supreme*). Finlândia/ EUA, 2025. Dir.: Josh Safdie. Elenco: Timothy Chalamet, Gwyneth Paltrow, Odessa A’zion, Tyler the Creator, Fran Drescher, Sandra Bernhard. Drama. Traficante se torna um astro do tênis de mesa. Indicado a 9 Oscars, incluindo filme, direção e ator. Globo de Ouro de ator/ comédia ou musical. 2h29. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11: leg.: 14h.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (*Wuthering Heights*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Emerald Fennell. Elenco: Margot Robbie, Jacob Elordi, Hong Chau. Romance/ drama. Casal vive uma paixão tumultuada e destrutiva. 2h16. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: qua.: 20h45. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qui. a ter.: dub.: 15h; leg.: 18h, 21h; qua.: leg.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: qui. a ter.: 14h30, 17h30, 20h30; qua.: 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h30, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qui. a ter.: 14h, 17h, 20h; qua.: 14h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qua.: 20h50. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 17h40, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 17h40, 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qua.: 20h50. CINE GUEDES 3: dom.: dub.: 16h; leg.: 20h50; seg. e ter.: dub.: 16h, 20h50; qua.: dub.: 16h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: qui. a ter.: 16h30. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 20h20; qua.: 19h40. **Guarabira:**

CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h10, 20h50. **Remígio:** CINERT: dub.: dom. e qua.: 15h45; seg. e ter.: 15h45, 20h15.

O SOM DA MORTE (*Whistle*). Canadá/ Irlanda, 2026. Dir.: Corin Hardy. Elenco: Dafne Keen, Sophie Nélisse, Percy Hynes White. Terror. Estudantes sopram um apito asteca que faz com que suas futuras mortes os assombrem. 1h37. 18 anos.

Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h50.

ULISSES. Brasil, 2024. Dir.: Cristiano Burlan. Elenco: Rodrigo Sanches, Emerson Alcalde, Luana Frez. Drama. Numa jornada de volta para casa, homem vaga por São Paulo sem rumo e assolado por lembranças do passado. 1h12. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 22/2, ter., 24/2: 15h.

VALOR SENTIMENTAL (*Affeksjonsverdi*). Noruega/ Alemanha/ Dinamarca/ França/ Suécia/ Reino Unido/ Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skasgard, Inga Ibsdotter Lilleaas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. Indicado a 9 Oscars., incluindo filme, direção, atriz, ator coadjuvante, atriz coadjuvante e filme internacional. Grande Prêmio do Juri no Festival de Cannes. Globo de Ouro de ator coadjuvante. 2h13. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg., 23/2: 18h10, 20h30; sáb., 28/2: 17h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h45.

ZOOTOPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso desaparecimento de uma cobra em Zootopia. Indicado ao Oscar de filme de animação. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h30, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: sáb. e dom.: 14h, 19h, 21h30; seg. e qua.: 14h, 16h30, 21h30; ter.: 14h, 16h30, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 12h30, 15h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: qui. a ter.: 15h50, 18h; qua.: 15h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: qui. a ter.: 15h50, 18h; qua.: 15h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: ter.: 17h40. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qui. a ter.: 16h; qua.: 17h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h20, 18h45; seg. a qua.: 18h45. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 18h30.

Música

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba com artistas do gênero.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 23/2, 20h. Valor dos ingressos não divulgados.

COMISSÃO INTERPODERES

Atuação conjunta fortalece gestão

Harmonia entre Executivo, Legislativo, Judiciário e órgãos independentes assegura a execução de políticas públicas

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Em um cenário no qual a sociedade exige respostas mais ágeis e eficientes do Poder Público, o entendimento entre instituições torna-se essencial. Com esse propósito, representantes dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além de órgãos autônomos, como Ministério Público, Tribunal de Contas e Defensoria Pública, formam a Comissão Interpoderes da Paraíba. A finalidade do colegiado — cujo primeiro encontro de 2026 aconteceu no dia 22 de janeiro — é promover a harmonia institucional, assegurando o respeito à autonomia de cada Poder e fortalecendo a atuação conjunta em torno de políticas públicas que impactam diretamente a população.

Neste ano, sob a presidência do desembargador Fred Coutinho, presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), a Comissão tem como eixos centrais a gestão orçamentária equilibrada, a previsibilidade financeira e a modernização administrativa, especialmente no âmbito do Judiciário, em consonância com as diretrizes do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). A proposta é garantir planejamento de médio e longo prazo, reduzir riscos de conflitos institucionais e conferir maior segurança à execução das políticas públicas.

Do ponto de vista jurídico, o especialista em Direito Carlos Pessoa Aquino explica que a Comissão Interpoderes fundamenta-se na própria Constituição Federal. “O artigo 2º estabelece o princípio da separação dos Poderes, que devem ser independentes e harmônicos entre si. Já o artigo 23, parágrafo único, prevê a cooperação entre entes e instituições. A Comissão Interpoderes materializa esse modelo constitucional ao promover articulação permanente entre os órgãos do Estado, alinhando-se também ao princípio da eficiência administrativa, previsto no artigo 37”, afirma.

Para além do aspecto jurídico, o especialista avalia que o colegiado representa um avanço sob diferentes perspectivas da governança pública. “Intelectualmente, a Comissão Interpoderes simboliza a superação

“
Estamos reunidos em prol da sociedade, em um espaço de respeito e construção conjunta

Marialvo Laureano



Foto: Roberto Marcelo/DPE-PB

Em 2026, primeira reunião da Comissão Interpoderes aconteceu no dia 22 de janeiro, na sede do MPPB; um novo encontro é previsto para o segundo semestre

da fragmentação institucional, ao criar um espaço de cooperação em vez de atuações isoladas. Filosoficamente, reflete a ideia de que a governança pública deve ser baseada no diálogo e na colaboração, e não na competição entre instituições. Sob o ponto de vista sociológico, funciona como um mecanismo de coordenação interinstitucional, fortalecendo a articulação entre os poderes e órgãos do Estado”, analisa.

Transparência

Representando o governador João Azevêdo, o secretário de Estado da Fazenda, Marialvo Laureano, destaca que a Comissão Interpoderes fortalece a transparência fiscal e contribui para a previsibilidade da gestão pública. “Cada instituição apresenta suas demandas e projetos, enquanto o Executivo expõe as limitações orçamentárias do Estado. O orçamento precisa ser equilibrado, e qualquer ampliação de recursos exige responsabilidade e indicação de fontes. Esse diálogo prévio torna o planejamento mais seguro”, defende.

Segundo ele, o ambiente de interlocução permite antecipar demandas e evitar impasses, assegurando maior estabilidade institucional. “Estamos reunidos em prol da sociedade, em um espaço de respeito e construção conjunta, com o compromisso de manter essa integração ao longo do ano”, completa.

Cooperação

Anfitrião da primeira reunião da Comissão Interpoderes neste ano, o procurador-geral de Justiça, Leonardo Quintans, diz que a articulação reforça a vocação institucional do Ministério Público para o diálogo.

“Receber todos os Poderes aqui [na sede do MPPB] reafirma a mensagem de que é possível atuar com independência e harmonia. Este é um espaço frutífero para discutir os principais desafios estruturais do Estado e buscar soluções mais eficazes para a população”, destaca.

Para o presidente do Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB), o conselheiro Fábio Nogueira, o colegiado vem se consolidando como um fórum estratégico de fortalecimento institucio-

nal. “As reuniões reafirmam o entendimento harmônico entre os órgãos e Poderes da Paraíba, sempre trazendo à mesa temas de interesse direto da sociedade”, pontua, ao acrescentar que o diálogo permanente favorece o alinhamento institucional, previne conflitos e contribui para o aprimoramento das políticas públicas e da governança.

Impactos práticos

De acordo com Carlos Pessoa Aquino, a interlocu-

ção contínua entre os Poderes e órgãos autônomos gera efeitos concretos na administração pública, incluindo maior racionalidade na aplicação dos recursos e mais responsividade às demandas sociais. “O diálogo permanente promove cooperação institucional, reduz a duplicação de esforços, melhora a priorização de políticas públicas e amplia a transparência e a *accountability* [conjunto de mecanismos que obriga agentes e instituições públicas a pres-

tar contas]. Esse processo fortalece a confiança da sociedade no Estado”, opina.

■ Especialista afirma que atuação do grupo justifica-se em aspectos jurídicos, filosóficos e sociológicos

Colegiado foca na governança orçamentária

O juiz-auxiliar da Presidência do Tribunal de Justiça da Paraíba, Fábio Araújo, destacou que, em 2026, a Comissão Interpoderes deverá priorizar a consolidação de um modelo de governança orçamentária cooperativo, democrático e tecnicamente fundamentado, capaz de harmonizar as necessidades institucionais dos Poderes com os limites fiscais do Estado.

“Nosso desafio é construir um orçamento baseado no diálogo permanente entre os Poderes, com transparência, previsibilidade e critérios técnicos claros. A Comissão permite compatibilizar despesas essenciais com investimentos estratégicos em modernização, fortalecer a gestão por resultados e aprimorar o acompanhamento da execução orçamentária, sempre com foco na eficiência e no interesse público”, afirmou.

A defensora pública-geral, Maria Madalena Abrantes, considera a sua presença na primeira reunião como símbolo da evolução institucional do colegiado. “Antes, as reuniões eram restritas aos

Poderes. Hoje, todos os órgãos participam. Estarmos juntos, dialogando sobre nossas necessidades, fortalece a construção coletiva das soluções”, observa.

Na avaliação do presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), Adriano Galdino, o ambiente de cooperação proporcionado pela Comissão Interpoderes é decisivo para garantir responsabilidade fiscal sem perder de vista as demandas sociais.

“A Comissão materializa o que a Constituição estabelece: Poderes independentes, mas atuando de forma harmônica. Esse diálogo é essencial para assegurar equilíbrio orçamentário, modernização do Estado e serviços públicos mais eficientes, sempre com foco no interesse da sociedade”, destaca.

Segundo ele, a participação do Legislativo no colegiado contribui para levar à mesa de discussão as prioridades da população paraibana, conciliando justiça social, previsibilidade fiscal e transparência na alocação dos recursos públicos. Galdino acrescenta

que pautas como a proteção à infância e à juventude, o enfrentamento da violência contra a mulher, a inclusão social e a sustentabilidade no setor público devem ser consideradas no planejamento orçamentário do Estado.

Perspectivas

Com esse propósito, a Comissão Interpoderes projeta uma agenda estratégica para 2026, concentrada em temas como o orçamento estadual, as prioridades sociais e a modernização tecnológica dos serviços públicos. O objetivo é consolidar a Paraíba como referência nacional em maturidade institucional e eficiência na gestão pública.

Conforme Fábio Araújo, a expectativa institucional é que a segunda reunião da Comissão seja realizada no segundo semestre, em período compatível com o calendário de elaboração e consolidação das propostas orçamentárias. Entre os temas previstos na pauta, estão a avaliação da execução orçamentária em curso, ajustes voltados à manutenção do

equilíbrio fiscal, a definição das prioridades para a Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2027, a discussão sobre investimentos estratégicos e a sustentabilidade das despesas obrigatórias, além do aprimoramento dos mecanismos de transparência e participação no processo orçamentário.

O juiz-auxiliar reforça que o objetivo central permanece sendo a construção de um orçamento democrático e participativo, capaz de assegurar condições adequadas de custeio e investimento para todos os Poderes, sem comprometer a responsabilidade fiscal e a qualidade da prestação dos serviços públicos à sociedade.

Para os integrantes do colegiado, a consolidação desse modelo de articulação permanente tende a fortalecer a governança pública estadual, assegurando condições adequadas de custeio e investimento para todos os Poderes, sem comprometer a responsabilidade fiscal e a qualidade dos serviços prestados à sociedade.

CONGRESSO NACIONAL

Acordo Mercosul-União Europeia volta à pauta

Texto trata, entre outros pontos, da redução de impostos de importação

Da Redação
com Agência Senado

A Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul — colegiado formado por deputados e senadores que acompanha e examina matérias sobre esse bloco regional — deve retomar, na próxima quinta-feira (26), a análise do Acordo Provisório de Comércio entre o Mercosul e a União Europeia. O tratado foi enviado pelo Executivo ao Congresso Nacional por meio da Mensagem (MSC) nº 93/2026.

O debate sobre o texto começou no último dia 10 de fevereiro, quando o deputado federal Arlindo Chinaglia (PT-SP), presidente da representação, leu seu relatório sobre o acordo. Se o documento for aprovado, o acordo seguirá para o Plenário da Câmara dos Deputados e, posteriormente, para o Plenário do Senado.

Assinado em 17 de janeiro deste ano, em Assunção, o tratado cria uma área de livre comércio entre os dois blocos. O texto contém 23 capítulos que tratam, entre outros pontos, da redução de impostos de importação e da criação de regras para:

- serviços;
- investimentos;
- compras públicas;
- propriedade intelectual;
- sustentabilidade;
- solução de conflitos.

Com base nas normas da Organização Mundial do Comércio (OMC), o acordo fixa como objetivos: ampliar e diversificar o comércio de bens e serviços; dar mais segurança jurídica a empresas e investidores; e incentivar o desenvolvimento sustentável.

O documento também deixa claro que cada país envolvido continua tendo o direito de criar e aplicar suas próprias leis em áreas como saúde pública, meio ambiente, educação, segurança e proteção social.

Redução de impostos

No capítulo sobre comércio de bens (capítulo 2), as partes assumem o compromisso de reduzir ou eliminar, de forma gradual, os impostos cobrados na entrada de produtos importados, seguindo prazos definidos em



Senadores Nelsinho Trad e Tereza Cristina integram colegiado que analisa matérias do bloco

anexos do acordo. Esse processo pode levar até 30 anos para alguns itens.

Há produtos mais “sensíveis” — bens considerados estratégicos para a economia interna de um país e que poderiam ser prejudicados pelo aumento das importações — que devem receber tratamento especial nesse cronograma; eles podem ser beneficiados com um prazo maior para a redução de impostos ou podem até ficar fora da abertura prevista no acordo.

Além disso, o texto proíbe a criação de novos impostos de importação ou o aumento dos já existentes para os produtos que se enquadram nas regras do acordo, salvo exceções previstas.

Regras para produtos

O tratado determina que, depois que o produto importado entra regularmente no país, ele deve receber o mesmo tratamento dado ao produto nacional, sem discriminação. Além disso, o acordo proíbe limites de quantidade para importação ou exportação — como cotas —, exceto nos casos já permitidos pelas regras internacionais. Há regras específicas para produtos que saem do país para conserto e depois retornam, como também sobre taxas administrativas, que devem se limitar ao custo do serviço prestado.

O acordo trata, ainda, da concorrência nas exportações: o documento estabele-

ce que as partes não poderão conceder subsídios para estimular a venda de produtos agrícolas para o outro bloco e disciplina medidas de defesa comercial, como a aplicação de sobretaxas quando houver prática considerada desleal, além de permitir a suspensão de benefícios em caso de fraude comprovada.

No capítulo 3, o documento define quando um produto pode ser considerado de um dos blocos e, assim, ter direito aos benefícios previstos no acordo. O texto explica quais critérios devem ser atendidos e como as autoridades poderão verificar essas informações.

Exigências técnicas

Na parte de aduanas e facilitação de comércio (capítulo 4), o texto busca simplificar procedimentos, reduzir burocracia e tornar mais claras as exigências para importadores e exportadores. O documento prevê cooperação entre as autoridades responsáveis e troca de informações.

Já os capítulos sobre exigências técnicas (capítulo 5) e regras sanitárias e fitossanitárias (capítulo 6) tratam de normas sobre qualidade, segurança e saúde de produtos — especialmente alimentos e itens de origem animal e vegetal. O texto exige que essas regras tenham base técnica e científica e que sejam divulgadas com transparência.

Também estão previstos espaços de diálogo sobre temas ligados à cadeia agroalimentar (como o bem-estar animal e o uso de novas tecnologias no campo).

Outras normas

O capítulo sobre serviços e estabelecimento de empresas de serviço (capítulo 10) prevê abertura gradual de segmentos dessa área e melhores condições para empresas que queiram atuar no território da outra parte.

O acordo também trata da circulação de recursos financeiros ligados a investimentos e pagamentos correntes (capítulo 11), permitindo medidas de proteção em caso de dificuldades econômicas graves.

Quanto às compras governamentais (capítulo 12), o tratado determina que empresas de um bloco pode-

rão participar de licitações públicas do outro (com regras sobre igualdade, transparência e divulgação de informações). Há um prazo de adaptação para que os países ajustem seus sistemas às novas regras.

O capítulo sobre propriedade intelectual (capítulo 13) reafirma compromissos já assumidos anteriormente e trata de direitos autorais, marcas, patentes, indicações geográficas e proteção de informações sigilosas.

Há também um capítulo sobre micro, pequenas e médias empresas (capítulo 14), que prevê medidas para facilitar o acesso às oportunidades criadas pelo acordo.

Além disso, o texto dedica capítulos à concorrência (capítulo 15), aos subsídios (capítulo 16) e às empresas públicas ou com privilégios especiais (capítulo 17). O acordo não impede que os países mantenham empresas estatais, mas estabelece que, quando elas atuarem em atividades comerciais, devem respeitar regras de concorrência e transparência.

No capítulo de comércio e desenvolvimento sustentável (capítulo 18), o tratado vincula a ampliação do comércio ao respeito a compromissos ambientais e trabalhistas. O texto prevê cooperação em temas como mudanças climáticas, preservação da biodiversidade e uso responsável de recursos naturais, além de participação da sociedade civil no acompanhamento do acordo.

Há ainda capítulos sobre transparência (capítulo 19), que exigem a publicação de leis e decisões relacionadas ao comércio; exceções (capítulo 20), que garantem a adoção de medidas para proteger a segurança nacional, a saúde pública e o meio ambiente; e solução de controvérsias (capítulo 21), que cria um sistema de consultas e painéis independentes para resolver divergências sobre a aplicação do tratado.

Por fim, as disposições institucionais (capítulo 22) e as disposições finais (capítulo 23) criam comissões e subcomissões para acompanhar a execução do acordo e definem regras sobre a sua entrada em vigor (e também sobre futuras revisões).

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (32)

Os indivíduos são diferentes e vivem as suas alegrias de maneira diversa e plural. Sou da galera dos entocados, elemento bisonho, escabreado e introvertido, que odeia ser o centro das atenções. No dia do meu aniversário, fico encolhido.

A IA afirma que a rejeição ao próprio aniversário, geralmente, está ligada a experiências emocionais complexas, marcas da infância, questões com o envelhecimento e até sintomas de transtornos mentais.

Para quem lida com timidez intensa, fobia social ou simplesmente não gosta de estar sob os holofotes, o próprio aniversário pode se transformar em um verdadeiro campo minado emocional.

Em vez de alegria, o que surge é ansiedade: o simples fato de receber parabéns, ser marcado nas redes sociais ou planejar uma festa pode provocar um desconforto real, quase físico e, por vezes, exaustivo.

Isso é real e acontece comigo. Prefiro me isolar completamente no dia do meu aniversário.

Em 1998, a galera da Rádio Comunitária Araçá de Mari organizou uma festinha para marcar meu aniversário. Fui o único que não compareceu. Qualquer pessoa “normal” ficaria feliz com uma festa em sua homenagem. Daí deduzi que não sou normal.

“De perto, ninguém é normal” (Nelson Rodrigues).

Nos últimos 20 mil anos, o cérebro humano diminuiu de tamanho. Cada vez mais estamos chegando perto do padrão “Sonsinho”.

Saudade é um substantivo tão abstrato, mas tão abstrato, que só tem na língua portuguesa. Sinto saudade de mim quando era mais besta.

Pessoal de um coral foi pedir ajuda ao prefeito Zé de Melo, de Mari, para uma viagem. O prefeito negou: “Aqui não tem pra ajudar a quem chora, quanto mais a quem canta!”.

Minha programação de aniversário: na minha rede velha, sem ressaca e lendo “A mulher que escreveu a Bíblia”, de Moacyr Scliar.

Tem gente errando para consertar um erro e brigando para desfazer uma briga. Outros mascarando decisões para driblar a responsabilidade.

Tem gente trocando tudo o que importa pelo que cada vez vale menos.

“E quando eu lhe fecho a rua, você inventa uma esquina” (Astier Basílio).

Fábio Mozart é igual uísque envelhecido nos barris de carvalho do Zé Pinheiro, em Campina Grande: quanto mais o tempo passa, mais o bicho fica ruim!” (Dalmo Oliveira).

“Seu Zé! O senhor não mata, porém intoxica meio mundo de barata doida!” (Goreth Ferraz).

Segundo o Ibope, a Rádio Barata no Ar está 80% mais fuleira.

“Discordo desta pesquisa. A Barata é cem por cento fuleira” (Quelyno Souza).

Para refletir: quando um lugar em que se mata mais gente é conhecido como “terra santa”, isso deveria nos dar uma pequena ideia do que é a religião.

Errar é humano. Mas, tu estás humano demais, rapaz!

Deus é de centro: “Não declines nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal” (Provérbios 4:27).



Foto: Valer Campanato/Agência Brasil

Debate sobre tratado provisório começou no dia 10 de fevereiro

DESENVOLVIMENTO MOTOR

Pobreza afeta evolução de bebês

Pesquisa mostra que baixas condições socioeconômicas geram atraso de comportamento desde os seis meses de vida

Isabela Vieira
Agência Brasil

Bebês em lares pobres têm prejuízos no desenvolvimento motor. A constatação é de estudo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que relacionou a variedade de movimentos dos pequenos com as condições de vida. O resultado foi publicado na revista científica Acta Psychologica, no início deste mês de fevereiro.

Ao acompanhar 88 bebês no interior de São Paulo, o estudo mostrou que, desde os seis meses, é possível observar atrasos naqueles que vivem na pobreza. Eles só conseguiam agarrar objetos, virar e sentar mais tarde do que os demais que viviam em melhores condições socioeconômicas.

“A principal constatação da pesquisa é que esses bebês, aos seis meses, apresentam menor desenvolvimento motor, ou seja, têm um repertório menor de movimento”, explicou a autora, Caroline Fioroni Ribeiro da Silva.

Segundo ela, eles variam menos os movimentos na hora de sentar, de pegar um brinquedo, às vezes, nem conseguem. O trabalho de Caroline contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

A investigação acende uma alerta porque, de acordo com estudos já existentes,



Foto: Elza Fuza/Agência Brasil

Crianças que recebem menos estímulo podem desenvolver problemas futuros, como déficit de atenção com hiperatividade, apontam estudos já existentes

atrasos no desenvolvimento infantil podem produzir crianças que aprendem menos. “A literatura indica que, pela falta de recursos e de

estímulo aos bebês, podem ocorrer prejuízos na vida escolar, como déficit de atenção com hiperatividade [TDAH] e transtornos de coordenação”, disse Carolina, que é

fisioterapeuta. Ela pondera, no entanto, que mais estudos são necessários para comprovar a relação.

Estímulos certos conseguem reverter atrasos

Por outro lado, a pesquisa da UFSCar revelou que a reversão dos atrasos motores pode ocorrer rápido, com estímulos certos. Aos oito meses, bebês avaliados já não tinham problemas significativos. A melhora é atribuída, principalmente, ao engajamento das mães, que reproduziram exercícios simples, como colocar a criança de barriga para baixo (*tummy time*), usaram papel amassado como

brinquedo, conversaram ou cantaram para o bebê. “Quando conversamos com o bebê, ele tem a oportunidade de observar os movimentos que a gente faz; quando está de barriga para baixo, está livre para se movimentar e explorar movimento, assim como quando brinca com um papel de presente, que é chamativo [pelo barulho e textura]”, explicou a fisioterapeuta. “Não são necessá-

rios brinquedos caros, apenas orientação”, completou. Nas visitas às famílias, a pesquisadora conta que era estimulada a interação entre a mãe e o bebê. “Fálavamos muito para fazerem leitura de livros, cantar, conversar e colocar o bebê de barriga para baixo”, revelou. O chão é o espaço mais seguro para o bebê, porque não tem perigo de ele cair e pode explorar os movimentos”, lembrou.

Os momentos em que os bebês ficam de bruços sobre uma superfície segura, com supervisão, servem para fortalecer os músculos da cabeça, pescoço, ombros, costas e braços e prepará-los para movimentos mais complexos. Com esse exercício, é possível também desenvolver a coordenação, fazendo com o que ele possa rolar, sentar, engatinhar e ficar de pé no tempo certo.

Mães jovens enfrentam maiores dificuldades

A pesquisadora destacou que a maioria das mães expostas à pobreza era adolescente e não sabia estimular os filhos. Nesses casos, ajuda especializada, com visitas de agentes de saúde e fisioterapeutas, são determinantes. “Como não é possível eliminar a pobreza ou a gravidez na adolescência, eu recomendaria visitas de profissionais de saúde para orientar sobre os estímulos nessa fase da vida”, destacou Caroline Fioroni.

Nas casas mais pobres, a pesquisa constatou que os bebês passavam mais tempo presos em carrinhos ou contidos e tinham menos oportunidades de explorar o ambiente. Isso ocorria, na maioria das vezes, por falta de espaço.

Ambientes caóticos

A presença de mais adultos no mesmo domicílio, em vez de estimular os bebês, também foi apontada como fator negativo. A pesquisa levantou a hipótese de esses lares serem mais “caóticos”, com menos espaços seguros ou oportunidades para os bebês movimentarem-se.

A presença de pais ou mães no mesmo endereço esteve associada a melhores resultados, ao lado da maior escolaridade materna. “Os responsáveis solo acabam mais sobrecarregados e com menos tempo para brincar e estimular o bebê”, analisou Caroline. “Então, o fato de

Limitação

Nas casas mais pobres, a pesquisa constatou que os bebês passavam mais tempo presos em carrinhos ou contidos e tinham menos oportunidades de explorar o ambiente

ter outra pessoa amparando ajuda muito no desenvolvimento”.

Entre outros fatores que contribuem para o desenvolvimento dos pequenos está o uso de brinquedos que estimulam a motricidade fina, mesmo aqueles improvisados e mais econômicos, como chocalhos — que podem ser confeccionados de grãos de arroz ou feijão e garrafas pet.

Alerta

Cerca de 400 milhões de crianças vivem na pobreza em todo mundo, segundo o relatório “Situação Mundial das Crianças 2025: Erradicar a Pobreza Infantil – Nosso Dever Comum”, publicado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), em novembro de 2025. Eles estão submetidos a severas privações para saúde, desenvolvimento e bem-estar.



Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

Com os incentivos corretos, como colocar a criança de barriga para baixo, foi possível obter melhores resultados com os bebês avaliados

PARAÍBA E PIAUÍ

Seleções públicas somam 128 vagas

Prefeitura de São José dos Cordeiros, Câmara de Mogeiro e IFPI têm chances para níveis fundamental, médio e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Encerrada a folia, é hora de retomar os estudos e voltar os olhos para as novas oportunidades abertas no serviço público. E se o ano, enfim, começou, o melhor é iniciá-lo com o pé direito. Na Paraíba, há dois concursos públicos em destaque: o da Prefeitura de São José dos Cordeiros, com 42 vagas para diferentes níveis de escolaridade, e o da Câmara Municipal de Mogeiro, que disponibiliza mais cinco para cargos administrativos e operacionais. Já no estado vizinho, o Instituto Federal do Piauí (IFPI) está com 81 oportunidades para professores em regime de dedicação exclusiva e salários que superam R\$ 13 mil. As inscrições já estão abertas e as provas acontecem entre os meses de março e abril.

Vagas diversas

No Cariri paraibano, o edital da Prefeitura de São José dos Cordeiros conta com 42 vagas para cargos de níveis fundamental, médio e superior. O certame é organizado pela Ápice Consultoria e contempla funções como assistente social, merendeira, educador físico, fisioterapeuta, gari, motorista, fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo, nutricionista, médico e fiscal de tributos, entre ou-



Foto: Divulgação/IFPI

Instituto Federal do Piauí tem 81 vagas para professores com salários que superam R\$ 13 mil

tras. Já no campo da docência, há vagas para professores de diferentes disciplinas, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental I. De acordo com o edital, a remuneração proposta varia de R\$ 1,6 mil a R\$ 4,3 mil, com jornadas de 30 a 40 horas semanais e contratação pelo Regime Jurídico Único do município. Se você ficou interessado, efetue sua inscrição pelo *site* da banca responsável pelo certame (apiceconsultoria.com) até 8 de março e siga as orientações previstas no edital. A taxa cobrada varia conforme o nível de escolaridade exigido: R\$ 40 para cargos de nível fundamental, R\$ 50 para médio e técnico e R\$ 70 para nível superior.

Quanto à avaliação, todos os candidatos serão selecionados por meio de prova objetiva, marcada para o dia 19 de abril, enquanto motoristas e guardas-civis também passarão por testes prático e de aptidão física, respectivamente, na segunda fase. Além disso, também está prevista a etapa adicional de análise de títulos para os cargos de nível superior. O processo será realizado na cidade de São José dos Cordeiros, com possibilidade de ocorrer em municípios vizinhos caso a quantidade de candidatos exceda a capacidade local.

No Agreste

A cerca de 100 km de João Pessoa, a cidade de Mogeiro está com cinco vagas ab-

ertas para a Câmara Municipal, destinadas a candidatas de níveis fundamental e médio. Organizado pelo Instituto Nacional de Educação, Pesquisa, Assistência Social e Concursos (Inepas Concursos), o edital conta com oportunidades para agente administrativo, auxiliar de serviços gerais, porteiro

e vigia. O salário inicial é de R\$ 1,6 mil, com jornada de 20 horas semanais para agente administrativo e 30 horas para os demais cargos. A contratação será pelo regime estatutário. As inscrições vão até 6 de março, pelo *site* da instituição, com taxas de R\$ 75 para nível fundamental e R\$ 85 para cargos de nível médio. Sobre a seleção dos profissionais, está prevista a aplicação de prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, no dia 29 de março, dentro da cidade de Mogeiro.

Vagas para professores

Já no Piauí, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia lançou um novo concurso público com 81 vagas imediatas, além de cadastro de reserva, para o cargo de professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT). A organização do certame é feita pela própria instituição, por meio de comissão interna. No edi-

tal, constam oportunidades nas áreas de Contabilidade, História, Física, Língua Portuguesa, Matemática, Informática, Biologia, Direito, Espanhol, Gestão Ambiental, Sociologia, Filosofia, Administração, Arte, Educação Física, Inglês, Música e Química, entre outras. A remuneração ofertada varia de R\$ 6,3 mil a R\$ 13,7 mil, conforme a titulação, com jornada de 40 horas semanais e regime de dedicação exclusiva. Também estão previstos alguns benefícios aos futuros servidores, incluindo auxílio-alimentação, auxílio-transporte e assistência à saúde. Para participar, os candidatos interessados no certame devem se inscrever pelo *site* concursos.ifpi.edu.br até 9 de março e pagar uma taxa no valor de R\$ 190. Quanto à seleção, o processo será composto por prova objetiva — a ser realizada em 12 de abril, em Teresina —, prova de desempenho didático-pedagógico e prova de títulos.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de São José dos Cordeiros



Use o QR Code para acessar o edital da Câmara Municipal de Mogeiro



Use o QR Code para acessar o edital do IFPI

Engenheiro de alimentos garante qualidade do que chega à mesa

Quase ninguém pensa nisto ao abrir um pacote de biscoito ou colocar um suco na mesa, mas existe um trabalho técnico rigoroso por trás de cada alimento industrializado. Segurança sanitária, padronização, controle de qualidade e inovação não acontecem por acaso — são resultado direto da atuação do engenheiro de alimentos, profissional que acompanha toda a cadeia produtiva, da matéria-prima ao produto que chega ao consumidor. É nesse território industrial e científico que atua a engenheira Ana Patrícia Barbosa de Almeida, responsável por garantir que aquilo que chega às prateleiras seja seguro e adequado ao consumo.

Entre números e alimentos

Com 17 anos de experiência, Ana Patrícia construiu uma trajetória sólida em um setor que exige precisão técnica e atualização constante. A entrada na Engenharia de Alimentos, no entanto, não foi imediata. Como primeira opção, tentou a área da Saúde por duas vezes no vestibular, mas percebeu que não era o melhor caminho. “Zerei a prova de Biologia”, recorda. Foi aí que, ao buscar novas possibilidades, encontrou no curso uma combinação que fazia mais sentido: Matemática, Química e o claro interesse pelo universo dos

alimentos. “Foi nesse momento que percebi que queria conhecer e transformar em profissão”, conta. Mal sabia que a escolha seria bastante promissora. Desde então, passou a integrar um campo estratégico da indústria, no qual ciência, responsabilidade sanitária e eficiência produtiva caminham lado a lado. Na prática, se o consumidor enxerga apenas o alimento pronto, é o engenheiro de alimentos que acompanha todo o percurso anterior. Ana Patrícia explica que a atuação começa na análise da matéria-prima e segue até o produto que chega ao mercado. Trata-se, portanto, de um trabalho que envolve controle de qualidade, padronização de processos, adequação às normas sanitárias e desenvolvimento contínuo de melhorias. “Ele pode atuar em vários setores da cadeia produtiva”, observa. Segundo ela, isso significa presença constante nas indústrias de alimentos e bebidas, mas também em laboratórios, consultorias, órgãos de fiscalização, centros de pesquisa e no desenvolvimento de novos produtos. Não à toa, o impacto é direto na rotina da população: “É o engenheiro quem ajuda a garantir que os alimentos sejam seguros para consumo, tenham boa qualidade, sabor, textura e duração adequada nas prateleiras”.

Produzir com segurança

Esse cuidado do começo ao fim faz toda a diferença em um setor que lida diretamente com a saúde da população. Por isso, o desafio não consiste apenas em produzir novos produtos, mas produzir com segurança e eficiência. Não por acaso, a indústria alimentícia opera sob a influência de normas rigorosas, que passam por atualizações frequentes, além de fiscalizações permanentes. E faz sentido, afinal, qualquer falha pode comprometer a saúde do consumidor e a credibilidade da empresa. Conforme explica Ana Patrícia, diante de linhas de produção cada vez mais automatizadas e de um controle de qualidade mais exigente, a presença do engenheiro de alimentos tornou-se estratégica para “otimizar processos, melhorar o aproveitamento de matéria-prima e aumentar a eficiência produtiva sem comprometer a segurança”. Ao mesmo tempo, o consumidor está mais atento e exigente em relação a alimentos mais saudáveis. “É necessário manter a padronização dos produtos, evitando variações de peso, textura, sabor e aparência, mesmo em altas velocidades de produção”, frisa.

Graduação e desafios

Para quem imagina um curso ligado apenas à culinária, a realidade surpreende.



Foto: Arquivo pessoal

Ana Patrícia explica que o cuidado vai da matéria-prima até o produto pronto no mercado

A graduação em Engenharia de Alimentos é marcada por disciplinas densas e técnicas. Química, física, cálculos avançados, microbiologia, fenômenos de transporte e termodinâmica fazem parte da rotina acadêmica. “A graduação costuma surpreender muitos estudantes logo nos primeiros períodos”, afirma. Segundo ela, o perfil que combina com a carreira é o de quem tem afinidade com processos industriais e tecnologia, gosta de trabalhar em equipe e compreende o peso da responsabilidade. Além disso, é preciso atualizar-se constantemente, uma vez que o setor alimentício está sempre mudando. “Também é fundamental desenvolver habilidades em tecnologia, automação e análise de dados, entender conceitos de

sustentabilidade, ter visão de inovação e mercado, desenvolver habilidades de comunicação, gestão e liderança”, enumera. Com conhecimento de sobra e sempre aberto à inovação, é assim que esse profissional segue garantindo que o alimento que chega à mesa, todos os dias, seja seguro e saudável.

Oportunidade no Piauí

Para quem se identifica com a área e busca estabilidade no serviço público, o IFPI está com concurso aberto para o cargo de professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) na área de Alimentos. A vaga é para o *campus* de Uruçuí e exige graduação em Engenharia de Alimentos, Tecnologia de Alimentos, Tecnologia em Agroindústria ou Ciência dos Alimentos. A remunera-

ção inicial é de R\$ 6.397,19 para 40 horas semanais com dedicação exclusiva, podendo chegar a R\$ 13.763,94 conforme a titulação, além de benefícios como auxílio-alimentação, auxílio-transporte e assistência à saúde. Trata-se de uma oportunidade ímpar para quem deseja unir formação técnica, pesquisa e sala de aula.

■ Diante de linhas de produção cada vez mais automatizadas, a presença do engenheiro de alimentos tornou-se estratégica

Selic Fixado em 28 de janeiro de 2026 15%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial -0,98% R\$ 5,176	Euro € Comercial -0,86% R\$ 6,097	Libra £ Esterlina -0,5% R\$ 6,980	Inflação IPCA do IBGE (em %) Janeiro/2026 0,33 Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48	Ibovespa 190.534,42 pt + 1,06%
---	---	--	--	--	--	---

MERCADO DE TRABALHO

Páscoa abre oportunidades para contratos temporários

Supermercados e lojas de chocolate preparam-se para aumento da demanda

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Com a proximidade da Páscoa, o varejo volta a aquecer o mercado de trabalho com a abertura de vagas temporárias em supermercados, redes do setor alimentar, lojas especializadas em chocolate e até restaurantes. A demanda concentra-se, principalmente, em funções ligadas à demonstração e venda de produtos sazonais, além de reforço nas equipes de atendimento e operações, impulsionada pelo aumento no fluxo de consumidores e pela oferta de itens e cardápios específicos para o período.

“As posições que mais surgem em relação às oportunidades temporárias são para demonstração dos chocolates, que ficam disponíveis nos mercados e nas lojas especializadas, e no setor de vendas. Também aumenta a demanda nos restaurantes, porque há um cardápio de alimentação específica utilizado neste período”, explicou a consultora em gestão de pessoas e negócios, Edjane Baía.

Fernanda Cartaxo é franqueada de uma rede de varejo de chocolates. Com três pontos de venda em João Pessoa, ela conta que, no período da Páscoa, o percentual de aumento nas vendas chega à casa dos 300% a 400% em comparação com um mês normal. “É o momento em que mais preciso de contratações temporárias. Normalmente, fecho um valor fixo para os 15 dias mais intensos de venda. Acredito que eu vá contratar quatro pessoas a mais, apenas para este período em



Fotos: Roberto Guedes

Nesta rede, as vendas aumentam até 400% no período, com relação aos meses regulares

2026”, afirma a lojista.

A empresária tem contratos fixos com oito funcionários, e destes, seis começaram trabalhando de forma temporária. “Normalmente, eu opto por contratar pessoas que já tiveram um contato anterior com a dinâmica da loja, e tem funcionado. São pessoas que continuei mantendo por perto. Isso possibilita contratar profissionais que já têm mais intimidade com as lojas. Às vezes, as pessoas que já tenho contato não podem ou preciso de mais alguém além delas e faço uma seleção agora em fevereiro, faço um treinamento em março e ficam até a Páscoa”, conta Fernanda.

Quando o profissional se destaca na função provisória, Fernanda costuma manter os funcionários nos fins de semana e feriados até que apareça uma vaga fixa. “Eu prezo por um bom atendimento e tam-

bém para que seja uma pessoa que goste de manter a loja organizada, além de ser esforçada para utilizar o sistema de forma correta. Alguns problemas que já tive com contratações temporárias é que, às vezes, as pessoas não levam muito a sério por acreditarem que serão apenas aqueles dias específicos, não se esforçam nem um pouco. No mais, acho importantíssimo esse tipo de contratação”, relata.

Gerente das três lojas franqueadas que Fernanda possui, Hemyli Soares começou a trabalhar para a empresária em modalidade temporária, e o período da Páscoa esteve entre os primeiros contatos com o setor. “É quando as lojas mais faturam, então entrar e ver logo de cara como é corrido e movimentado é um pouco assustador, porque a pessoa não pára e está sempre em constante mo-

vimento, mas amei a experiência e até hoje amo quando chega essa época”, conta a funcionária.

Em 2021, na época de pandemia, Hemyli começou a ocupar vagas apenas aos domingos e feriados na loja de chocolates. “Eu sempre me prontificava a fazer mais do que era esperado, normalmente quem trabalha nesses dias apenas vende e passa compra, mas eu nunca fui de ficar parada. E aí eu começava a abastecer, organizar os produtos da loja, cativar os clientes”, disse.

Um mês depois ela foi contratada de forma efetiva. “Foi meu primeiro emprego de carteira assinada, nunca foi meu objetivo me tornar gerente de loja, eu apenas me dedicava a fazer o que era para fazer do melhor jeito possível, hoje em dia estou me formando em Administração”, compartilhou a gerente.

Deixar marca positiva é chave para efetivação

Para a consultora em gestão de pessoas e negócios Edjane Baía, as contratações temporárias trazem dinamismo para o mercado de trabalho. “Muitas vezes, o profissional que está desempregado tem várias características positivas, várias qualidades, até qualificações. Ao surgir uma vaga temporária, ele tem uma oportunidade importante de demonstrar suas competências, habilidades, perfil comportamental e capacidade produtiva. E, a partir dessa experiência, ter a possibilidade de passar a ser contratado de forma permanente e tornar-se efetivo dentro do quadro funcional da empresa”, explica a consultora.

Edjane destaca que é importante que trabalhadores, mesmo em vagas provisórias, busquem deixar uma marca positiva, tanto no aspecto relacional como em relação à eficiência nas entregas e qualidade técnica. “O profissional não deve evitar o trabalho tempo-

rário achando que sua carteira de trabalho vai ficar ‘suja’. Basta que no seu currículo ele registre que aquele foi um contrato por tempo determinado, e que era, por exemplo um período de férias, uma substituição por motivo de afastamento de saúde ou licença de maternidade”, afirma a especialista.

Há uma outra modalidade de trabalho, chamada “intermitente”. “Muitas vezes, os estabelecimentos do ramo alimentar, como restaurantes, lanchonetes, a usam, trazendo esses profissionais para trabalhar somente naquele período de alta demanda, por um curto período, um fim de semana ou uma semana ou duas.

“Uma coisa que às vezes se torna um jargão, mas é verdade, é que o bom desempenho ou o mau desempenho, está sempre sendo observado, quer seja pela empresa, quer seja pelo cliente. Em qualquer ocasião, onde você tem relacionamento com pessoas, há uma

possibilidade de um convite, de uma abordagem para o trabalho”, reitera Edjane.

De acordo com fatores sazonais, o aumento expressivo de demanda por produtos e serviços específicos também abre espaço para oportunidades na economia de microempreendedorismo e trabalho autônomo. “Tem acontecido também um outro movimento de profissionais autônomos, que buscam trabalhar e ganhar uma renda com a produção de chocolates, ovos de Páscoa, e cestas, e também com vendas para ambientes corporativos”, destaca Edjane.

Recrutamento

Para acessar oportunidades em aberto, as pessoas interessadas devem procurar o Sistema Nacional de Empregos, nos níveis estadual e municipal, bem como empresas especializadas em recrutamento e até mesmo o contato direto com lojistas e franquea-

dos. Segundo as empresas e o serviço público, o mês de março é o momento em que, na sua maioria, as demandas por funcionários temporários para a Páscoa começam a surgir com mais intensidade.

Algumas vagas desse tipo já começaram a ser anunciadas. As lojas Americanas, por exemplo, oferecem neste período, postos de trabalho por todo o país, na Paraíba, 120 pessoas devem ser contratadas para reforçar a operação considerada uma das maiores da companhia ao longo do ano. As vagas são para o cargo de operador de loja, não exigem experiência prévia e têm início previsto para o começo de março, com contratos até meados de abril e possibilidade de efetivação. Os contratados poderão atuar em cidades como João Pessoa, Campina Grande, Patos, Bayeux, Santa Rita, Sousa, Cajazeiras e Guarabira, entre outros municípios.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Carnaval da Paz transforma fé em desenvolvimento

Campina Grande consolida-se como um dos polos urbanos mais dinâmicos do Nordeste, destacando-se pela capacidade de inovar, atrair investimentos e sediar grandes eventos. Nesse contexto, o Carnaval da Paz tornou-se peça estratégica da economia local ao articular fé, organização e geração de renda, demonstrando que o turismo religioso é um vetor de desenvolvimento consistente.

Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, a edição de 2026 reuniu um público superior a 230 mil participantes nos diversos encontros ligados ao Carnaval da Paz, entre eles mais de 20 mil turistas de outros estados e até de fora do país, representando um crescimento de aproximadamente 5% em relação aos 219 mil participantes de 2025. Esse aumento projetado, indica maior adesão aos mais de seis eventos religiosos e filosóficos realizados durante o período, sugerindo também expansão no fluxo turístico, que em 2025 já havia superado 20 mil visitantes. Em termos econômicos, a tendência é de impacto ainda mais relevante que os cerca de R\$16 milhões movimentados no ano anterior, reforçando o fortalecimento de mais um evento como motor cultural, turístico e econômico para Campina Grande.

A diversidade de encontros é o que sustenta esse desempenho. A Consciência Cristá mobiliza grande público evangélico em atividades no Parque do Povo. O Crescer reúne a comunidade católica e passou a ocorrer no Centro de Convenções da cidade. O Miep mantém viva a tradição espírita com uma programação formativa intensa. Somam-se a esses eventos o E Além, dedicado ao estudo filosófico e ao autoconhecimento, o Acampamento Verbo da Vida e o encontro A Palavra Revelada, promovido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em paralelo, dezenas de retiros, vivências espirituais e atividades em chácaras, igrejas, sítios e centros comunitários ampliam o alcance do Carnaval da Paz por toda a Zona Urbana e Rural. Essa pluralidade reforça a vocação da cidade para receber públicos diversos, fortalecendo sua imagem de acolhimento e organização, ao mesmo tempo em que estimula o fluxo econômico em múltiplas regiões da cidade.

O impacto econômico, porém, não se limita ao ciclo imediato do evento. O Carnaval da Paz tem contribuído de forma decisiva para consolidar Campina Grande como destino turístico permanente. Visitantes retornam em outras épocas do ano motivados pela vivência positiva proporcionada pelo encontro. O setor de serviços, tradicionalmente forte no município, ganha estímulo para se qualificar e inovar. Restaurantes ampliam cardápios, hotéis investem em melhorias e empreendedores encontram oportunidades de ampliar renda e visibilidade.

A cidade também se beneficia da projeção nacional resultante das coberturas jornalísticas e da circulação digital de conteúdos sobre o evento. Em um cenário competitivo, visibilidade é ativo econômico. Ao posicionar-se como destino organizado, diverso e preparado para receber grandes públicos, Campina Grande fortalece sua capacidade de atrair investimentos e de ampliar o mercado interno.

O Carnaval da Paz mostra que desenvolvimento econômico pode caminhar em harmonia com a dimensão cultural e espiritual da sociedade. Campina transforma suas vocações em oportunidades concretas de crescimento e afirma, a cada edição, sua importância estratégica para a Paraíba e para todo o Nordeste brasileiro.

LATICÍNIOS

Produção recorde pressiona preços

Mercado enfrenta sobreoferta, queda de 22,6% no valor pago ao produtor e cenário de incertezas para 2026

Agência Gov

Em 2025, a produção do leite alcançou um patamar histórico, com crescimento estimado em 7,2% em relação a 2024. Ao mesmo tempo, as importações seguiram em um volume elevado. Apesar de ter ocorrido uma queda de 4,2%, se comparado a 2024, a balança comercial ainda registrou um déficit de cerca de dois bilhões de litros equivalentes. O leite em pó continua sendo o principal produto importado.

Esses fatores combinados geraram uma sobreoferta de produtos lácteos no mercado brasileiro, o que resultou em quedas constantes no preço médio do leite pago ao produtor, especialmente a partir de abril. Dados do Centro de Inteligência do Leite (Cileite/Embrapa) indicam que, em dezembro de 2025, o preço chegou a R\$ 1,99 por litro de leite, o que representou uma queda de 22,6% em relação aos 12 meses anteriores. Por outro lado, o preço pago pelo consumidor na cesta de lácteos (composta por leite longa vida, queijo, iogurte, leite condensado, leite em pó e manteiga) caiu 3,62%.

As perspectivas para 2026 já se desenhavam. O mercado global de lácteos inicia o ano com oferta elevada, impulsionada por aumentos observados nos principais produtores mundiais, como os de 7% a 8% na Argentina e no Uruguai no ano de 2025, respectivamente. Contudo, a expectativa é um crescimento produtivo global mais modesto, reflexo de margens apertadas na cadeia e incertezas geopolíticas na Venezuela, Irã e Leste Europeu.

O pesquisador da Embrapa Gado de Leite Samuel Oliveira afirma que, neste início de ano, os preços de lácteos no mercado internacional continuam baixos. “Movimentos de alta percebidos no último leilão GDT devem ser percebidos como correções

pontuais de preços”, diz. GDT refere-se a Global Dairy Trade, uma das principais plataformas de comercialização de produtos lácteos do mundo.

No Brasil, o ambiente macroeconômico aponta para uma desaceleração do crescimento econômico, com projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,8% para 2026, abaixo dos 2,3% estimados para o ano anterior. O ano eleitoral introduz componentes de incerteza, como volatilidade cambial e expectativa de aumento nos gastos públicos, em um cenário no qual os juros permanecem elevados para conter a inflação.

Para o produtor nacional, o curto prazo segue desafiador. A alta oferta reduziu o valor pago ao produtor para US\$ 0,36/kg. Entretanto, há si-

nais de ajuste: o mercado *spot* — no qual as transações comerciais são realizadas com pagamento à vista — começou a reagir, ilustrando um movimento de recuperação no mercado brasileiro. No entanto, a valorização recente do real frente ao dólar pode deixar o produto importado mais competitivo, o que precisa ser acompanhado nos próximos meses.

Além disso, a recuperação dos preços de bezerras e da arroba do boi surge como ponto positivo, gerando renda extra para os produtores na venda de novilhos e descarte de vacas. Outro fator é a aproximação da entressafra, que começa a influenciar a precificação do leite, com viés de recuperação. Em relação ao mercado europeu, o novo acordo entre blocos não pare-

ce trazer mudanças drásticas no curto prazo.

Para 2026, a recomendação de Oliveira é de cautela e planejamento estratégico. O pesquisador alerta que “as transformações no setor são rápidas e quem não acompanhá-las ficará para trás. É preciso buscar o aumento de produtividade e a redução de custos ou a agregação de valor, aproveitando o espaço que o Brasil ainda tem para evoluir em competitividade tecnológica”.

Maior tecnificação no campo

O bom desempenho do setor em 2024 permitiu que os produtores respondessem rapidamente, resultando em maiores investimentos na atividade no início do ano passado. O clima favorável, a profissionalização e

a maior tecnificação no campo também contribuíram para o aumento da produção no ano passado. “Observamos uma mudança estrutural na produção leiteira no Brasil, com maior concentração nas grandes fazendas. Essas fazendas estruturadas respondem à questão da rentabilidade de maneira mais forte”, afirma Glauco Carvalho, pesquisador da Embrapa Gado de Leite.

Apesar desse cenário de queda de preços ao longo de 2025, o produtor conseguiu obter rentabilidade quando se analisa a média do ano em geral. Isso porque o primeiro semestre foi favorável, comenta Carvalho. Em relação ao custo acumulado até dezembro de 2025, o Índice de Custo de Produção de Leite (ICPL Leite/Embrapa) subiu

3%. Já a inflação oficial brasileira fechou o ano passado em 4,3%. Ou seja, o aumento dos custos foi menor do que o crescimento da inflação no país. “Essa estabilidade no custo de produção criou um certo amortecimento do efeito negativo da queda do preço, pois os termos de troca não foram tão prejudicados”, explica Samuel Oliveira.

Isso ocorreu, sobretudo, porque os insumos fundamentais da dieta do rebanho, como milho e soja, mantiveram os preços estáveis devido às boas safras. Dessa forma, criou-se um cenário de margens apertadas, mas não negativas, para quem tinha eficiência. Segundo Carvalho, “isso vale para a média do ano, uma vez que o último trimestre de 2025 foi bem mais complicado”.

Excesso de oferta expõe fragilidade do setor

O cenário do final de 2025 expôs uma fragilidade estrutural da cadeia: o Brasil produziu mais leite do que o mercado doméstico consegue absorver sem um forte ajuste de preço, mas ainda não é competitivo o suficiente para exportar o excedente de forma consistente.

Em 2025, enquanto a produção cresceu 7,2%, o consumo interno registrou desempenho mais fraco, com uma expansão que não deve ter superado 2%. Glauco Carvalho explica que tal dependência do mercado interno cria um ciclo constante de alternância entre crescimento

e estagnação. “Se o mercado interno não cresce, a produção também não pode crescer, pois gera excesso de oferta e o preço piora. Então, para sairmos desse ciclo, precisamos melhorar a competitividade, reduzir custos e começar a exportar”, esclarece o pesquisador da Embrapa.

Medidas de repesamento da produção ou da importação, apesar de trazerem certo resultado imediato ao produtor, podem prejudicar o consumidor, que pagará mais caro pelo produto lácteo, conta Oliveira. Por outro lado, o pesquisador afirma que o Brasil já mostra sinais de novas possibilidades para o setor: “Existem hoje condições de o país ser competitivo. Há regiões e sistemas de produção que estão mostrando isso. Por exemplo, na região de Castro, no Paraná, a produção é de quase três milhões de litros de leite por dia e a produtividade das fazendas é igual ou superior à observada na Argentina, por exemplo”.

A produção de leite no Brasil é muito heterogênea, com cerca de 513 mil produtores espalhados pelo país, segundo estimativa do Cileite. O maior desafio é reduzir a assimetria tecnológica e de gestão existente para elevar a competitividade brasileira na exportação do excedente.

Acordo Mercosul-UE terá impacto limitado

A aprovação do Acordo Mercosul-União Europeia, em janeiro de 2026, inaugurou uma nova fase de expectativas para o comércio bilateral. Embora ainda dependa de ratificação pelos países envolvidos, a perspectiva é que o pacto elimine mútua e gradualmente tarifas sobre mais de 90% de seus produtos, beneficiando o consumidor final.

O setor de lácteos permanecerá relativamente protegido em duas frentes: as cotas de isenção previstas para o leite em pó e queijos têm volumes modestos frente ao tamanho dos mercados. Já o queijo muçarela ficou fora do acordo e segue taxado. A maior alteração de dinâmica deve ocorrer nos nichos de queijos de alto valor agregado, que podem sentir mais impacto da concorrência europeia. Há também uma previsão de redução tarifária imediata de 30% para a manteiga.

Para Glauco Carvalho, pesquisador da Embrapa, o acordo deve ser visto com otimismo estratégico. “A Europa funciona como uma certificação para o Brasil. Se aprimorarmos nossas questões sanitárias e de qualidade para atender aos padrões europeus, isso nos credencia globalmente, abrindo portas para outros mercados”, analisa. Ou seja, ao buscar o mercado europeu, o Brasil pode elevar sua régua produtiva e destravar o acesso a outros mercados globais exigentes.

Em decisão recente, o Parlamento Europeu enviou o acordo para o Tribunal de Justiça da União Europeia verificar se atende às leis do bloco. Tal processo pode atrasar sua implementação por mais de um ano. Porém, mesmo com o processo em pauta, a Comissão Europeia já pode colocar em prática partes do acordo de forma provisória.



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União

Apesar do aumento na produção láctea registrada no ano passado, as importações permaneceram em volume elevado, especialmente de leite em pó



Foto: Juliana Sussal/Embrapa

Consumo interno não conseguiu acompanhar aumento de produção, gerando estagnação

RADIOTELESCÓPIO BINGO

Aguiar está no centro da astronomia internacional

Município do Vale do Piancó ocupará um lugar no mapa da ciência mundial

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Aguiar sempre foi conhecida pela rotina tranquila do Sertão, pelas famílias ligadas à agricultura e pela construção coletiva de uma cidade que cresceu aos poucos. Agora, o município do Vale do Piancó passa a ocupar um lugar inesperado no mapa da ciência mundial. A chegada do radiotelescópio Bingo abre um novo horizonte para a cidade, conectando o cotidiano do interior paraibano às grandes perguntas sobre o Universo.

Com a instalação do radiotelescópio Bingo, a expectativa é que o município paraibano torne-se referência internacional na observação do Universo, unindo ciência, tecnologia, turismo e desenvolvimento econômico em uma mesma narrativa de futuro.

Para o secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, Claudio Furtado, o projeto representa mais do que um avanço tecnológico. “Investir em ciência no interior é investir em transformação social. O radiotelescópio não é apenas um instrumento científico, mas uma política pública que conecta o Sertão paraibano ao futuro, gerando oportunidades, conhecimento e desenvolvimento regional”, destaca.

A história de Aguiar está ligada aos processos de ocupação do interior nordestino, marcados pela formação de comunidades rurais, pela religiosidade e pela organização social em torno da agricultura e das tradições locais, da devoção a São Sebastião, padroeiro da cidade, cuja origem histórica veio de uma promessa feita no século 19 (1880) para livrar a região de uma epidemia de cólera. Ao longo dos séculos, o município construiu sua identidade a partir da persistência de sua população diante dos desafios do semiárido.

O morador Gilson Nunes relembra que a cidade já teve uma realidade bem diferente da atual. “Aguiar, quando eu era criança, era uma cidade muito simples, pacata, sem muito desenvolvimento econômico. A economia era mais oriunda da agricultura e as condições de vida eram

mais difíceis. Mas vivíamos uma unidade familiar muito forte. Éramos felizes na simplicidade, com brincadeiras ao ar livre e responsabilidades desde cedo”, recorda.

Segundo ele, as transformações chegaram gradualmente, acompanhando o crescimento urbano e o acesso a serviços básicos. “As maiores mudanças vieram com a chegada da energia elétrica, água encanada, crescimento do comércio, escolas públicas bem equipadas, postos de saúde, pavimentação das ruas, acesso à internet e ao telefone celular. Isso mudou completamente a realidade da cidade”, afirma.

Se no passado o isolamento geográfico representava desafios, hoje ele se tornou um diferencial estratégico para a ciência. A baixa interferência eletromagnética e as condições ambientais da região criam um cenário ideal para projetos científicos de grande escala.

O coordenador do radiotelescópio Bingo, Elcio Abdalla, explicou que a escolha do local foi resultado de um processo internacional de análise. “Eu e o professor Wuensche procuramos várias áreas no Uruguai para observação do polo sul celeste, mas encontramos problemas locais. Decidi vir ao Brasil em busca de técnicas eletrônicas mais sofisticadas e, após extensas procuras, o professor Luciano Barosi nos conduziu a vários locais na Paraíba. Nós nos fixamos em Aguiar pela limpeza e proteção eletromagnética, sem torres de celular próximas que pudessem poluir as observações”, relata.

O radiotelescópio Bingo é dedicado ao estudo da matéria escura e à investigação da expansão do Universo. Integrado a redes internacionais de pesquisa, o projeto posiciona a Paraíba no mapa global da astronomia.

Além da relevância científica, Abdalla destaca que a iniciativa deve gerar impactos diretos no território. “O município e toda a região vão ganhar melhorias ligadas à infraestrutura do telescópio, aumento do turismo científico, possibilidades de novos atrativos na cidade, melhoria da infraestrutura escolar e maior interesse científico entre crianças e jovens. Também há potencial para expansão da infraestrutura hoteleira e desenvolvimento econômico associado ao projeto”, afirma.

A iniciativa integra uma estratégia estadual voltada para descentralização de investimentos em ciência e ampliação do acesso à inovação em diferentes regiões da Paraíba. A presença de um equipamento científico de grande porte no interior reforça o papel das políticas públicas na interiorização do conhecimento e na criação de novas oportunidades.

Para a secretária municipal de Cultura, Esportes e Turismo de Aguiar, Cicera Maia Dantas, o impacto do projeto vai além da ciência. “A chegada do radiotelescópio Bingo é um marco para o município. Os olhares da ciência estarão voltados para nós por vários países e seremos destaque nas páginas científicas por muito tempo”.

Ela destaca que a iniciativa abre novas perspecti-

vas para o desenvolvimento local. “O futuro do município terá grandes mudanças no campo da cultura, ciência, tecnologia e principalmente na economia. Teremos oportunidade de modernizar cada vez mais nossa cidade, gerar renda e investir na educação, atraindo nossos jovens para a formação acadêmica em ciência e tecnologia”, disse.

Entre os moradores, o projeto desperta curiosidade e orgulho. A ideia de que cientistas internacionais possam circular pela cidade, antes distante da realidade local, hoje se torna parte do cotidiano imaginado para as próximas décadas. “A escolha do município foi uma surpresa para todos nós. Saber que receberemos pesquisadores e turistas é uma honra. O radiotelescópio trará reconhecimento nacional e internacional e pode evitar que muitas pessoas precisem sair daqui para buscar trabalho em outras cidades”, afirma Gilson Nunes.

Complexo Científico

Tudo isso faz parte de um projeto ainda maior, o chamado “Complexo Científico do Sertão”, um conjunto de equipamentos científicos implantados de forma estratégica, com o objetivo de interiorizar a ciência e promover o desenvolvimento regional no semiárido paraibano.

O futuro do município terá grandes mudanças no campo da cultura, ciência, tecnologia e principalmente na economia

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Aguiar e os sussurros do Universo

Sempre me perguntam: por que Aguiar? Por que a Serra do Urubu foi escolhida para sediar o radiotelescópio Bingo? E eu gosto de responder contando a história como ela realmente aconteceu.

FAUNA PARAIBANA

Câmeras revelam riqueza da Caatinga

Objetivo é saber se existem espécies ameaçadas e animais exóticos nas unidades de conservação do estado

Bárbara Wanderley
habiwanderley@gmail.com

As câmeras estão ligadas 24 horas por dia e não se trata de mais um programa de televisão. As câmeras em questão são armadilhas fotográficas instaladas em Áreas de Preservação Ambiental (APAs) da região da Caatinga, na Paraíba. Os equipamentos estão sob responsabilidade da Divisão de Fauna (Difau) da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e já flagraram diversos tipos de animais, incluindo espécies que não são comuns no estado, como o veado-catingueiro.

O monitoramento foi iniciado em 2024, conforme explicou o chefe da Difau, Leandro Silvestre. “Através de uma compensação ambiental, a Sudema recebeu câmeras que a gente chama de ‘câmera trap’. É uma armadilha fotográfica em que os animais, quando passam na frente, tem um sensor de infravermelho que faz a captura [da imagem]”.

Para contexto, a compensação ambiental diz respeito a valores que precisam ser pagos como compensação à sociedade e ao meio ambiente pelo uso de recursos naturais quando ocorre a instalação, embora autorizada, de um



Foto: Divulgação/Sudema

Equipamentos sob responsabilidade da Sudema já flagraram diversos animais, como o macaco-prego e espécies menos comuns

empreendimento de significativo impacto ambiental.

Leandro Silvestre esclareceu que as câmeras foram instaladas na área da Caatinga porque foram adquiridas como compensação por um empreendimento que se instalou naquela região. Dessa forma, há armadilhas fotográficas na APA das Onças, em São João do Tigre; na APA do Cariri, que passa nos municípios de Cabaceiras, Boa Vista e São João do Cariri; além do

Parque Estadual da Pedra da Boca, em Araruna.

O objetivo, segundo Leandro, é inventariar a fauna, saber se existem espécies exóticas nas localidades das unidades de conservação, se existem as espécies ameaçadas e até mesmo saber se o parque está cumprindo a sua função. “Existem parques que têm função de manter os recursos naturais, a beleza cênica, mas todos eles, de alguma forma, têm a função de

preservar a biodiversidade. E, através das câmeras, a gente consegue ver isso na prática. A gente às vezes não tem um estudo próprio para aquela área. Uma universidade não foi, um pesquisador ainda não fez o levantamento, mas, com as câmeras, a gente acabou encontrando espécies que estão na lista de ameaçados e que foram fotografadas várias vezes”, afirmou.

Ele contou que, na APA das Onças, por exemplo, fo-

ram vistos veados-catingueiros com filhotes e, embora a espécie não esteja ameaçada de extinção, não é comumente vista no estado. “É um ponto positivo para um dado de conservação, porque mostra que o local tem condições de manter esses animais e que eles estão se reproduzindo, um fator extremamente positivo”, comentou.

Segundo ele, existe a perspectiva de expandir o monitoramento, a partir de outras

compensações ambientais. O próximo local a ganhar câmeras já foi definido e dessa vez será no Brejo paraibano, no Parque Estadual Mata do Pau-Ferro, que fica na região do município de Areia.

“A gente vai começar com essa unidade ali do Parque Estadual do Pau Ferro que é restrito o acesso ao local, é mais conservada, então a gente espera encontrar alguns animais diferentes. E também lá é muito importante porque é um dos remanescentes que existem de Mata Atlântica”, disse Leandro.

O servidor afirmou ainda que o monitoramento é um primeiro passo para saber quais animais estão presentes em cada localidade e, posteriormente, é possível traçar estratégias para cada grupo. “Com a câmera, a gente geralmente atende o grupo que seria considerado de mamíferos de médio a grande porte. Porque existe uma gama de mamíferos que não aparecem nas câmeras porque o padrão de vida dele é diferente. Ele não vai ficar sempre no sol, ele já vai estar na copa de árvore. Então aí já é outra metodologia que a gente já pretende fazer com armadilhas”, contou. É o caso de diversos tipos de roedores, por exemplo.

SisPass, resgate e soltura são outros braços da Sudema

Além do monitoramento da fauna



Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

A primeira fase do Campeonato Paraibano encerra-se, hoje, com os cinco jogos da nona rodada acontecendo, simultaneamente, às 18h. Um duelo de destaque será realizada entre Botafogo e Serra Branca no Almeida, em João Pessoa. Ambos iniciam a partida no G4, mas uma possível derrota nesse jogo pode deixar qualquer uma das agremiações fora das semifinais do Estadual. A rodada ainda terá Campinense, Treze e Sousa buscando a classificação, e Pombal e Confiança lutando para se manter na Primeira Divisão.

A rodada final chegou sem que houvesse definições tanto na parte de cima como na parte de baixo da tabela. Os quatro semifinalistas e os dois rebaixados só serão descobertos ao término das cinco partidas. Com exceção de Esporte de Patos, Pombal e Confiança, todas as demais equipes têm condições de alcançar a classificação ao mata-mata. Apenas Nacional e Atlético de Cajazeiras não dependem só de si para avançarem, ou seja, além de vencerem, terão de torcer contra os rivais acima deles.

O Canário e o Trovão Azul também precisam ficar de olho na luta da parte de baixo da tabela. Apesar de improvável, uma combinação de resultados pode rebaixar qualquer uma das equipes. O Esporte (8º) depende só de suas forças para garantir a manutenção na Primeira Divisão. A equipe recebe o Campinense no José Cavalcanti, em Patos. O Pombal e o Confiança têm situação mais delicada e não dependem só de si.

Já classificou?

O Campinense está praticamente classificado para o mata-mata do Campeonato Paraibano. Apenas se sofrer uma goleada para o Esporte de Patos, se ocorrer vitória do Serra Branca contra o Botafogo com uma diferença de um ou dois gols, se o Treze vencer também por goleada o Nacional de Patos e se o Sousa ganhar do Pombal é que o clube raposeiro poderia ficar de fora da semifinal.

Mesmo com os possíveis resultados apresentados ocorrendo, seria preciso ainda analisar critério por critério de desempate. Se empatar em seu último jogo, o time de Evaristo Piza estará classificado matematicamente sem depender de outros jogos.

Classificação

Clubes	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Campinense	15</							

BERGKAMP

Brasil frustrou holandês em Copas

Ex-jogador relembra a derrota nas quartas de final em 1994, nos EUA, e a de 1998, na França, pela semifinais

Conhecido por sua elegância, sutileza e capacidade de marcar gols extraordinários, Dennis Bergkamp nunca ergueu a taça da Copa do Mundo da Fifa. Apesar disso, porém, ganhou seu lugar no panteão dos grandes nomes do torneio. O mago do ataque da Holanda fez seis gols em 12 jogos na competição, vários dos quais ficaram gravados

na história do futebol. Poucos atletas simbolizam melhor do que ele o futebol holandês da década de 1990 — uma época dourada em que a seleção do seu país, abençoada com muito talento, chegou perto do topo tanto nos EUA 1994 quanto na França 1998. Revelado na renomada base do Ajax, Bergkamp fez 79 jogos com a camisa da

Holanda, balançando as redes em 37 ocasiões. Desde a sua estreia pela seleção, contra a Itália em setembro de 1990, até a cruel derrota para a mesma adversária na Eurocopa da Uefa no ano 2000, justo em Amsterdã, Bergkamp teve uma trajetória notável, que ele recordou em entrevista exclusiva para a Fifa, inclusive, falando de derrotas para o Brasil..

A entrevista

■ *Dennis, quando você pensa na Copa do Mundo da Fifa, qual é a primeira lembrança que vem à sua mente?*
Bom, curiosamente, foi o jogo entre Holanda e Argentina na final da Copa do Mundo 1978. Não me lembro muito bem, porque eu era muito jovem, acho que tinha apenas nove anos. Naquela época, não tinha muitos jogos de futebol na TV, mas é claro que transmitiam a Copa do Mundo. Meus pais me acordaram para assistir ao jogo. Ainda me lembro de alguns lances dele. É claro que, mais tarde, vi muitas imagens daquela final. Mas tenho certeza de que essa foi minha primeira lembrança de assistir a uma Copa do Mundo. A lembrança em si é fantástica porque era o torneio mais importante, é claro, e a Holanda estava jogando. Então, foi muito especial. O resultado? Acho que não me incomodou muito naquela idade. Mas a imagem do futebol na televisão — o grande palco, o grande jogo, a final — ficou na minha cabeça.

■ *Você defendeu a Holanda em duas Copas do Mundo. Qual lugar esses torneios ocupam na sua carreira?*
A Copa do Mundo é provavelmente o maior torneio. Joguei em clubes da Itália e da Inglaterra, que eram as maiores ligas da época. Mas é sempre especial jogar pelo seu país. É um privilégio. Você está jogando no palco mais importante, que é a Copa do Mundo. Isso te dá um certo reconhecimento. É tenso também, mas é uma tensão boa. Você quer fazer parte daquilo, quer estar lá. É muito especial. Quando você está lá, percebe que é um grupo de jogadores de primeira que está participando. Depois, leva aquilo com você. Vira uma questão de confiança. Você não fica arrogante, mas aquilo dá mais confiança para continuar a carreira. É como uma escada, e você sobe mais um degrau.

■ *O torneio nos EUA em 1994 foi a sua primeira Copa do Mundo, quando a Holanda foi eliminada em um jogo épico contra o Brasil nas quartas de final. Qual é o destaque daquele torneio para você?*
Gostei muito do torneio inteiro. Eu tinha jogado a Eurocopa de 1992 na Suécia antes, onde tudo parecia próximo — os grupos, as distâncias. Tudo era perto. Então, de repente, estava jogando a Copa do Mundo de 1994 nos EUA, que era muito maior. Talvez o futebol não fosse o esporte mais popular lá, mas na época parecia que era. Não sei bem quanto espaço o futebol tem realmente nos Estados Unidos, porque eles já têm muitos esportes populares. Mas a

MLS é visivelmente muito mais importante agora do que naquela época. Então, nesse sentido, dá para ver que as coisas melhoraram. O ruim, é claro, foi o jogo contra o Brasil. Mas, no geral, o torneio foi muito agradável para mim.

■ *Visto de fora, parecia que vocês tinham uma chance real de ganhar o troféu. Vocês sentiam o mesmo dentro do elenco?*
Sim, acho que tínhamos um time muito bom, um coletivo forte. Tínhamos uma boa mistura: jogadores técnicos, jogadores fortes, jogadores experientes, jogadores jovens. Então, no geral, era um time muito equilibrado. O Brasil era uma grande equipe, uma equipe muito forte. Mas nós também estávamos no mesmo ponto. Tivemos um pouco de azar no jogo, talvez alguns momentos ruins, mas também bons momentos. Realmente qualquer um poderia ter saído com a vitória. Foi uma pena enfrentar uma equipe como aquela já nas quartas de final. Seria melhor enfrentá-la na semifinal ou na final. Mas fomos eliminados pelos futuros campeões. É uma das coisas que podem acontecer em uma Copa do Mundo.

■ *Quatro anos depois, na França 1998, a Holanda terminou em quarto lugar e era mais uma vez forte candidata ao título. Você também achava isso?*
Tínhamos uma equipe muito boa, provavelmente uma das melhores seleções holandesas de todos os tempos. E tudo realmente começou depois de um torneio ruim em 1996. A Eurocopa foi um desastre. A partir daquele momento, começamos a construir algo, com um plano claro do técnico [Guus Hiddink]. Queríamos ser um verdadeiro coletivo, focado em uma coisa: ganhar o torneio. Tínhamos muita confiança e fo-

mos em frente. Pessoalmente, comeci o torneio com uma lesão [sofrida] na Premier League, então entrei como substituto no primeiro jogo. Fui crescendo no torneio e me sentindo cada vez melhor. Teve aquele momento especial contra a Argentina nas quartas de final. Naquele momento, parecia que toda a equipe estava pensando: "Certo, vamos lá". Na semifinal, talvez tenhamos falhado um pouco — física e mentalmente —, mas estávamos muito perto.

■ *A semifinal foi contra o Brasil, de novo...*
Contra o Brasil de novo, sim. Foi decepcionante perder daquele jeito, mas não acho que possamos nos culpar. Na minha opinião, todos tiveram um bom desempenho. Não tinha um único jogador fora de forma ou em má fase. Acho que fizemos um torneio muito bom. Era um ambiente ótimo, um grande cenário onde nos apre-

sentarmos. Atingimos o auge no momento certo, mas, infelizmente, não foi o suficiente. E, no final, faltou só um pouco para nós, perdemos nos pênaltis. Sentimos que éramos um pouco melhores naquele momento e que deveríamos ter chegado à final. Naquele altura, muitas vezes é uma questão de sorte. Quando você perde porque o adversário é visivelmente melhor, você consegue aceitar. Mas quando é tão disputado, quando você perde por um pouco de azar, isso torna tudo muito frustrante.

■ *A França 1998 também é lembrada pelo seu goloço no último minuto contra a Argentina nas quartas de final. Esse é o seu gol favorito?*
Sim, porque quando vejo um gol — não só os meus, mas os de outros jogadores —, sempre levo em conta o momento. Que tipo de jogo era? Quem era o adversário? Em que momen-

to da partida? Quando você junta tudo isso, tive a sorte de marcar alguns belos gols durante a minha carreira. Mas fazer isso naquele momento, nas quartas de final, contra uma das maiores seleções de todos os tempos, e da maneira como fiz, claramente torna esse gol o meu favorito. Quando era jovem, sonhava com momentos como aquele, mas eles pareciam muito distantes. E então, de repente, eu estava lá e aquilo realmente aconteceu. Se você quer ser lembrado como um grande jogador, precisa ter uma coisa desse nível que faça com que as pessoas se lembrem de você. Aquele foi o meu momento e gosto muito dele.

■ *Desde a sua aposentadoria, a Holanda chegou a mais uma final da Copa do Mundo e foi terceira colocada em outra edição. É apenas uma questão de azar que o título sempre tenha escapado de vocês?*
Não, definitivamente não é só azar. Somos um país muito pequeno, mas revelamos consistentemente jogadores de ponta, que se dão bem no exterior. Podemos nos orgulhar disso. Mas, como seleção, às vezes parece que nos falta algo, talvez a determinação para realmente finalizar o trabalho. Disputei cinco torneios importantes e, em quatro vezes, fui eliminado nos pênaltis. Dá para dizer que os pênaltis são uma questão de sorte, mas quando isso acontece com tanta frequência, talvez exista algo mais por trás disso. Pode ser uma questão de mentalidade, aquele passo final para finalizar o jogo.

■ *Você mesmo mencionou que a Holanda é um país pequeno. Olhando para trás, o histórico da sua seleção na Copa do Mundo te*

deixa orgulhoso ou existe uma sensação de frustração?
A primeira emoção é a de que deveríamos ter [conquistado] mais coisas. Mas, quando faço análise, acho que podemos nos orgulhar. Somos um país pequeno, mas revelamos muitos jogadores bons e chegamos às finais e semifinais. É claro que, como esportista, como jogador de futebol, quero ganhar títulos e ser bem-sucedido. Mesmo hoje em dia, queremos ganhar o troféu. Temos que encontrar uma maneira de ganhar esses jogos e essas disputas de pênaltis.

■ *Seu ex-companheiro de seleção Ronald Koeman vai comandar a equipe novamente na Copa do Mundo deste ano. Você está otimista?*
Acho que, no momento, é um bom grupo de jogadores. Conheço bem o Ronald Koeman, ele é um bom técnico. Transmite muita confiança e segurança aos jogadores. A Holanda não está entre os favoritos declarados, mas corre por fora com força. É um azar que pode levar o título. Se os jogadores estiverem em boa fase, se estiverem bem, podem conseguir uma coisa especial. A preocupação com a Holanda sempre foi o banco de reservas. Em um torneio, você não precisa só de 11 jogadores, precisa de 16, talvez 20 ou até mais. As outras seleções quase conseguem mandar a campo duas ou três equipes fortes, e talvez nós não consigamos. Por isso, vai depender de se, depois de uma longa temporada, os jogadores ainda vão estar em boa fase, principalmente com todas as viagens e jogos extras. É o que torna tudo interessante.



Dennis Bergkamp foi um jogador de muito destaque na Seleção Holandesa, mesmo sem conseguir conquistar uma Copa



A Holanda, de Bergkamp, eliminou a Argentina nas quartas de final da Copa de 1998

Foto: Reprodução/Instagram @officialdennisbergkamp

Foto: Divulgação/Fifa

ARBITRAGEM

Uefa exige mais proteção aos atletas

Entidade está bastante preocupada com as entradas desleais e pede para os árbitros estarem mais atentos

Agência Estado

Questionada nos quatro cantos do planeta por causa do absurdo crescimento de erros apresentados nos jogos, a arbitragem mundial vem sendo cobrada à exaustão por profissionalismo. Vitrine do futebol, a Europa quer servir de espelho para correções e aperfeiçoamentos e fez uma lista do que espera, cobrando proteção a jogadores (coibir entradas duras), combate aos exageros e utilização do VAR somente para correção de erros.

As normas definidas em reunião na sede da Uefa estão sendo colocadas à prova já a partir dos playoffs da Champions League que começou esta semana. Os árbitros, além de estarem em constante avaliação, terão reconhecimento de seu trabalho e os melhores receberão premiações.

Diretor de arbitragem da Uefa, Roberto Rosetti passou uma firme mensagem na qual a segurança do atleta será a prioridade em campo. “Continuaremos a ser rigorosos. O foco é sempre proteger os jogadores”.

Para isso, um estudo foi feito sobre onde ocorrem as entradas mais desleais. “Nosso departamento de arbitragem analisou todos os cartões vermelhos relacionados a faltas graves em nossas competições masculinas de clubes nesta temporada, identificando tendências claras que exigem que os árbitros permaneçam atentos”, explicou.

“Notavelmente, metade de todos os lances graves de jogo sujo ocorrem em uma zona específica do campo, perto das áreas técnicas, onde a emoção e a proximidade com a comissão técnica podem levar a entradas mais violentas. Uma parcela significativa de entradas violentas também surge de situações como perda de controle da bola, bolas quicando e disputas de bola dividida, momentos em que os jogadores instintivamente se esticam e correm

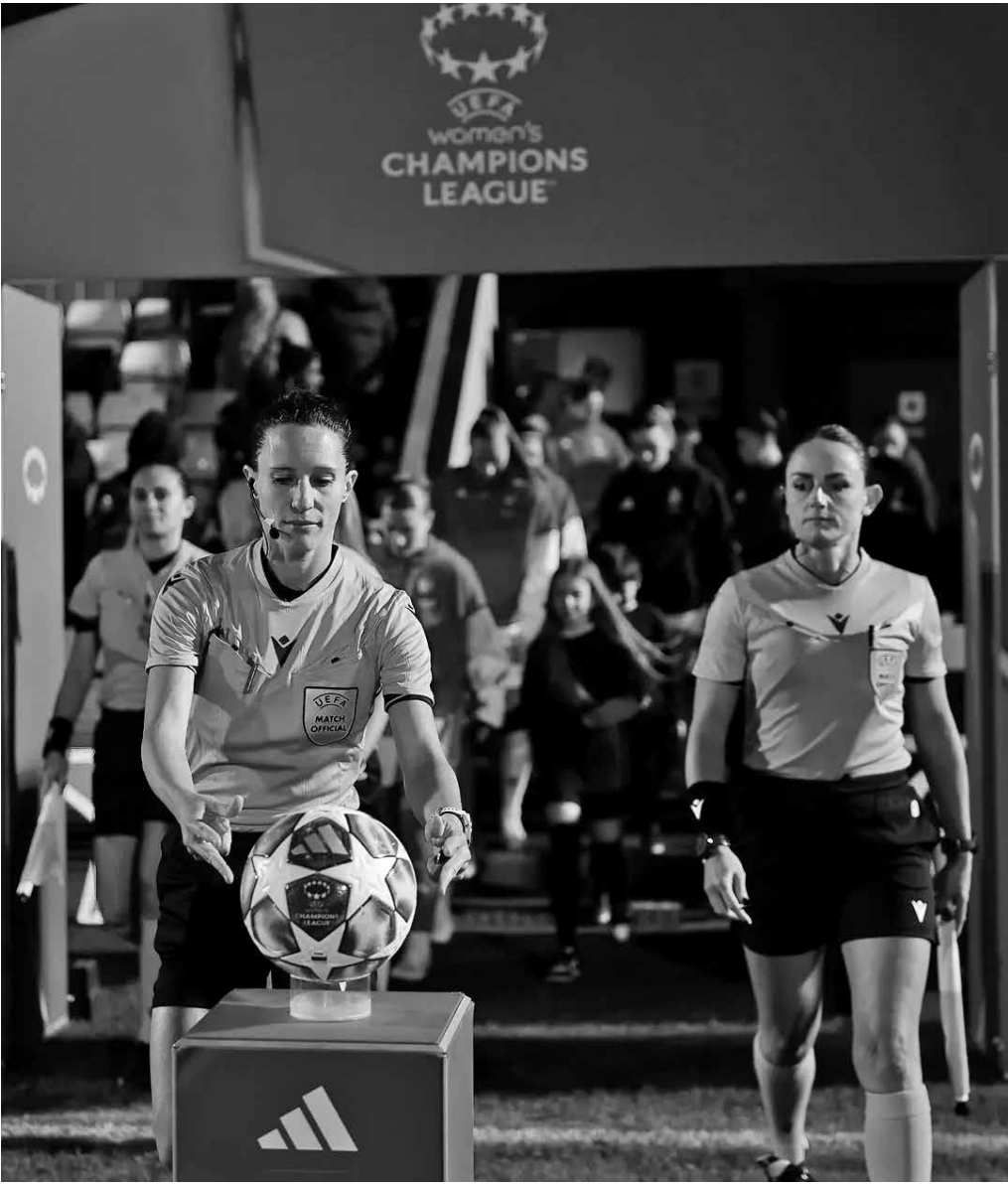


Foto: Reprodução/Instagram @uefa

Arbitragem europeia será premiada por proteger mais jogadores e usar menos o VAR

o risco de colocar um adversário em perigo”, detalhou.

A entidade reforça que apenas os capitães têm acesso à comunicação com os árbitros e não medirá esforços para extinguir/reduzir os exageros em campo, em claro combate à simulação. No jogo entre Botafogo e Flamengo no Carioca, sábado, (14) o árbitro foi bastante cobrado por não anotar um empurrão na origem do lance do gol de Lucas Paquetá e, logo depois, anotar falta em lance idêntico.

“O que vemos na televisão nem sempre é o que o árbitro vê em campo”, disse Rosetti, admitindo que ângulos, proximidade e velocidade afetam a percepção.

“A mensagem para os árbitros é que permaneçam vigilantes, mas justos e que saí-

bam distinguir faltas genuínas de reações exageradas destinadas a enganar”.

Nesses casos o VAR poderia ser utilizado, mas o chefe de arbitragem quer que a ajuda tecnológica seja utilizada apenas em último caso e para corrigir equívocos.

“Precisamos lembrar por que o VAR foi introduzido e criado para corrigir erros. A tecnologia é excelente para decisões objetivas, como impedimentos, mas para julgamentos subjetivos, precisamos ser cautelosos, porque quando revimos pequenos detalhes, estamos tornando o jogo mais lento”.

Por fim, a Uefa tenta ajustar as faltas por mão na bola. E instruiu seus árbitros para avaliar alguns quesitos. São eles: a atitude e a intenção do jogador,

verificar se os braços estão em posição natural, especialmente ao cair ou recuperar o equilíbrio e contato após um desafio físico, onde desvios podem ser inevitáveis.

“Os árbitros europeus precisam falar a mesma língua técnica para garantir decisões consistentes em todos os continentes”.

Usando a mão na bola como exemplo, o diretor explicou que as diferentes interpretações entre as ligas “criam confusão” para jogadores, treinadores e torcedores.

“Por isso, nosso departamento de arbitragem mantém um diálogo constante com as federações nacionais, trabalhando em conjunto para aprimorar as diretrizes e reforçar uma interpretação unificada em todo o continente”.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Bololô

O Campeonato Paraibano 2026 evoca logo mais a sua última rodada da primeira fase. E se tem uma coisa que o torcedor e torcedora não podem reclamar da edição deste ano do Estadual é de equilíbrio. Diferente do comum, a última rodada da fase inicial, hoje, tem todos os cinco jogos valendo alguma coisa. Ninguém se classificou com antecedência nem ninguém caiu de divisão em rodadas anteriores. Serão cinco jogos com todo mundo tendo objetivo a partir do primeiro apito dos árbitros em cinco cidades diferentes do nosso estado.

Começando pelo topo da tabela, temos quatro vagas em jogo às semifinais. Nenhum clube entra classificado para o mata-mata logo mais. Apesar disso, o Campinense está bem perto da vaga na próxima fase. E com justiça. O time de Evaristo Piza simplesmente venceu os dois clássicos, diante do Treze e do Botafogo-PB, com direito a goleada sobre o Belo.

Apenas uma combinação de resultado, deveras improvável, tira a Raposa da semifinal. Teria que Serra Branca, Sousa e Treze vencerem seus compromissos, e o Rubro-Negro perder do Esporte de Patos de uma margem de gols maior do que a da eventual derrota do Botafogo-PB para o Serra. Não deve acontecer. A realidade é que mesmo perdendo o jogo, a chance da Raposa passar é grande. Um empate em Patos já garante a classificação do atual líder do torneio com 15 pontos.

O vice-líder do momento é o Botafogo-PB. Invicto desde a chegada do técnico Lisca, o Belo também tem a faca e o queijo na mão para se classificar. Apesar disso, a situação não é solenemente confortável como a do rival. Isso porque o Alvinegro da Estrela Vermelha tem um confronto direto com o Serra Branca, atual terceiro colocado com 13 pontos. Se o Carcará bate o Belo no Almeidão, passa o rival, e vitórias eventuais de Treze e Sousa em seus compromissos eliminaria o clube pessoense. Algo plenamente possível. A equipe de Lisca, no entanto, atua em casa neste domingo, joga pelo empate para avançar e vem numa flagrante crescente. No meio de semana venceu o Treze em João Pessoa e fez da última quarta-feira(18) uma segunda quarta-feira de fogo em fevereiro de 2026. Uma liderada por Fuba e outra por Nenê.

O Serra Branca, por sua vez, tem um cenário substancialmente complicado. Apesar de ser terceiro colocado, encara, como dito acima, o Botafogo-PB, fora de casa, com o Belo em boa fase. Para além disso, e inversamente proporcional, o Carcará atravessa uma fase complicada. O clube simplesmente conseguiu a façanha de no meio de semana levar a virada para o Porto-BÁ na 1ª fase da Copa do Brasil e ser eliminado, jogando com dois a mais. Isso mesmo! O Porto-BÁ teve dois expulsos no jogo, sofreu 1 a 0 na primeira etapa, e conseguiu vencer o duelo mesmo com dois a menos. Um vexame singular do clube paraibano em sua estreia em Copa do Brasil. O vestiário pode pesar hoje. A classificação seria uma enorme volta por cima do Serra Branca, afinal passar de fase sem vencer logo mais me parece bem improvável.

Em quarto lugar, o Treze faz um jogo complicado com o Nacional de Patos, com ares de mata-mata. Isso porque o Naça, em sexto, também tem chance de avançar. E precisa da vitória para seguir com esse sonho. O Galo até pode avançar empatando. Mas aí iria depender do Sousa, que está em quinto e encara o Pombal no Marizão, tropeçar também. De modo que esse Treze x Nacional de Patos é praticamente um mata-mata. Quem não ganhar se aproxima bastante da eliminação precoce no Paraibano. Por fim, o Sousa não depende só de si, mas uma vitória deve colocar o atual bicampeão estadual na próxima fase.

Na parte de baixo da tabela, todos têm chance de escapar, embora a situação do Confiança de Sapé seja complicada. O clube encara o Atlético de Cajazeiras e precisa vencer, torcer para uma derrota do Esporte de Patos e tirar uma diferença no saldo de gols que hoje é de três gols de diferença. Nada simples. Nacional e Atlético ainda têm chances de cair e olham para esse campeonato também. Esporte e Pombal buscam a manutenção. São esses os molhos de um Paraibano extremamente equilibrado e com várias opções de futuro para muita gente.

VÔLEI DE PRAIA

Solberg está fora do Mundial em João Pessoa

Agência Estado

A primeira etapa do Circuito Mundial de Vôlei de Praia, agendada para João Pessoa, de 11 a 15 de março, não contará com a experiente Carol Solberg. A atleta foi punida pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) por comemorar a prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro no Mundial do ano passado.

A revelação da punição foi do jornalista Juca Kfourri, que publicou a punição em seu *blog* no UOL. A alegação da FIVB para punir Carol Solberg foi que a atleta teve uma “conduta antidesportiva”.

Após conquistar a medalha de bronze ao lado de Rebecca, no Mundial da Austrália, no dia 23 de novembro de 2025, Carol Solberg disse

que era “uma dia incrível”, para ela. Mas não estava falando do feito nas quadras de areia, e sim da confirmação da prisão do político.

“Esse é um dia incrível para mim. Estou muito feliz. E também é um dia incrível para o mundo. Ontem, no Brasil, colocamos na prisão o pior presidente da história do Brasil. Bolsonaro está na prisão e é muito importan-

te que celebremos”, disse, na ocasião.

Segundo Juca Kfourri, a FIVB baseou-se no artigo 8.3 de seu regulamento disciplinar, que define insultos, gestos, sinais ou linguagem ofensivas, demonstração de natureza não esportiva e comportamento que traga descrédito ao esporte e/ou à entidade, como “conduta antidesportiva”.



Foto: Divulgação/CBV

Carol Solberg infringiu o regulamento da Federação Internacional, com linguagem ofensiva, numa competição em 2025

CARIOCA

Fluminense e Vasco jogam hoje pelas semifinais

Madureira e Flamengo também se enfrentam neste domingo; os jogos de volta ocorrerão nos dias 1º e 2 de março

Ganso foi destaque na vitória sobre o Bangu pelas quartas de final do Estadual

Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense F.C.

Da Redação

Aos poucos, as principais competições estaduais do Brasil vão definindo o desenho da última fase. Os campeonatos Carioca, Mineiro e Gaúcho dão continuidade, hoje, às semifinais. Já o Campeonato Paulista tem mais duas partidas de quartas de final.

Vasco x Fluminense

O Estádio Nilton Santos recebe hoje, às 18h, mais uma edição do Clássico dos Gigantes, dessa vez, válida pela ida da semifinal do Campeonato Carioca. O confronto terá transmissão ao vivo da TV Globo, do Premiere e do Sportv. Nas quartas de final, o Vasco eliminou o Volta Redonda, nos pênaltis, por 5 a 3, após empatar em 1 a 1 no tempo normal, na noite do último sábado (14), em São Januário. Já o Fluminense classificou-se para esta fase ao derrotar o Bangu, por 3 a 1, na noite da última segunda-feira (16).

De acordo com o *site* de estatísticas futebolísticas ogol.com.br, no retrospecto geral do confronto, realizado 339 vezes até aqui, a equipe cruzmaltina leva vantagem, com 124 vitórias, contra 114 do Tricolor das Laranjeiras, além de 101 empates. O domínio vascaíno também prevalece no recorte de mata-mata em competições neste século. O Gigante da Colina eliminou o rival em oito oportunidades, enquanto o Fluminense se sobressaiu em outras cinco. O último confronto eliminatório – que também foi o encontro mais recente das duas agremiações – foi na semifinal da Copa do Brasil do ano passado, quando o Vasco avançou ao vencer por 4 a 3 nos pênaltis, depois de empate por 2 a 2 no agregado.

O Tricolor busca vaga na decisão do Cariocão pela sétima vez nos últimos oito anos. A única vez em que não conseguiu chegar até à final de 2020 para cá foi em 2024, quando caiu na semifinal. Já o rival, por sua vez,

tenta voltar a disputar o título estadual após sete anos. Fluminense e Vasco fazem o jogo de volta no próximo domingo (1º), às 18h, no Maracanã.

Madureira x Flamengo

Madureira e Flamengo protagonizam a outra semifinal do Cariocão, com transmissão de geTV, Sportv e Premiere. As duas equipes firmaram acordo para mandar os dois jogos no Maracanã, sendo a ida, hoje,

às 20h30, e a volta na segunda-feira (2), às 21h. No clássico Clássico da Rivalidade, pelas quartas de final, o Rubro-Negro venceu o Boatafogo por 2 a 1, no Nilton Santos, e garantiu vaga na semifinal; já o Tricolor Suburbano avançou ao superar o Boavista por 2 a 1.

Segundo o *site* ogol.com.br, em todas as competições, foram disputados 131 jogos entre as duas equipes, com 99 vitórias para o Flamengo, 21 empates e apenas 11

triunfos do Madureira. A última edição do embate foi realizada no Estádio Amigão, em Campina Grande, pela segunda rodada da edição do certame carioca, em janeiro do ano passado. A partida ficou no 1 a 1. O Rubro-Negro sagrou-se campeão diante do Fluminense, dois meses depois.

Campeonato Paulista

No noroeste do estado de São Paulo, mais precisamente em Novo Horizonte,

enfrentam-se Novorizontino e Santos, a partir das 16h, no Estádio Jorge Ismael de Biasi. Em jogo único, valendo vaga na semifinal, o mando será do Tigre do Vale por ter feito uma campanha melhor na primeira fase. A partida terá transmissão exclusiva HBO Max.

Após golear o Velo Clube por 6 a 0 na Vila Belmiro, o Peixe chega embalado ao embate de hoje. No entanto, o adversário foi o primeiro colocado na fase classificatória, acumulando cinco vitórias, um empate e apenas duas derrotas nesta etapa da competição. O confronto de hoje foi também o primeiro de ambos no estadual deste ano, e a agremiação santista venceu por 2 a 1, em casa.

Mais tarde, às 20h30, no Estádio do Canindé, a Portuguesa recebe o Corinthians, com transmissão pela Record, CazéTV e HBO Max. Os respectivos quarto e quinto colocados da primeira fase se encontraram pela última vez em 15 de fevereiro de 2025, às 18h30, pelo Paulista 2025. Na ocasião, os clubes empataram em 2 a 2 no duelo que aconteceu no estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), em São Paulo, SP. Os gols corinthianos na partida foram marcados por Matheus Bidu e Talles Magno, e, pelo lado da Lusa, Luiz Felipe e Maceio.

Mineiro e Gaúcho

Outros dois estaduais também terão semifinais hoje. Pelo campeonato mineiro, Atlético e América vão a campo no gramado do Arena MRV, a partir de 18h. O Galo tenta seguir na busca pelo sétimo título consecutivo, enquanto o Coelho quer retornar à final e encerrar o jejum que dura desde 2016.

Já pelo Gaúcho, Juventude e Grêmio terão o segundo duelo da semifinal, com início marcado para às 18h, no Alfredo Jaconi. As equipes empataram em 1 a 1, na ida, no último domingo (15), na Arena do Grêmio, em Porto Alegre.

Jogos de hoje

CARIOCA

18h
Vasco x Fluminense
20h30
Flamengo x Madureira

PAULISTA

16h
Novorizontino x Santos
20h30
Portuguesa x Corinthians

MINEIRO

18h
Atlético x América

GAÚCHO

18h
Juventude x Grêmio

PARANAENSE

16h
Athletico x Londrina

CATARINENSE

18h
Chapecoense x Brusque

PERNAMBUCANO

18h
Náutico x Santa Cruz

MARANHENSE

16h
Maranhão x IAPE

ALAGOANO

16h
ASA x Murici

BAIANO

16h
Jacuipense x Bahia de Feira
Vitória x Galícia
Atlético x Bahia
Porto x Juazeirense
Jequié x Barcelona de Ilhéus

PARAENSE

17h
Cametá x Remo
Paysandu x Castanhal

PIAUIENSE

16h
Oeirense x Altos
Corisabbá x Piauí
Parnahyba x Teresina
Fluminense x Atlético

SERGIPANO

16h
Lagarto x América



Foto: Raul Baretta/Santos FC

Jogadores do Santos comemoram mais um gol, na goleada de 6 a 0 sobre o Velo Clube



Foto: Roberto Cuedes

Primeiro teatro da Paraíba, inaugurado em 1859, Minerva é o símbolo maior da cultura do município de Areia, que também acolheu o festival

MEMÓRIA

Brejo como o centro da cultura

Neste mês, Festival de Artes de Areia completa 50 anos desde a sua primeira edição, com objetivo de estabelecer um intercâmbio entre diferentes formas de expressão artística da Paraíba e do Brasil

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

A charmosa e histórica cidade de Areia, no Brejo Paraibano, palco de lutas libertárias como as revoluções e do pioneirismo cultural, viveu, há exatos 50 anos, uma outra marcante movimentação. Foram duas semanas, de 1º a 15 de fevereiro de 1976, que reuniram moradores, estudantes, professores, grupos e artistas nacionais e internacionais para fazer acontecer a primeira edição do Festival de Verão de Areia.

A ideia havia sido lançada quatro anos antes, pelo maestro José Alberto Kaplan, que pretendia, como diretor do Setor de Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), interiorizar as atividades do Coral Universitário. No retorno de uma visita à cidade de Areia, escolhida pela forte tradição cultural e significativos nomes projetados no cenário artístico nacional, o regente sugeriu a realização de um festival de artes nos moldes daquele realizado em Ouro Preto, Minas Gerais.

Apesar de o projeto ter sido bem acolhido e incentivado pelo próprio reitor da entidade, ele não chegou a ser realizado. Uma “bomba”, conforme narra o próprio Kaplan, caiu-lhe sobre a cabeça dois meses antes, quando quase tudo já estava preparado. As atividades não poderiam acontecer por determinação do Serviço Nacional de Informação (SNI), órgão de espionagem e inteligência

da Ditadura Militar brasileira (1964–1985). O sonho do pianista foi suspenso, tornando-se realidade apenas no verão de 1976, com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura (SEC), do Governo do Estado.

“O 1º Festival de Verão de Areia foi praticamente dedicado a cursos, como forma de ter uma atividade extracurricular e trazer pessoas representativas de várias áreas, como cinema, teatro, música, dança, artes plásticas, literatura e escultura, além da programação artística no turno da noite, com apresentações e recitais. Essa primeira experiência foi relativamente bem-sucedida e atraiu pessoas inclusive fora da Paraíba”, explica Paulo Melo, diretor da Divisão de Documentação e Cultura do Estado, de 1969 a 1971, que esteve na linha de frente das primeiras quatro edições do evento.

Ele ressalta que o objetivo era estabelecer um intercâmbio entre diferentes formas de expressão artística da Paraíba e do mundo cultural brasileiro. Como não era possível levar as pessoas para os centros de vanguarda cultural brasileira, a estratégia era trazer alguns de seus representantes. Passaram pelo festival expoentes como Ariano Suassuna, Dias Gomes, Jorge Amado, Vladimir Carvalho, Paulo Pontes, Ferreira Gullar, Oscar Niemeyer, José Nêumanne Pinto, Nélida Piñon, Gianfrancesco Guarnieri, Ziraldo, Maria Clara Machado, Elizabeth Savala, José Wilker, Alceu Valença, dentre outros.

“O que aconteceu em Areia de especial

foi o fato de reunir nomes representativos da inteligência brasileira com os da paraibana, em particular. Não só pelo concurso de personalidades em suas áreas de ação, mas com estudantes em cursos, na primeira edição, em 1976, que se repetiram com palestras, mesas-redondas, simpósios e seminários nas três seguintes, agora não só com a comunidade local, mas com participantes de quase todo o Brasil”, destaca o produtor cultural.

A cada edição uma personalidade ou obra era evidenciada. Foram homenageados José Américo de Almeida, Virgínius da Gama e Melo, Paulo Pontes e a *A Bagaceira*, por ocasião do cinquentenário de seu lançamento. Em 1979, o título foi simplificado para Festival de Arte de Areia, mas, em 1983, o evento não foi mais realizado. “Guardo muita afetividade e satisfação pelo festival. Para mim, foi muito prazeroso ter participado daqueles eventos por tudo que ele representou na época”, confessa Paulo Melo, que tem um artigo sobre as primeiras edições na edição do *Correio das Artes*, suplemento literário do jornal *A União*, deste mês.

Idas e voltas

Foram justamente as memórias afetivas daquelas primeiras edições que fizeram o Festival de Artes de Areia ressurgir, em 2005, pelas mãos de Ana Clara Maia. Após uma experiência, também descontinuada de 1998 a 1999, coordenada pela gestão municipal, a produtora cultural areiense, de volta à terra natal, levou adiante um projeto para retomada do evento.

“A minha infância e começo da adolescência foi vivendo essa primeira leva de festivais, que durou até 1982. No ano seguinte, eu fui embora de Areia e passei 20 anos fora. Eu e toda minha geração de Areia crescemos vivendo intensamente aqueles momentos e isso influenciou o pessoal da música, teatro, cinema, literatura... e ficou no nosso imaginário, na nossa mente. Quando eu retornei para Areia, voltei com a vontade de retomar aquilo, e fiz um projeto, com Janaína Azevedo, e conseguimos realizar um novo festival, em 2005, com apoio da Lei Rouanet e o patrocínio da Eletrobras”, conta a produtora.

A proposta era fazer outro na sequência, mas os desafios quanto ao financiamento só permitiram que o 10º Festival de Artes de Areia ocorresse apenas em 2008, e com muito sacrifício. Ana Clara conta que só conseguiram captar 40% dos recursos necessários para que o evento pudesse acontecer e, mesmo assim, decidiu topa a empreitada. Apelou para a força dos moradores da cidade e de jovens voluntários, além da parceria com os órgãos de cultura do Governo do Estado, que contribuíram com apresentações e espetáculos.

“Nós retomamos com muita intervenção de rua, muitos *shows* em espaços abertos e de convivência. Esse foi o diferencial em relação à primeira leva de festivais, que aconteceram em espaços pequenos como o Teatro Minerva e o Colégio Santa Rita, mas sempre procurando esse

intercâmbio com o público nacional e internacional. Trouxemos grupos da América Latina, espetáculos no Rio de Janeiro, São Paulo e Tocantins, prezando sempre pela troca de experiências com grupos culturais de música, teatro, dança, artes plásticas e com as pessoas de Areia”, pontua a produtora.

A expectativa da população local sempre foi um elemento importante, que esperava intensamente, desde a primeira edição, pelos dias de movimentação da cidade e participava ativamente das oficinas, palestras, exposições e lançamentos. Recuperar esse ambiente cultural da cidade e contribuir para formação de novas gerações de artistas estava entre as preocupações das últimas três edições do festival, ocorridas de 2012 a 2014, com apoio da Secretaria de Cultura.

A iniciativa do Festival de Areia foi descontinuada há mais de uma década, mas no cinquentenário da primeira edição, permanece o sonho de Ana Clara de que alguém dê prosseguimento à semente lançada. “Eu espero que alguém retome esses festivais, faça com ele aconteça novamente, porque está no limbo com esse hiato de tempo. Eu dei minha contribuição e vamos ver se outros jovens pegam nessa rodilha de novo e botam para andar. Ah... eu queria que o Festival de Areia voltasse a acontecer, ainda mais neste ano do cinquentenário, imagina! Agora, eu queria ir para assistir, ser plateia novamente”, sonha Ana Clara Maia.



Foto: Kleide Teixeira/Secom-PB



Foto: Kleide Teixeira/Secom-PB



Foto: Arquivo A União



Foto: Rep./Facebook

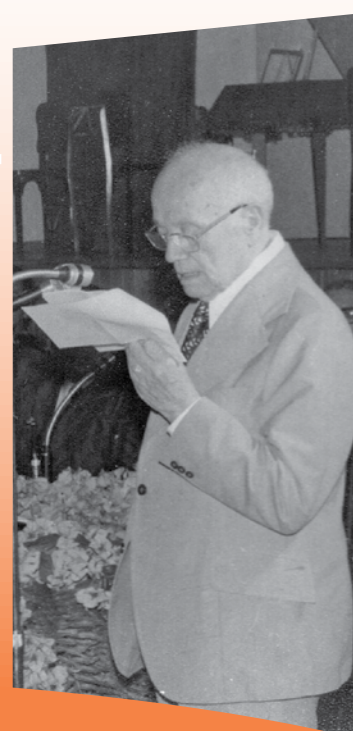


Foto: Arquivo A União



Foto: Arquivo A União

Da esq. para dir.: Apresentação nas ruas do Tambores do Forte e do Samba de Lata de Tijuacu; crianças em uma das voltas do evento, em 1998; maestro José Alberto Kaplan, um dos idealizadores do festival; José Américo de Almeida na abertura da primeira edição; professor Jackson Ribeiro ministrando oficina de escultura, em 1976

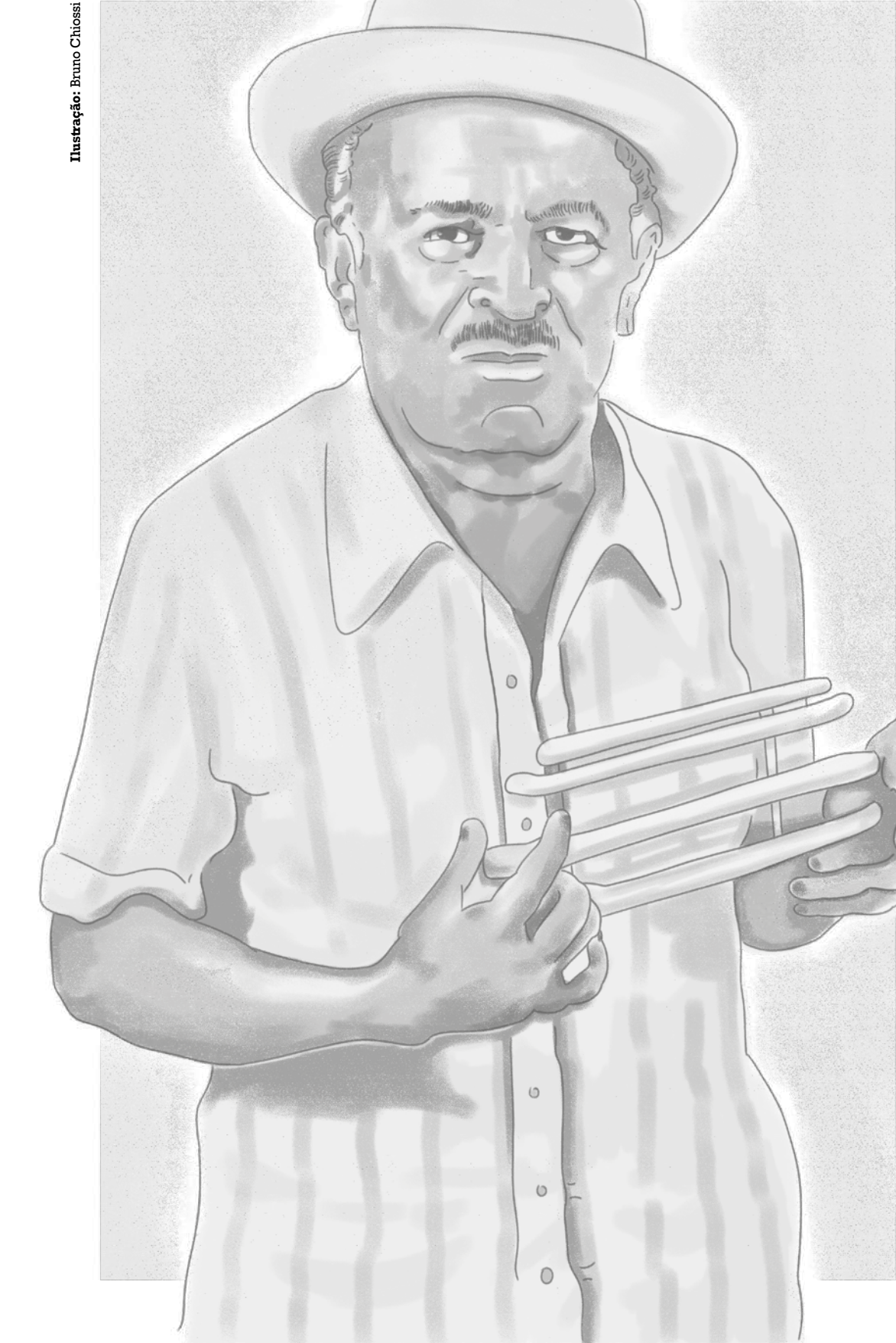


Figura conhecida na Feira Central de Campina Grande, paraibano usava o ganzá como instrumento, enquanto a maioria dos emboladores de coco se apresentava com o pandeiro

Angélica Lúcio

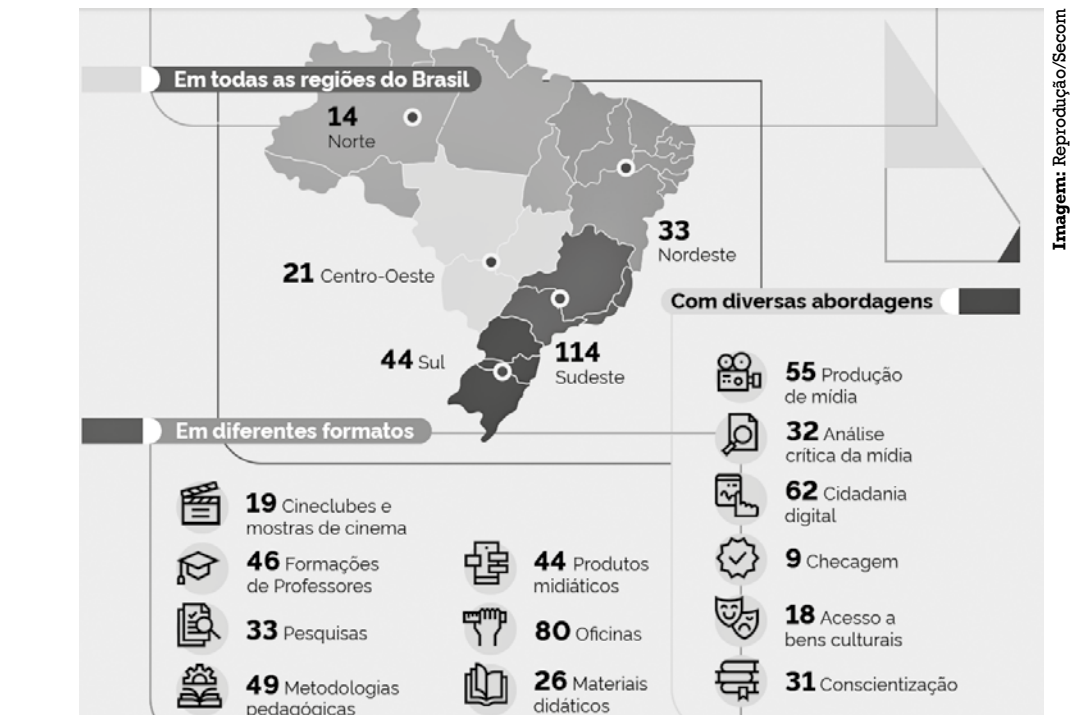
Educação midiática contra a desordem informacional: há luz em minha aldeia

Golpes digitais, desinformação e criação em massa de áudios e vídeos falsos: a desinformação digital cresce de forma assustadora no Brasil. Descobrir que há meios de atenuar essa realidade é um alento; ainda mais quando sabemos que existem iniciativas de grande valor em minha própria aldeia.

Cinco experiências da Paraíba foram selecionadas para integrar o Mapa Brasileiro de Educação Midiática, entre 496 projetos inscritos. O ambiente interativo é uma iniciativa da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o Governo do Reino Unido e o Porvir, plataforma de jornalismo e soluções voltada para inovações educacionais.

Lançada no dia 10 de fevereiro, a plataforma organiza e dá visibilidade a iniciativas de educação midiática desenvolvidas em diferentes regiões do país. O mapa é gratuito e reúne 226 projetos, concentrando experiências que promovem pensamento crítico, cidadania digital, análise da mídia, produção de conteúdo, checagem de fatos e letramento digital.

Da Paraíba, foram mapeadas duas experiências em João Pessoa e três em Campina Grande, todas vinculadas a universidades públicas. Na capital, foram destacados os projetos “Comunica UEPB: o despertar da consciência crítica e o combate à desinformação na educação paraibana”, de autoria da professora Juliana Ferreira Marques; e “Resiliência informacional na comunidade: (re)ações comunicativas no combate à desinforma-



Cinco experiências da PB foram selecionadas para o Mapa Brasileiro de Educação Midiática

ção”, coordenado pelo professor Fellype Sá Brasileiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O “Comunica UEPB” é um projeto de extensão que promove educação midiática e combate à desinformação por meio de eventos, formações e produções radiofônicas articuladas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e ao Programa de Combate à Desinformação do Supremo Tribunal Federal. Já o projeto “Resiliência informacional”, como o próprio nome antecipa, atua na construção de espaços de resiliência informacional em escolas e instituições comunitárias do bairro Castelo Branco. As ações envolvem estudantes,

docentes e lideranças locais na criação de campanhas educacionais e oficinas que valorizam saberes comunitários.

Em Campina Grande, duas experiências são desenvolvidas por professores da Universidade Estadual da Paraíba: “Desafio Anti-Horário: educação midiática com foco em soluções”, de autoria de Antonio Simões Menezes; e “Luz Negra: Jornalismo Antirracista”, coordenado pelo professor Rostand de Albuquerque Melo. O terceiro projeto mapeado no município é “Inclusão digital para a terceira idade”, conduzido pelo professor Edinaldo Gabriel Alves Barreto, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Norte e Pernambuco”, declarou o próprio poeta popular no documentário *O Patrimônio Cultural de Campina Grande* (1997), produzido pelo jornalista e professor Rômulo Azevedo.

Apesar de percorrer várias cidades tocando embolada em dupla com o irmão, Dedé da Mulatinha, e outros cantadores, Toinho fixou-se em Campina Grande no fim da década de 1940, mantendo, por mais de meio século, uma banca na feira central da cidade, na qual vendia, como sua mãe, raízes de plantas, além de cachaça e de seus folhetos. Ao contrário do irmão, Toinho passou a investir mais na escrita de cordel, mesmo tendo frequentado a escola por apenas três meses.

“Quem ia à feira encontrava-se, obrigatoriamente, com ele na barraca que tinha de vender folhetos. Quando reunia quatro ou cinco pessoas ali, ele começava a cantar e, daqui a pouco, ia juntando mais gente; no fim ele recolhia um dinheirinho. Toinho da Mulatinha tinha o dom de cantar e improvisar. Como ele mesmo disse: ‘Era a única coisa que sabia fazer’, e foi um cordelista famosíssimo no Nordeste”, relata Azevedo.

O primeiro folheto do poeta, *Uma viagem à Lua*, foi escrito quanto tinha 20 anos. Dentre seus títulos mais famosos, Rômulo destaca *A Peleja do Pinto Pelado* como um dos mais vendidos. Na lista de títulos, constam produções moralizantes, proféticas e religiosas, satíricas, históricas, biográficas e de temáticas sociais. Compôs desafios e poemas de época, a exemplo de *A his-*

Toinho da Mulatinha

Um patrimônio cultural de Campina Grande

tória do monstro que roubou e incendiou a igreja do Rosário, *A reportagem do fogo no Paraná e a mortandade do povo, O desastre do caminhão que ia de Esperança à Usina Santa Maria, O folheto do turco que atirou no santo papa João Paulo II e O cordel de Isabela* [Nardoni].

“O cordel era conhecido como jornal do Sertão, num tempo em que a comunicação era bem mais complicada do que hoje. As notícias da política a nível nacional ou os fatos policiais de maior repercussão da região, tudo isso quem contava era o cordel. Por isso é importante se perguntar onde está a obra de um homem tão importante como Toinho da Mulatinha. Falta uma antologia dele e de outros poetas e cantadores da feira, para que não se perca pela falta de registro”, lamenta Rômulo Azevedo.

Não se tem dimensão exata da quantidade de folhetos que produziu. A Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida tem catalogado cerca de 45 títulos do poeta, somente entre os anos 1950 e 1980. Sobre aspectos da cultura local, escreveu folhetos como *A feira da Prata na Cultura Nordestina* e *O Maior São João do Mundo e a Micarandê em Campina Grande*, além de *Descrição da Flora Medicinal – Quais Plantas que Curam*, no qual cantou a sabedoria popular herdada da mãe, enumerando ervas e raízes que possuíam potencial de cura tanto física quanto espiritual:

*Na verdejante Campina
Tem tudo que é importante
Plantas que curam o universo*



Toinho imprimia os seus próprios cordéis, conhecidos como “o jornal do Sertão”

*Do pracista ao viajante
Do adulto ao inocente
Vem por Deus Onipotente
Nossa cura mediante.
[...]
Chá de endro cura dor
Pra catarro amalinado
Usem a cebola branca
Com juá asserenado
Ensino por minha prática
Pra quem tem bronquite asmática
O alho do mato é sagrado.*

Toinho da Mulatinha fazia da leitura de seus folhetos na Feira Central de Campina Grande uma forma de atrair compradores, incentivando,

com o cordel, a prática da leitura junto a uma população majoritariamente não escolarizada. Num dos poucos registros do embolador de coco, feito pelo jornalista e poeta Astier Basílio, ele canta:

*Vou cantar uma embolada,
— Vai Toinho da Mulatinha,
cabra que canta na linha
porque nasceu pra cantar.
Comecet a cantar
com 12 anos de idade
ainda tenho vontade
de cantar e agradecer
Canto coco de embolada
para grande e p’ra pequeno*

Tocando em Frente

Ernesto Nazareth — do popular ao erudito

A música brasileira ainda vivia uma fase tida como embrionária, ao tempo de Chiquinha Gonzaga e de Ernesto (Júlio de) Nazareth (Rio, 1863–1934). Carioca, ele nasceu e viveu a infância no antigo bairro Cidade Nova, reduto de músicos, como Pixinguinha, Donga, João da Baiana e Tia Ciata. Compositor, pianista, apesar de oriundo de família modesta, desde cedo recebeu de sua mãe, que costumava tocar em saraus, as primeiras aulas de piano. Após a morte desta, ele passou a receber aulas em nível — digamos assim — mais profissional. A título de curiosidade, por essa época sofreu uma queda que lhe causou problemas auditivos que o acompanharam pelo resto da vida. Mesmo assim, já aos 14 anos, fez a sua primeira composição, “Você bem sabe”, uma polca infantil que ele dedicou ao pai. Como se tratava ainda de uma época em que não tínhamos as gravações fonográficas, a partitura recebeu a primeira edição musical, o que significava a boa aceitação do seu trabalho.

Dois anos depois, em 1881, ele escreveria a polca “Não caio n’outra”, que, pelo número de reedições, tornou-se o seu primeiro grande sucesso, chegando a merecer inúmeras reedições. Veio, então, a criação do tango “Brejeiro”, que, mesmo como essa titulação rítmica, passou a ser considerado um “choro”. Eram os primeiros passos de uma carreira que o transformaria em um dos compositores mais originais da música brasileira, tendo, inclusive, recebido de Mário de Andrade o elogio de se tornar um compositor popular e erudito, ao mesmo tempo. Porém, como Ernesto chegou a declarar, ele próprio desprezava sua música ser dita popular, aquela que servia mais para ser tocada em lugares que ele considerava plebeu, ou seja, em antessalas de cinema, um hábito



Nazareth em 1932: carioca era um compositor popular e erudito, ao mesmo tempo

do período. Um fato notório: Rui Barbosa, já famoso na época, afirmara que, apesar de não gostar de cinema, frequentava-o sempre, para ouvir Ernesto, quando executava suas músicas na sala de espera do cinema

Odeon. Aliás, a composição homônima foi criada por volta de 1909/1910, a pedido da Empresa Cinematográfica Odeon (a letra somente foi incorporada à música em 1960 por Vinícius de Moraes).

Por volta de 1917, trabalhando já para a gravadora Odeon, Ernesto Nazareth fazia parte da orquestra de estúdio, na qual Villa-Lobos tocava violoncelo.

Amargurado pelos problemas da surdez que o alcançou por completo em 1933 e chegou a lhe causar grande perturbação mental, foi levado à necessidade de se internar no Instituto Neuropsiquiátrico do Rio, de onde, posteriormente, agravando-se o problema, foi transferido para a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Daquela casa de saúde, aproveitando uma desatenção dos cuidadores de então, veio a fugir, em 1934. Após buscas de alguns dias, o corpo foi encontrado boiando em águas da então Cachoeira dos Giganos.

De qualquer forma, Ernesto Nazareth é hoje festejado como uma marca divisória nas águas e nas ondas da MPB, mesmo não tendo sido um compositor de estirpe essencialmente popular, até mesmo pelo seu desejo de elitizar o toque do piano. Assim, dois dos seus grandes sucessos — “Apanhei-te, cavacaquinho”, que ele dedicou a Pixinguinha, e o acima citado “Odeon”, foram incorporados ao *playlist* do repertório dos “chorões”.

Embora insistindo em se dizer erudito, Nazareth criou um ambiente popular típico, propício a serestas e encontros de executores do choro, que se instrumentalizava com violões, flautas, cavaquinhos e ritmistas. Em resumo, ele nos deixou em torno de 90 tangos (como se chamavam os maxixes, nome este que ele detestava), 40 valsas, 20 polcas e mais algumas composições classificadas como mazurcas e marchas carnavalescas.

Deve-se, ainda, ressaltar que, em sua obra predominantemente instrumental, sobretudo em suas valsas, verifica-se a influência e a inspiração com reflexos na elaboração melódica, ao melhor estilo de Chopin (1810–1849).

Foto: Reprodução/Memórias da poesia popular.com.br

*pra caboclo e pra moreno
pra quem quiser me escutar.
Essa é minha cantoria
essa é minha profissão
cantar é minha missão
minha missão é cantar.*

Filho do repentista e cordelista Tião Lima, Astier conta que Toinho pertenceu ao universo de sua infância e recorda como o cantador aproveitava os Congressos de Violeiros de Campina Grande, considerados verdadeiros acontecimentos na cidade, para vender seus folhetos de cordel, folhas volantes com canções, assim como cachaça e cordas de viola na banca que colocava em frente ao Teatro Municipal Severino Cabral, onde os congressos ocorriam.

“Era uma extensão de sua barraca na Feira Central de Campina Grande. Lembro também de vê-lo cantar alguns cocos de sua autoria no programa de rádio do meu pai. Algo que me chamou a atenção de imediato foi o uso do instrumento: um ganzá. A maioria dos emboladores de coco se apresentava com um pandeiro. Toinho tinha uma voz grave. Por muitos anos, fez dupla com o irmão, Dedé da Mulatinha. Era um embolador que guardava e reproduzia todo o repertório de toadas, carreirões comuns da arte da embolada”, ressalta.

Antônio Patrício de Sousa faleceu em 10 de fevereiro de 2016, em Campina Grande, deixando a viúva, Digna Maria, que o acompanhava na banca da feira central, e 10 filhos.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

CRIMES CIBERNÉTICOS

Denúncias cresceram 28% no ano passado

SaferNet recebeu mais de 87 mil delações desse tipo de delito tecnológico

Elaine Patricia Cruz
Agência Brasil

As denúncias de crimes cibernéticos voltaram a crescer em todo o país no ano passado. A Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, da organização não governamental SaferNet, recebeu 87.689 novas queixas (não repetidas ou únicas) desse tipo de crime, um crescimento de 28,4% em relação a 2024, com 19.403 delações a mais.

A maior parte das denúncias registradas na SaferNet em 2025 estava relacionada a imagens de abuso e de exploração sexual infantil, com um total de 63.214 notificações. Essa é a segunda maior marca de denúncias envolvendo esse tipo de crime na história da SaferNet, superada apenas em 2023, quando foram contabilizadas 71.867 notificações. Para a organização, o uso de inteligência artificial (IA) tem contribuído para o aumento de casos.

As denúncias de misoginia, de violência ou discriminação contra mulheres aparecem em segundo lugar no ranking, com 8.728 casos, seguidas pelas denúncias de apologia e incitação a crimes contra a vida, com 4.752 denúncias, e de racismo, com 3.220 casos. As denúncias de misoginia foram as que apresentaram o maior crescimento no período, passando de 2.686 para 8.728 casos, aumento de 224,9% no período.

Entre as denúncias recebidas pela central, apenas as relacionadas ao crime de xenofobia apresentaram queda em relação a 2024, passando de 3.449 para 755



Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Maior parte das acusações foi relacionada a imagens de abuso e de exploração sexual infantil

casos no ano passado. Já as de tráfico de pessoas mantiveram-se em um patamar estável, com 442 casos. Por outro lado, também cresceram as denúncias de intolerância religiosa, LGBTfobia, neonazismo e de maus-tratos a animais.

Helpline

Outro dado divulgado pela SaferNet, no último dia 10, foi que o Helpline, canal de ajuda gratuito da SaferNet, registrou aumento de 39% de 2024 a 2025, com um total de 2.254 atendimentos. A maior parte desses atendimentos estava relacionada à exposição de imagens íntimas, com 576 casos, seguida pelos casos de saúde mental (332), problemas com dados pessoais (228), fraudes, golpes ou e-mails falsos (212) e relacionados a imagens de abuso e exploração sexual (209).

Os dados estão sendo apresentados pela SaferNet como parte das celebrações

do Dia da Internet Segura. Organizado pela SaferNet Brasil, o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) e o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), o evento ocorreu nos dias 10 e 11, na capital paulista.

Como denunciar?

Denúncias sobre crimes cibernéticos envolvendo, por exemplo, casos de abuso e exploração sexual infantil e cri-

mes de ódio na internet podem ser feitas por meio da Central Nacional de Denúncias da SaferNet Brasil (new.safernet.org.br/denuncie).

Para fazer a denúncia, basta copiar e colar no formulário o link da página, grupo, comunidade, canal ou qualquer outro conteúdo suspeito de ser criminoso. A SaferNet informa que a central permite o total anonimato dos denunciante.

Charada

Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: O que já foi (1) = ex + pôr do sol (3) = poente. **Solução:** atributo notável (4) = expoente.

Charada de hoje: O rei do terreiro (2) ciscava o chão com o membro inferior (1), ensaiando um passo mais rápido (3).



Ilustração: Bruno Chioffi



Eita!!!!

Alguns passos para aumentar as chances em editais públicos de cultura
Nos últimos anos, o setor cultural no Brasil passou por uma transformação significativa em termos de fomento público. Políticas como a Lei Aldir Blanc e programas municipais de incentivo cultural destinaram bilhões de reais a estados e municípios, beneficiando artistas, produtores e coletivos culturais de diversas regiões. Apesar do aumento das oportunidades, muitos projetos ainda são reprovados por motivos simples: leitura superficial do edital, documentação incompleta ou propostas pouco claras. Segundo Bárbara Guerra, presidente do Instituto Arlequim, “a maior parte das reprovações acontece por questões que poderiam ser evitadas com atenção e preparo. Seguir passos claros faz toda a diferença para que projetos culturais tenham visibilidade e impacto real na comunidade”. Para apoiar artistas e produtores culturais, selecionamos a seguir alguns passos essenciais para aumentar as chances de aprovação em editais.

Leia o edital com atenção
Compreender objetivos, critérios de seleção, prazos e exigências técnicas presentes no edital público é fundamental para evitar a eventual desclassificação por detalhes que poderiam ser facilmente corrigidos.

Organize a documentação
Certidões, formulários, anexos ou quaisquer outros documentos devem estar completos, atualizados e em conformidade com as exigências do edital. Uma pasta organizada facilita as revisões e evita os erros de última hora.

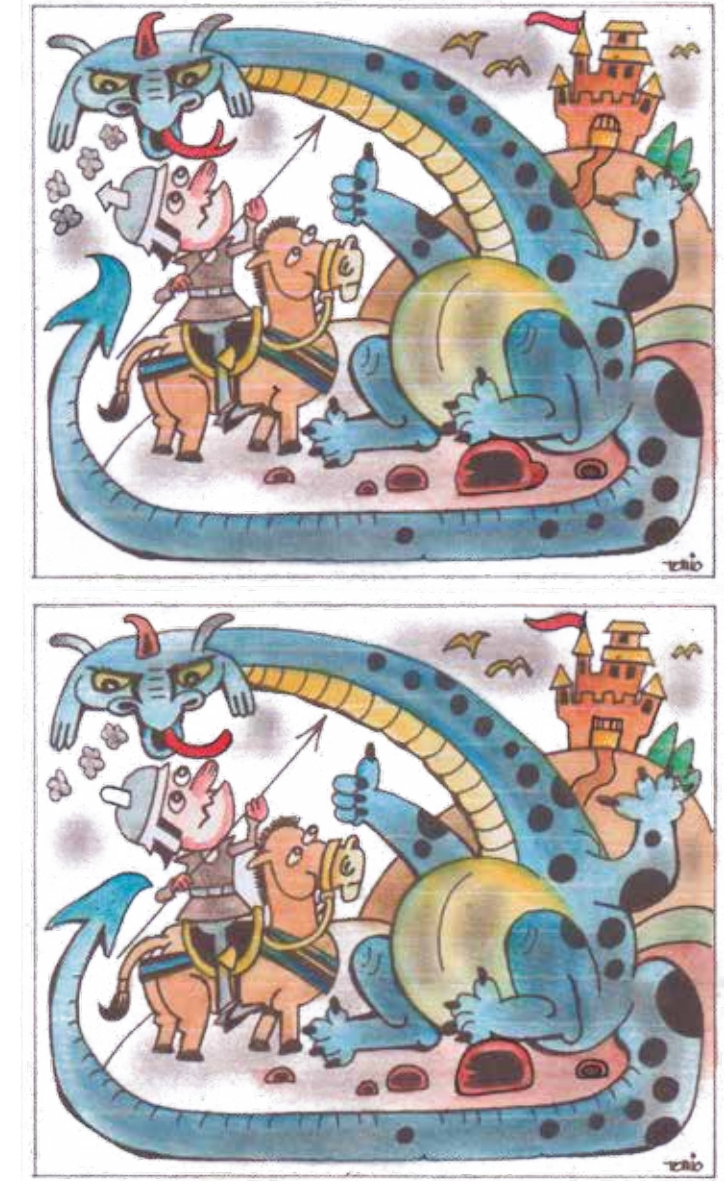
Estruture o projeto de forma clara
Além de definir objetivos, é importante apresentar o impacto social esperado, detalhar etapas de execução e apresentar um orçamento coerente com as atividades propostas.

Inclua contrapartidas e também indicadores de resultado
Ações que reforcem a relevância e o alcance da iniciativa, como oficinas, apresentações públicas (foto acima) ou relatórios de acompanhamento, aumentam a credibilidade do projeto.

Participe de experiências de aprendizagem
Oficinas, laboratórios de projetos, rodas de conversa, palestras, cursos on-line e mentorias ajudam a alinhar a proposta às políticas públicas, além de proporcionar um *networking* com outros agentes culturais.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução
1 – brinco; 2 – olho da coruja; 3 – boca da estrela; 4 – chapéu; 5 – nuvem; 6 – dente; 7 – solto do sapato; 8 – ponta da estrela; 9 – boca da estrela; 10 – boca da estrela; 11 – boca da estrela; 12 – boca da estrela; 13 – boca da estrela; 14 – boca da estrela; 15 – boca da estrela; 16 – boca da estrela; 17 – boca da estrela; 18 – boca da estrela; 19 – boca da estrela; 20 – boca da estrela; 21 – boca da estrela; 22 – boca da estrela; 23 – boca da estrela; 24 – boca da estrela; 25 – boca da estrela; 26 – boca da estrela; 27 – boca da estrela; 28 – boca da estrela; 29 – boca da estrela; 30 – boca da estrela; 31 – boca da estrela; 32 – boca da estrela; 33 – boca da estrela; 34 – boca da estrela; 35 – boca da estrela; 36 – boca da estrela; 37 – boca da estrela; 38 – boca da estrela; 39 – boca da estrela; 40 – boca da estrela; 41 – boca da estrela; 42 – boca da estrela; 43 – boca da estrela; 44 – boca da estrela; 45 – boca da estrela; 46 – boca da estrela; 47 – boca da estrela; 48 – boca da estrela; 49 – boca da estrela; 50 – boca da estrela; 51 – boca da estrela; 52 – boca da estrela; 53 – boca da estrela; 54 – boca da estrela; 55 – boca da estrela; 56 – boca da estrela; 57 – boca da estrela; 58 – boca da estrela; 59 – boca da estrela; 60 – boca da estrela; 61 – boca da estrela; 62 – boca da estrela; 63 – boca da estrela; 64 – boca da estrela; 65 – boca da estrela; 66 – boca da estrela; 67 – boca da estrela; 68 – boca da estrela; 69 – boca da estrela; 70 – boca da estrela; 71 – boca da estrela; 72 – boca da estrela; 73 – boca da estrela; 74 – boca da estrela; 75 – boca da estrela; 76 – boca da estrela; 77 – boca da estrela; 78 – boca da estrela; 79 – boca da estrela; 80 – boca da estrela; 81 – boca da estrela; 82 – boca da estrela; 83 – boca da estrela; 84 – boca da estrela; 85 – boca da estrela; 86 – boca da estrela; 87 – boca da estrela; 88 – boca da estrela; 89 – boca da estrela; 90 – boca da estrela; 91 – boca da estrela; 92 – boca da estrela; 93 – boca da estrela; 94 – boca da estrela; 95 – boca da estrela; 96 – boca da estrela; 97 – boca da estrela; 98 – boca da estrela; 99 – boca da estrela; 100 – boca da estrela; 101 – boca da estrela; 102 – boca da estrela; 103 – boca da estrela; 104 – boca da estrela; 105 – boca da estrela; 106 – boca da estrela; 107 – boca da estrela; 108 – boca da estrela; 109 – boca da estrela; 110 – boca da estrela; 111 – boca da estrela; 112 – boca da estrela; 113 – boca da estrela; 114 – boca da estrela; 115 – boca da estrela; 116 – boca da estrela; 117 – boca da estrela; 118 – boca da estrela; 119 – boca da estrela; 120 – boca da estrela; 121 – boca da estrela; 122 – boca da estrela; 123 – boca da estrela; 124 – boca da estrela; 125 – boca da estrela; 126 – boca da estrela; 127 – boca da estrela; 128 – boca da estrela; 129 – boca da estrela; 130 – boca da estrela; 131 – boca da estrela; 132 – boca da estrela; 133 – boca da estrela; 134 – boca da estrela; 135 – boca da estrela; 136 – boca da estrela; 137 – boca da estrela; 138 – boca da estrela; 139 – boca da estrela; 140 – boca da estrela; 141 – boca da estrela; 142 – boca da estrela; 143 – boca da estrela; 144 – boca da estrela; 145 – boca da estrela; 146 – boca da estrela; 147 – boca da estrela; 148 – boca da estrela; 149 – boca da estrela; 150 – boca da estrela; 151 – boca da estrela; 152 – boca da estrela; 153 – boca da estrela; 154 – boca da estrela; 155 – boca da estrela; 156 – boca da estrela; 157 – boca da estrela; 158 – boca da estrela; 159 – boca da estrela; 160 – boca da estrela; 161 – boca da estrela; 162 – boca da estrela; 163 – boca da estrela; 164 – boca da estrela; 165 – boca da estrela; 166 – boca da estrela; 167 – boca da estrela; 168 – boca da estrela; 169 – boca da estrela; 170 – boca da estrela; 171 – boca da estrela; 172 – boca da estrela; 173 – boca da estrela; 174 – boca da estrela; 175 – boca da estrela; 176 – boca da estrela; 177 – boca da estrela; 178 – boca da estrela; 179 – boca da estrela; 180 – boca da estrela; 181 – boca da estrela; 182 – boca da estrela; 183 – boca da estrela; 184 – boca da estrela; 185 – boca da estrela; 186 – boca da estrela; 187 – boca da estrela; 188 – boca da estrela; 189 – boca da estrela; 190 – boca da estrela; 191 – boca da estrela; 192 – boca da estrela; 193 – boca da estrela; 194 – boca da estrela; 195 – boca da estrela; 196 – boca da estrela; 197 – boca da estrela; 198 – boca da estrela; 199 – boca da estrela; 200 – boca da estrela; 201 – boca da estrela; 202 – boca da estrela; 203 – boca da estrela; 204 – boca da estrela; 205 – boca da estrela; 206 – boca da estrela; 207 – boca da estrela; 208 – boca da estrela; 209 – boca da estrela; 210 – boca da estrela; 211 – boca da estrela; 212 – boca da estrela; 213 – boca da estrela; 214 – boca da estrela; 215 – boca da estrela; 216 – boca da estrela; 217 – boca da estrela; 218 – boca da estrela; 219 – boca da estrela; 220 – boca da estrela; 221 – boca da estrela; 222 – boca da estrela; 223 – boca da estrela; 224 – boca da estrela; 225 – boca da estrela; 226 – boca da estrela; 227 – boca da estrela; 228 – boca da estrela; 229 – boca da estrela; 230 – boca da estrela; 231 – boca da estrela; 232 – boca da estrela; 233 – boca da estrela; 234 – boca da estrela; 235 – boca da estrela; 236 – boca da estrela; 237 – boca da estrela; 238 – boca da estrela; 239 – boca da estrela; 240 – boca da estrela; 241 – boca da estrela; 242 – boca da estrela; 243 – boca da estrela; 244 – boca da estrela; 245 – boca da estrela; 246 – boca da estrela; 247 – boca da estrela; 248 – boca da estrela; 249 – boca da estrela; 250 – boca da estrela; 251 – boca da estrela; 252 – boca da estrela; 253 – boca da estrela; 254 – boca da estrela; 255 – boca da estrela; 256 – boca da estrela; 257 – boca da estrela; 258 – boca da estrela; 259 – boca da estrela; 260 – boca da estrela; 261 – boca da estrela; 262 – boca da estrela; 263 – boca da estrela; 264 – boca da estrela; 265 – boca da estrela; 266 – boca da estrela; 267 – boca da estrela; 268 – boca da estrela; 269 – boca da estrela; 270 – boca da estrela; 271 – boca da estrela; 272 – boca da estrela; 273 – boca da estrela; 274 – boca da estrela; 275 – boca da estrela; 276 – boca da estrela; 277 – boca da estrela; 278 – boca da estrela; 279 – boca da estrela; 280 – boca da estrela; 281 – boca da estrela; 282 – boca da estrela; 283 – boca da estrela; 284 – boca da estrela; 285 – boca da estrela; 286 – boca da estrela; 287 – boca da estrela; 288 – boca da estrela; 289 – boca da estrela; 290 – boca da estrela; 291 – boca da estrela; 292 – boca da estrela; 293 – boca da estrela; 294 – boca da estrela; 295 – boca da estrela; 296 – boca da estrela; 297 – boca da estrela; 298 – boca da estrela; 299 – boca da estrela; 300 – boca da estrela; 301 – boca da estrela; 302 – boca da estrela; 303 – boca da estrela; 304 – boca da estrela; 305 – boca da estrela; 306 – boca da estrela; 307 – boca da estrela; 308 – boca da estrela; 309 – boca da estrela; 310 – boca da estrela; 311 – boca da estrela; 312 – boca da estrela; 313 – boca da estrela; 314 – boca da estrela; 315 – boca da estrela; 316 – boca da estrela; 317 – boca da estrela; 318 – boca da estrela; 319 – boca da estrela; 320 – boca da estrela; 321 – boca da estrela; 322 – boca da estrela; 323 – boca da estrela; 324 – boca da estrela; 325 – boca da estrela; 326 – boca da estrela; 327 – boca da estrela; 328 – boca da estrela; 329 – boca da estrela; 330 – boca da estrela; 331 – boca da estrela; 332 – boca da estrela; 333 – boca da estrela; 334 – boca da estrela; 335 – boca da estrela; 336 – boca da estrela; 337 – boca da estrela; 338 – boca da estrela; 339 – boca da estrela; 340 – boca da estrela; 341 – boca da estrela; 342 – boca da estrela; 343 – boca da estrela; 344 – boca da estrela; 345 – boca da estrela; 346 – boca da estrela; 347 – boca da estrela; 348 – boca da estrela; 349 – boca da estrela; 350 – boca da estrela; 351 – boca da estrela; 352 – boca da estrela; 353 – boca da estrela; 354 – boca da estrela; 355 – boca da estrela; 356 – boca da estrela; 357 – boca da estrela; 358 – boca da estrela; 359 – boca da estrela; 360 – boca da estrela; 361 – boca da estrela; 362 – boca da estrela; 363 – boca da estrela; 364 – boca da estrela; 365 – boca da estrela; 366 – boca da estrela; 367 – boca da estrela; 368 – boca da estrela; 369 – boca da estrela; 370 – boca da estrela; 371 – boca da estrela; 372 – boca da estrela; 373 – boca da estrela; 374 – boca da estrela; 375 – boca da estrela; 376 – boca da estrela; 377 – boca da estrela; 378 – boca da estrela; 379 – boca da estrela; 380 – boca da estrela; 381 – boca da estrela; 382 – boca da estrela; 383 – boca da estrela; 384 – boca da estrela; 385 – boca da estrela; 386 – boca da estrela; 387 – boca da estrela; 388 – boca da estrela; 389 – boca da estrela; 390 – boca da estrela; 391 – boca da estrela; 392 – boca da estrela; 393 – boca da estrela; 394 – boca da estrela; 395 – boca da estrela; 396 – boca da estrela; 397 – boca da estrela; 398 – boca da estrela; 399 – boca da estrela; 400 – boca da estrela; 401 – boca da estrela; 402 – boca da estrela; 403 – boca da estrela; 404 – boca da estrela; 405 – boca da estrela; 406 – boca da estrela; 407 – boca da estrela; 408 – boca da estrela; 409 – boca da estrela; 410 – boca da estrela; 411 – boca da estrela; 412 – boca da estrela; 413 – boca da estrela; 414 – boca da estrela; 415 – boca da estrela; 416 – boca da estrela; 417 – boca da estrela; 418 – boca da estrela; 419 – boca da estrela; 420 – boca da estrela; 421 – boca da estrela; 422 – boca da estrela; 423 – boca da estrela; 424 – boca da estrela; 425 – boca da estrela; 426 – boca da estrela; 427 – boca da estrela; 428 – boca da estrela; 429 – boca da estrela; 430 – boca da estrela; 431 – boca da estrela; 432 – boca da estrela; 433 – boca da estrela; 434 – boca da estrela; 435 – boca da estrela; 436 – boca da estrela; 437 – boca da estrela; 438 – boca da estrela; 439 – boca da estrela; 440 – boca da estrela; 441 – boca da estrela; 442 – boca da estrela; 443 – boca da estrela; 444 – boca da estrela; 445 – boca da estrela; 446 – boca da estrela; 447 – boca da estrela; 448 – boca da estrela; 449 – boca da estrela; 450 – boca da estrela; 451 – boca da estrela; 452 – boca da estrela; 453 – boca da estrela; 454 – boca da estrela; 455 – boca da estrela; 456 – boca da estrela; 457 – boca da estrela; 458 – boca da estrela; 459 – boca da estrela; 460 – boca da estrela; 461 – boca da estrela; 462 – boca da estrela; 463 – boca da estrela; 464 – boca da estrela; 465 – boca da estrela; 466 – boca da estrela; 467 – boca da estrela; 468 – boca da estrela; 469 – boca da estrela; 470 – boca da estrela; 471 – boca da estrela; 472 – boca da estrela; 473 – boca da estrela; 474 – boca da estrela; 475 – boca da estrela; 476 – boca da estrela; 477 – boca da estrela; 478 – boca da estrela; 479 – boca da estrela; 480 – boca da estrela; 481 – boca da estrela; 482 – boca da estrela; 483 – boca da estrela; 484 – boca da estrela; 485 – boca da estrela; 486 – boca da estrela; 487 – boca da estrela; 488 – boca da estrela; 489 – boca da estrela; 490 – boca da estrela; 491 – boca da estrela; 492 – boca da estrela; 493 – boca da estrela; 494 – boca da estrela; 495 – boca da estrela; 496 – boca da estrela; 497 – boca da estrela; 498 – boca da estrela; 499 – boca da estrela; 500 – boca da estrela; 501 – boca da estrela; 502 – boca da estrela; 503 – boca da estrela; 504 – boca da estrela; 505 – boca da estrela; 506 – boca da estrela; 507 – boca da estrela; 508 – boca da estrela; 509 – boca da estrela; 510 – boca da estrela; 511 – boca da estrela; 512 – boca da estrela; 513 – boca da estrela; 514 – boca da estrela; 515 – boca da estrela; 516 – boca da estrela; 517 – boca da estrela; 518 – boca da estrela; 519 – boca da estrela; 520 – boca da estrela; 521 – boca da estrela; 522 – boca da estrela; 523 – boca da estrela; 524 – boca da estrela; 525 – boca da estrela; 526 – boca da estrela; 527 – boca da estrela; 528 – boca da estrela; 529 – boca da estrela; 530 – boca da estrela; 531 – boca da estrela; 532 – boca da estrela; 533 – boca da estrela; 534 – boca da estrela; 535 – boca da estrela; 536 – boca da estrela; 537 – boca da estrela; 538 – boca da estrela; 539 – boca da estrela; 540 – boca da estrela; 541 – boca da estrela; 542 – boca da estrela; 543 – boca da estrela; 544 – boca da estrela; 545 – boca da estrela; 546 – boca da estrela; 547 – boca da estrela; 548 – boca da estrela; 549 – boca da estrela; 550 – boca da estrela; 551 – boca da estrela; 552 – boca da estrela; 553 – boca da estrela; 554 – boca da estrela; 555 – boca da estrela; 556 – boca da estrela; 557 – boca da estrela; 558 – boca da estrela; 559 – boca da estrela; 560 – boca da estrela; 561 – boca da estrela; 562 – boca da estrela; 563 – boca da estrela; 564 – boca da estrela; 565 – boca da estrela; 566 – boca da estrela; 567 – boca da estrela; 568 – boca da estrela; 569 – boca da estrela; 570 – boca da estrela; 571 – boca da estrela; 572 – boca da estrela; 573 – boca da estrela; 574 – boca da estrela; 575 – boca da estrela; 576 – boca da estrela; 577 – boca da estrela; 578 – boca da estrela; 579 – boca da estrela; 580 – boca da estrela; 581 – boca da estrela; 582 – boca da estrela; 583 – boca da estrela; 584 – boca da estrela; 585 – boca da estrela; 586 – boca da estrela; 587 – boca da estrela; 588 – boca da estrela; 589 – boca da estrela; 590 – boca da estrela; 591 – boca da estrela; 592 – boca da estrela; 593 – boca da estrela; 594 – boca da estrela; 595 – boca da estrela; 596 – boca da estrela; 597 – boca da estrela; 598 – boca da estrela; 599 – boca da estrela; 600 – boca da estrela; 601 – boca da estrela; 602 – boca da estrela; 603 – boca da estrela; 604 – boca da estrela; 605 – boca da estrela; 606 – boca da estrela; 607 – boca da estrela; 608 – boca da estrela; 609 – boca da estrela; 610 – boca da estrela; 611 – boca da estrela; 612 – boca da estrela; 613 – boca da estrela; 614 – boca da estrela; 615 – boca da estrela; 616 – boca da estrela; 617 – boca da estrela; 618 – boca da estrela; 619 – boca da estrela; 620 – boca da estrela; 621 – boca da estrela; 622 – boca da estrela; 623 – boca da estrela; 624 – boca da estrela; 625 – boca da estrela; 626 – boca da estrela; 627 – boca da estrela; 628 – boca da estrela; 629 – boca da estrela; 630 – boca da estrela; 631 – boca da estrela; 632 – boca da estrela; 633 – boca da estrela; 634 – boca da estrela; 635 – boca da estrela; 636 – boca da estrela; 637 – boca da estrela; 638 – boca da estrela; 639 – boca da estrela; 640 – boca da estrela; 641 – boca da estrela; 642 – boca da estrela; 643 – boca da estrela; 644 – boca da estrela; 645 – boca da estrela; 646 – boca da estrela; 647 – boca da estrela; 648 – boca da estrela; 649 – boca da estrela; 650 – boca da estrela; 651 – boca da estrela; 652 – boca da estrela; 653 – boca da estrela; 654 – boca da estrela; 655 – boca da estrela; 656 – boca da estrela; 657 – boca da estrela; 658 – boca da estrela; 659 – boca da estrela; 660 – boca da estrela; 661 – boca da estrela; 662 – boca da estrela; 663 – boca da estrela; 664 – boca da estrela; 665 – boca da estrela; 666 – boca da estrela; 667 – boca da estrela; 668 – boca da estrela; 669 – boca da estrela; 670 – boca da estrela; 671 – boca da estrela; 672 – boca da estrela; 673 – boca da estrela; 674 – boca da estrela; 675 – boca da estrela; 676 – boca da estrela; 677 – boca da estrela; 678 – boca da estrela; 679 – boca da estrela; 680 – boca da estrela; 681 – boca da estrela; 682 – boca da estrela; 683 – boca da estrela; 684 – boca da estrela; 685 – boca da estrela; 686 – boca da estrela; 687 – boca da estrela; 688 – boca da estrela; 689 – boca da estrela; 690 – boca da estrela; 691 – boca da estrela; 692 – boca da estrela; 693 – boca da estrela; 694 – boca da estrela; 695 – boca da estrela; 696 – boca da estrela; 697 – boca da estrela; 698 – boca da estrela; 699 – boca da estrela; 700 – boca da estrela; 701 – boca da estrela; 702 – boca da estrela; 703 – boca da estrela; 704 – boca da estrela; 705 – boca da estrela; 706 – boca da estrela; 707 – boca da estrela; 708 – boca da estrela; 709 – boca da estrela; 710 – boca da estrela; 711 – boca da estrela; 712 – boca da estrela; 713 – boca da estrela; 714 – boca da estrela; 715 – boca da estrela; 716 – boca da estrela; 717 – boca da estrela; 718 – boca da estrela; 719 – boca da estrela; 720 – boca da estrela; 721 – boca da estrela; 722 – boca da estrela; 723 – boca da estrela; 724 – boca da estrela; 725 – boca da estrela; 726 – boca da estrela; 727 – boca da estrela; 728 – boca da estrela; 729 – boca da estrela; 730 – boca da estrela; 731 – boca da estrela; 732 – boca da estrela; 733 – boca da estrela; 734 – boca da estrela; 735 – boca da estrela; 736 – boca da estrela; 737 – boca da estrela; 738 – boca da estrela; 739 – boca da estrela; 740 – boca da estrela; 741 – boca da estrela; 742 – boca da estrela; 743 – boca da estrela; 744 – boca da estrela; 745 – boca da estrela; 746 – boca da estrela; 747 – boca da estrela; 748 – boca da estrela; 749 – boca da estrela; 750 – boca da estrela; 751 – boca da estrela; 752 – boca da estrela; 753 – boca da estrela; 754 – boca da estrela; 755 – boca da estrela; 756 – boca da estrela; 757 – boca da estrela; 758 – boca da estrela; 759 – boca da estrela; 760 – boca da estrela; 761 – boca da estrela; 762 – boca da estrela; 763 – boca da estrela; 764 – boca da estrela; 765 – boca da estrela; 766 – boca da estrela; 767 – boca da estrela; 768 – boca da estrela; 769 – boca da estrela; 770 – boca da estrela; 771 – boca da estrela; 772 – boca da estrela; 773 – boca da estrela; 774 – boca da estrela; 775 – boca da estrela; 776 – boca da estrela; 777 – boca da estrela; 778 – boca da estrela; 779 – boca da estrela; 780 – boca da estrela; 781 – boca da estrela; 782 – boca da estrela; 783 – boca da estrela; 784 – boca da estrela; 785 – boca da estrela; 786 – boca da estrela; 787 – boca da estrela; 788 – boca da estrela; 789 – boca da estrela; 790 – boca da estrela; 791 – boca da estrela; 792 – boca da estrela; 793 – boca da estrela; 794 – boca da estrela; 795 – boca da estrela; 796 – boca da estrela; 797 – boca da estrela; 798 – boca da estrela; 799 – boca da estrela; 800 – boca da estrela; 801 – boca da estrela; 802 – boca da estrela; 803 – boca da estrela; 804 – boca da estrela; 805 – boca da estrela; 806 – boca da estrela; 807 – boca da estrela; 808 – boca da estrela; 809 – boca da estrela; 810 – boca da estrela; 811 – boca da estrela; 812 – boca da estrela; 813 – boca da estrela; 814 – boca da estrela; 815 – boca da estrela; 816 – boca da estrela; 817 – boca da estrela; 818 – boca da estrela; 819 – boca da estrela; 820 – boca da estrela; 821 – boca da estrela; 822 – boca da estrela; 823 – boca da estrela; 824 – boca da estrela; 825 – boca da estrela; 826 – boca da estrela; 827 – boca da estrela; 828 – boca da estrela; 829 – boca da estrela; 830 – boca da estrela; 831 – boca da estrela; 832 – boca da estrela; 833 – boca da estrela; 834 – boca da estrela; 835 – boca da estrela; 836 – boca da estrela; 837 – boca da estrela; 838 – boca da estrela; 839 – boca da estrela; 840 – boca da estrela; 841 – boca da estrela; 842 – boca da estrela; 843 – boca da estrela; 844 – boca da estrela; 845 – boca da estrela; 846 – boca da estrela; 847 – boca da estrela; 848 – boca da estrela; 849 – boca da estrela; 850 – boca da estrela; 851 – boca da estrela; 852 – boca da estrela; 853 – boca da estrela; 854 – boca da estrela; 855 – boca da estrela; 856 – boca da estrela; 857 – boca da estrela; 858 – boca da estrela; 859 – boca da estrela; 860 – boca da estrela; 861 – boca da estrela; 862 – boca da estrela; 863 – boca da estrela; 864 – boca da estrela; 865 – boca da estrela; 866 – boca da estrela; 867 – boca da estrela; 868 – boca da estrela; 869 – boca da estrela; 870 – boca da estrela; 871 – boca da estrela; 872 – boca da estrela; 873 – boca da estrela; 874 – boca da estrela; 875 –

Lembre-se de que você vai morrer

Dificuldade em lidar com a finitude da vida faz com que ainda seja um verdadeiro tabu, para algumas pessoas, tratar desse tema

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Nos primórdios do Cristianismo, entre os séculos 3 e 4, os chamados “padres do deserto” propunham a consciência da mortalidade como forma de viver bem. Essa visão pregada por monges ascetas de regiões como Egito, Síria e Palestina era resumida na expressão *memento mori*, que significa “lembre-se de que você vai morrer”. Ao contrário do que se pode supor, não se tratava de uma obsessão mórbida pela morte, mas de uma forma de viver o presente com intensidade e superar o desapego e o medo da própria finitude.

Muitas são as formas, ainda hoje, de lidar com a morte. O medo desse momento está como que inscrito no próprio DNA humano. É graças a esse medo — mecanismo instintivo de defesa — que o cérebro emite um sinal de alerta ao corpo informando sobre ameaças para que ele se prepare para reagir, lutando ou fugindo, visando preservar a vida. Bem diferente é a fobia, o medo desproporcional e paralisante, dentre os quais estão a tanatofobia — medo da própria morte ou da morte de alguém próximo, e a necrofobia — medo de cadáveres e outros elementos que remetem a morte, como caixões e cemitérios.

A dificuldade em lidar com a finitude da vida faz com que tratar desse tema ainda seja um verdadeiro tabu. Essa restrição para abordar um acontecimento tão cotidiano que, em algum momento, será sentido ou vivido por todos, representa apenas uma das causas do aumento desses transtornos fóbicos específicos. A reportagem tentou conversar com uma pessoa que reconhece sentir tanatofobia, mas não foi possível. Só de pensar ou falar sobre o assunto, ela afirmava já sentir um nó na garganta, angustiando-se em imaginar a própria morte ou a perda de uma pessoa querida.

Uma psicóloga de 30 anos, que prefere não ser identificada, conseguiu vencer esse medo e falar. Ela relata que tem sonhos semanais com o esposo morrendo, assim como medo exagerado de que aconteça algo de ruim com ele. “Se eu sonhar com ele sofrendo um acidente de moto e ele estava com certa camisa, eu escondo aquela camisa. Em outro sonho, com ele caindo de um penhasco, como a gente tem sítio de família e naquele período iríamos passear alguns dias por lá, já fiquei com medo e não quis ir. O tempo todo eu estou com a preocupação se ele está bem. E se alguém me ligar, já acho que pode ser algum acidente, sabe? Fica aquele pensamento ruminativo”.

vo muito forte e a sensação de muito desespero”, confessa.

A terapeuta afirma lidar bem com o medo de ela mesma morrer, mas não suporta a ideia de o mesmo acontecer com outra pessoa da família. Apesar de ter alguns comprometimentos de saúde e estar com uma cirurgia muito grave agendada para os próximos meses, diz que estaria desesperada se esse procedimento tivesse de ser feito com seu marido. Como psicóloga, ela reconhece alguns eventos traumáticos que, possivelmente, desencadearam a tanatofobia: há dois anos, perdeu um primo que lhe era muito próximo por suicídio e ela precisou até ser medicada; o pai faleceu no dia em que completava 44 anos e a avó morreu de modo repentino, poucos momentos depois de ter tomado um café com ela e aparentar estar muito bem; passou por um sequestro e por violência sexual; a mãe possui um diagnóstico de bipolaridade e apresenta quadros suicidas.

Tudo isso faz com que a profissional de saúde mental fique hipervigilante, apreensiva, o tempo todo com medo de que algo de ruim possa acontecer. Segundo ela, isso também a ajudou a criar uma certa pressa de viver:

“Eu penso muito no amanhã, então

se for para viajar hoje com meu marido, eu não nego nada. Isso faz com que queira viver tudo o que eu tenho para viver com ele. É como se fosse uma urgência para viver, porque eu já acho que ele pode morrer”, revela. Durante a pandemia da Covid-19, o medo foi ainda mais intenso, sobretudo porque uma de suas irmãs trabalhava numa UTI neonatal.

Falar do medo excessivo da morte numa sociedade onde ela tem sido cada vez mais um tabu constitui-se o primeiro passo para compreender suas causas e aprender a melhor lidar com ele. As mudanças ocorridas no modo como a sociedade vem lidando com a finitude da vida, desde os ritos funerários até o processo de luto e seus diferentes elementos simbólicos, também precisam ser considerados. Qual o limite entre o medo “natural” da morte e o sofrimento psíquico? Como ele se desencadeia? De onde surge o medo do contato visual com elementos fúnebres? Qual a importância dos rituais no processo do luto? A morte, tanto quanto a vida, nos convida a pensar.

Restrição para abordar um acontecimento tão cotidiano, que será sentido ou vivido por todos, representa apenas uma das causas do aumento dos transtornos fóbicos específicos

PROCESSO DA MORTE

Quando o medo não é mais comum

Quanto às manifestações psicológicas, receio não é tão direcionado ao óbito em si, mas à forma como pode acontecer

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A tanatofobia costuma estar associada ao transtorno de ansiedade generalizada (TAG), distúrbio mental crônico, caracterizado por preocupação excessiva, persistente e difícil de controlar ações; neste caso específico, em torno de tudo que se relaciona com a morte ou o processo de morrer. A psicóloga clínica Helena Farias, especializada em luto e rompimentos afetivos pela Rede Nacional de Tanatologia, afirma que essa fobia é mais comum do que se possa imaginar e explica como ela afeta as atividades diárias da pessoa.

“A tanatofobia é o medo intenso da própria morte e da morte de pessoas muito queridas, como pais, filhos, esposo ou esposa. De forma universal, todas as pessoas têm medo da morte, só que o medo intenso que paralisa, que faz com que a pessoa, por exemplo, não saia de casa com os amigos à noite com medo de acontecer alguma coisa, ou não saia para trabalhar, esse já não é um medo comum e universal”, diferencia.

Os levantamentos em torno do medo da morte ainda são escassos. Uma pesquisa encomendada em 2018, pelo Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (Sincep), mostrou que a morte ainda é um tabu para 73,7% dos entrevistados, que admitem evitar o tema nas conversas. A morte está associada a sentimentos como tristeza (63%), dor (55%), saudade (55%), sofrimento (51%) e medo (44%). Os que mais falam sobre o assunto são pessoas com mais de 55 anos (32,5%). Num estudo mais recente (2025), que investigou a ansiedade em relação à morte entre idosos chineses, 20% dos participantes da pesquisa relataram ansiedade e medo da morte em nível severo.

Helena Farias pontua alguns desses sintomas característicos das crises de ansiedade, como taquicardia, falta de ar, tontura, sudorese, enjoo, tensão muscular e dor no peito. Quanto às manifestações psicológicas, a profissional de saúde mental ressalta que o medo não é tão direcionado à morte em si, mas à forma como ela pode acontecer. “A pessoa vai ter pensamentos repetitivos direcionados para esse assunto, vai ter hipervigilância e um cuidado muito grande quando sai de casa, além de evitar conversas sobre a morte, por exemplo, quando pessoas chegam para ela querendo saber falar sobre esse assunto, ela entra em evitação, isto é, muda de assunto ou tenta de alguma forma sair daquele local”, explica.

Apesar das causas da tanatofobia serem multifatoriais, a psi-

cóloga destaca a origem biopsicossocial de traumas ocorridos na infância, por um luto não elaborado, resultado de uma educação do silêncio em relação à morte para com as crianças, que omitem delas o falecimento de pais, avós ou parentes muito próximos.

Ela recorda como até bem pouco tempo se costumava dizer às crianças que o pai ou a mãe falecidos estavam viajando, gerando a expectativa pela volta. Quando descobrem a morte, normalmente na adolescência, elas passam a evitar o assunto, podendo desencadear a tanatofobia.

“Geralmente, quando a criança passa por algum tipo de experiência relacionada a isso, ela fica com esse medo. Há um caso de uma criança que perdeu alguém muito significativo quando tinha oito anos de idade, por exemplo, e aos 30 anos chegou à terapia porque não sabia como lidar com o fim de um relacionamento. Percebe-se que aquela ansiedade não é gerada pelo momento atual. Então, investigamos e descobrimos que existe um luto infantil não elaborado, uma experiência traumática com a morte, geralmente de perdas abruptas”, descreve a terapeuta, especialista no atendimento de crianças com luto e outros pacientes com lutos invisíveis ou não reconhecidos, como luto de animais de estimação ou de aborto.

“Modo de fuga”

As perdas inesperadas na vida adulta também podem desencadear a tanatofobia, sobretudo perdas repentinas. As mortes provocadas pela pandemia da Covid-19 geraram um aumento significativo nas buscas na *internet* por termos relacionados à saúde mental, dentre eles a tanatofobia.

A psicóloga recorda que as perdas de várias pessoas da família em um curto espaço de tempo e sem a possibilidade de vivenciar os rituais do luto de forma adequada, tendem a fazer com que a pessoa evite falar ou pensar sobre o assunto, assumindo uma espécie de “modo de fuga”. Nesse sentido, os rituais fúnebres constituem-se uma dimensão importante no processo de superação do medo da morte e na prevenção à tanatofobia.

“A forma como a pessoa vai se despedir e vivenciar a perda do ente querido, elaborando o luto, importa muito. Quando os rituais de despedidas, como o velório e o enterro, não são praticados pela pessoa que ficou, há uma dificuldade maior na tarefa da aceitação daquela perda. Quando a pessoa participa de todos os rituais, ela tende a aceitar mais rápido o que aconteceu”, reforça.



Helena Farias, especializada em luto e rompimentos afetivos, afirma que a fobia é mais comum do que se possa imaginar

O sinal de alerta para perceber que o medo da morte ou dos mortos passa a interferir nos hábitos diários da pessoa, de modo que ela deixa de fazer algo com receio de morrer, como no caso da jovem terapeuta que desistiu de passar o fim de semana no sítio com o marido após sonhar que ele estava caindo de um penhasco.

“O ponto a ser observado é quando esse medo se torna incapacitante e começa a atrapalhar a rotina de vida natural da pessoa, e ela vai trabalhar pensando que pode morrer, não quer viajar com medo que aconteça alguma coisa, por exemplo, e prefere ficar em casa, onde o ambiente é ‘seguro’, e ‘controlado’. Quando um adulto vem me procurar com esses sintomas, geralmente estamos diante de um quadro de tanatofobia, um medo de se expor ao perigo que tira oportunidades da pessoa vivenciar processos naturais”, adverte Helena Farias.

A especialista recomenda estar atento a esses comportamentos, que também costuma ser notados por outras pessoas, e procurar tratamento especializado para superar o quadro de ansiedade, que envolve psicoterapia e, em alguns casos, indica-

ção de tratamento psiquiátrico: “A psicoterapia ajuda a pessoa a conviver com esse medo, a aprender a lidar melhor com ele de forma que não paralise sua vida. Geralmente, ensinamos como a pessoa pode fazer para controlar as suas emoções em relação ao ambiente, trabalhando com a exposição gradual à finitude natural, isto é, entender que a gente nasce... e morre”.

Ao contrário do que possa parecer, quem possui tanatofobia tende a sentir o luto de forma ainda mais intensa que os demais, pois desenvolve o chamado “luto complicado” ou não elaborado, quase sempre relacionado a perdas inesperadas, violentas ou por suicídio. A vivência do luto é uma etapa importante do processo da morte, por isso a profissional aconselha a não deixar de falar sobre o ocorrido, pois o silêncio em torno da morte reforça ainda mais o medo dela. Nesse sentido, Farias considera algumas mudanças culturais que vêm se dando em torno do luto como negativas, como a diminuição do tempo de uso de trajes pelas viúvas, a forma como os velórios são realizados — não mais nas casas — ou a diminuição do hábito das visitas de condolências aos familiares, nas quais se falava so-

bre a pessoa que se foi, de modo a assimilar a sua morte.

“Falar sobre o assunto e naturalizá-lo é a forma mais simples de você não chegar ao ponto da tanatofobia, porque quando a gente fala, a gente elabora. E se, por acaso, não conseguir lidar sozinho, deve trabalhar o luto com um profissional especializado, porque o problema em si não é pensar na morte, é não ter um espaço para elaborar o que essa morte despertou na pessoa”, orienta a terapeuta.

■ Uma pesquisa encomendada em 2018, pelo Sincep, mostrou que a morte ainda é um tabu para quase 74% dos entrevistados, que admitem evitar o tema

TRANSTORNO

Necrofobia provoca desconfortos

Indivíduo evita participar de velórios, entrar em cemitérios ou ter qualquer contato visual com cadáveres

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O medo da morte manifesta-se de forma irracional e exagerada também pela necrofobia, desconforto e ansiedade que a pessoa sente ao participar de velórios, entrar em cemitérios ou ter qualquer contato visual com cadáveres. A psicóloga Helena Farias explica que, nesse caso, o foco não é o processo de morrer, como na tanatofobia, mas nos elementos simbólicos e imaginários que se relacionam com a morte.

“Tem gente que vai desenvolver o medo de morrer ou da morte dos seus entes queridos e tem gente que vai desenvolver a necrofobia, que é o medo de passar pela mesma situação, de estar ali, no lugar daquele cadáver. Isso vai depender muito de experiências anteriores que geraram essa fobia, como presenciar um velório no qual ficou com medo do cadáver ou a partir de histórias aterradoras que alguém contou sobre a morte”, explica.

Os sintomas são praticamente os mesmos da tanatofobia e incluem ataques de pânico, ansiedade severa, falta de ar, sudorese, taquicardia, tremores e náuseas, e o desejo incontrolável de escapar de ambientes que remetem à morte. Dessa forma, fogem de qualquer discussão ou situação relacionada ao assunto que possam despertar gatilhos. Ainda que seja menos limitadora que a tanatofobia, a necrofobia causa bastante prejuízo à pessoa, sobretudo em relação ao processo de luto.

“Geralmente, a necrofobia é gerada por histórias que as crianças e adolescentes escutam sobre pessoas que morreram de forma muito violenta, desenvolvendo o medo do corpo, que remete ao medo de estar naquela posição, portanto, de alguma forma, interligado também ao medo também de morrer”, destaca a psicóloga.

Helena considera que a cultura silenciosa que torna a morte um tabu é um dos principais fatores que desencadeiam comportamentos de esquivar-se de momentos, lugares, pensamentos ou objetos que provocam medo intenso de caixão, cemitérios e velórios. Ela reforça que quanto mais se fala sobre o tema, mais o evento traumático pode ser compreendido e incorporado à história de vida da pessoa. Em grande medida, as interações religiosas e culturais estão por trás desse fenômeno, alimentadas pelo medo do

desconhecido, do que pode acontecer depois da morte ou até mesmo de que a pessoa que morreu possa aparecer. “O medo da assombração surge porque, em algum momento da vida, a pessoa escutou histórias assustadoras de que alguém que morreu iria aparecer. O medo é por saber que essa pessoa não está mais de forma material aqui e se transformou, dentro de sua crença, em espírito, alma ou outro ser. Há muitos relatos de pessoas que não conseguem lidar com isso e sentem medo de ficar sozinhas em casa, quando o parceiro morre, ou não conseguem dormir mais na mesma cama. E para não manter contato visual com essa memória, mudam de casa ou doam os pertences pessoais da pessoa que se foi”, exemplifica Farias.

Para quem sofre com a necrofobia participar do velório de um ente muito querido ou aproximar-se do corpo torna-se um suplício, ainda que tenha consciência que aquela será a última vez que a verá em sua forma física. Isso a impede de vivenciar o momento de despedida e outros rituais próprios do luto, etapa extremamente importante para superar a perda.

Segundo Helena Farias, que é autora do livro *Do luto ao Recomeço*, as formas de viver esse período de pesar pela morte de um membro familiar são diversas e dependem de como cada pessoa costuma reagir diante de situações estressantes. Pode acontecer, por exemplo, de um filho decidir ir a uma festa depois de dois meses do falecimento do pai, inibindo de alguma forma o luto, enquanto outro não se sentirá preparado para isso. O importante, para a especialista, é respeitar o tempo de cada um, sem realizar nenhum julgamentos.

De modo geral, o luto normal é aquele em que o indivíduo compreende e aceita a perda, adaptando-se a uma nova realidade, mas sem deixar de experimentar sentimentos de saudades e tristeza ou mesmo o choro, reações que representam o rompimento do vínculo afetivo e o compromisso com o ente falecido. O luto complicado, ao contrário, tem sido o termo utilizado para reconhecer a diversidade de experiência de luto a partir de respostas e reações individuais múltiplas, evitando reducionismos simplistas ou estigmatizantes.

Na categoria do luto complicado estão incluídas, por

exemplo, as reações crônicas ou prolongadas, as reações retardadas (inibidas, suprimidas ou adiadas) que acabam surgindo posteriormente, as reações exageradas e as reações mascaradas ou reprimidas, cujos comportamentos em relação à perda são inconscientemente disfarçados ou atribuídos a outras causas. Há ainda, o luto antecipado, vivenciado por aqueles que já vivem na expectativa de uma perda, como é o caso de parceiros ou cuidadores de pessoas com doenças crônicas.

“Dentro do sofrimento do luto, a rotina que se tem com a pessoa que se foi é mais importante do que o vínculo. As pessoas que trabalham como cuidadores não têm vínculo de parentesco ou outro vínculo importante, mas, quando aquele idoso ou doente morre, pode gerar um luto complicado, porque se lembram da hora que costumavam dar o remédio ou a comida. E quando nossa rotina é rompida, a gente sofre. O luto do cuidador ou cuidadora é um luto silencioso e não reconhecido, por-

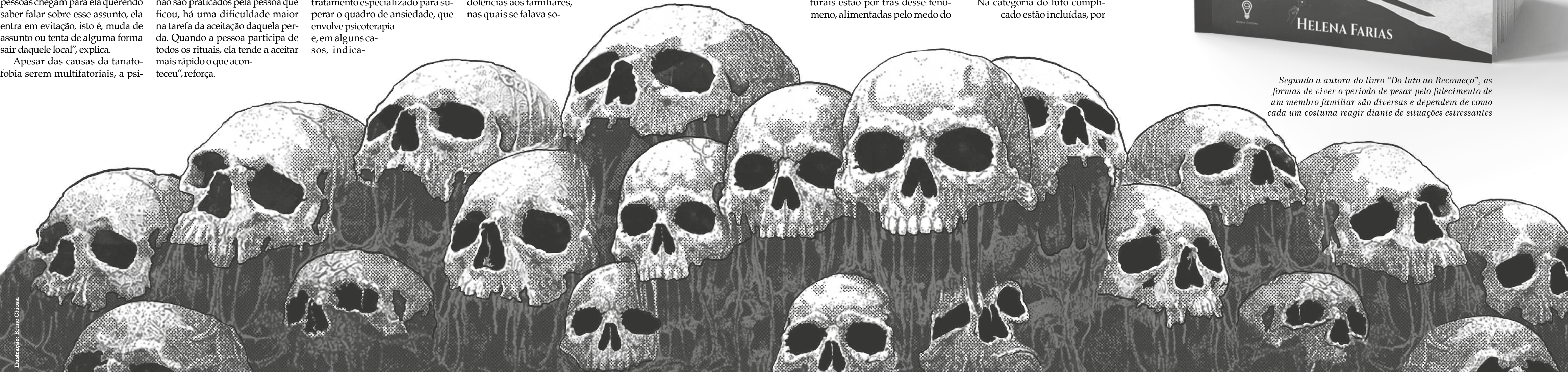
mos sujeitos, é preciso desmistificar o tabu em torno do tema, de modo a assumir, como o casal Irvin Yalom e Marilyn Yalom, que no fim da vida escreveram o livro *Uma Questão de Vida e Morte*, sobre o diagnóstico terminal de um deles, que o luto é o preço que se paga pela coragem de amar.

Específico

Foco não é o processo de perecer, como na tanatofobia, mas nos elementos simbólicos e imaginários que se relacionam com o perecimento



Segundo a autora do livro “Do luto ao Recomeço”, as formas de viver o período de pesar pelo falecimento de um membro familiar são diversas e dependem de como cada um costuma reagir diante de situações estressantes



ESTUDO

Processo da finitude visto como fato social

Ritos sobre o tema são gerais e universais, observado como um evento não restrito à esfera individual

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O sociólogo e doutorando em Antropologia Weverson Bezerra estuda a morte e os ritos de passagem desde a graduação. A perda do avô e do pai, num intervalo de tempo muito curto, durante a adolescência, fez com que ele crescesse associando morte à dor e ao sofrimento. Esse sentimento acabou sendo ressignificado apenas quando ele passou a estudar sobre os rituais de homenagem aos que se foram e começou a perceber como eles ajudam a repensar a morte, que hoje ele entende como um fato social total.

O conceito, desenvolvido pelo sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss, ajudou o paraibano a compreender o processo do morrer como um evento não restrito à esfera individual, pois mobiliza, de modo simultâneo e integrado, diferentes esferas da vida social, como religiosa, jurídica, moral, econômica e familiar. Weverson destaca que, como fato social, os ritos de morte são gerais e universais, isto é, estão presentes em todas as sociedades, independentemente da cultura ou da localização.

“Para algumas sociedades, a prática do morrer está ligada ao próprio sepultamento, enquanto em outras, o morrer e a morte só acontecem quando aquele indivíduo é esquecido socialmente, pois a pessoa pode deixar de ser ativo na comunidade, mas se torna uma memória, uma lembrança. Em alguns estudos, a morte só acontece quando essa memória é esquecida”,

compara Weverson Bezerra, mencionando também o hábito de contabilizar os anos da pessoa falecida a partir da morte, e não mais da vida.

Privatização

Na perspectiva sociológica, o medo natural da morte — assim como as fobias que dela decorrem — pode ser compreendido a partir das transformações pelas quais a sociedade ocidental tem passado em torno do processo do falecer. O especialista explica que, tradicionalmente, a morte era pública, mas passou por um “processo de privatização” ao longo da modernidade, que a tornou algo distante, oculto e, por consequência, mais difícil de ser compreendida.

“Existe um processo de própria negação social da morte como mecanismo de sobrevivência à finitude, que é próprio da cultura ocidental moderna. Essa ‘fobia social da morte’ acaba fazendo com que o indivíduo não construa um sentido na vida. O sentido da morte se torna superior ao sentido da vida, reforçando processos como a tanatofobia”, pontua o pesquisador. Ele observa três modelos de lidar com a morte que estão presente na sociedade: o tradicional, o moderno e o contemporâneo. Apesar das raízes históricas, não se trata de estágios evolutivos, pois dependem mais do contexto social.

O modelo tradicional de vivência da morte é aquele no qual a morte é menos oculta. A família cuidava do cadáver e os rituais fúnebres aconteciam na residência e o corpo deveria ser enterrado em até 24 horas. “Era



Foto: Arquivo pessoal

Com a modernidade, acontece um processo de institucionalização da morte, no contexto das guerras e das epidemias

Weverson Bezerra

uma morte meio espiritualizada e a comunidade era muito presente, inclusive a assistência religiosa de padres indo às casas fazer as últimas orações. Com a modernidade, acontece um processo de institucionalização da morte, no contexto das guerras e das epidemias. Os hospitais acabam tornando-se o local que reflete o cuidado com o moribundo e a morte ficou mais oculta, mais distante da comunidade, tornando-se privatizada”, explica Weverson Bezerra.

Essas práticas mais privatizadas podem ser percebidas também pela contratação de empresas funerárias an-

tes mesmo da morte, de modo que a pessoa e a própria família tem pouca relação com a morte. O último modelo de vivência da morte, mais contemporâneo, é aquele associado a práticas de cuidados paliativos mais humanizados, no qual o indivíduo escolhe onde quer realizar o tratamento, se no hospital ou em casa.

Necropolítica

Os modos sociais de vivenciar a morte também variam culturalmente. Basta comparar tradições de comunidades indígenas e quilombolas, onde prevalece a dimensão da ancestralidade e da coletividade, e as sociedades urbanas, marcadas pelo esquecimento como forma de ruptura com o sofrimento. Vemos esse contraste ainda em eventos como o *Día de los Muertos*, no México, onde a memória dos falecidos é exaltada publicamente com rituais que reforçam vínculos intergeracionais, e situações como o impedimento da realização de rituais de despedida durante a pandemia de Covid-19, marcadas pelo distanciamento da morte que intensificou o medo e a sensação de desamparo.

Paradoxalmente a essa “privatização da morte”, Weverson pontua como coletivamente a própria sociedade reforça e até legitima a morte de grupos marginalizados, como forma de reafirmação simbólica da ordem estabelecida. Ele relembra como todos os dias os programas policiaiscos do horário do almoço televisionam a morte de jovens periféricos ou mulheres, reforçando uma cul-

tura que banaliza a vida das populações periféricas e tornam sua morte algo natural. O sociólogo recorre ao conceito do filósofo Achille Mbembe de necropolítica, do uso do poder social e político do Estado para ditar quem vive e quem deve morrer, para compreender essas questões.

“Para essa construção social sobre a morte ser naturalizada é preciso um processo de objetificação do corpo. Aí se começa a pensar que foi mais uma pessoa, tratando-a como corpo descartável, que está à margem das políticas públicas. A necropolítica envolve essa dimensão de administração da exposição da morte, na qual o indivíduo é objetificado para a grande massa como um corpo que traz dano à sociedade. Não se constrói uma narrativa para pensar que aquele indivíduo era filho ou esposo de alguém”, argumenta Weverson Bezerra.

A forma desigual como a sociedade organiza a morte reforça medos e estereótipos. É o que se observa, por exemplo, na arquitetura e na estética dos cemitérios, onde, à frente, estão os túmulos imponentes de famílias prestigiadas que preservam a memória e ocultam os sentidos de finitude, enquanto mais ao fundo, estão covas rasas com a terra exposta, sepulturas simples e temporárias, que reforçam o esquecimento. Se a morte é o destino universal e inevitável de todos os humanos, a gestão do morrer e o direito ao corpo após a morte é atravessado por questões sociais.

Medo natural da “ceifadora” — assim como as fobias que dela decorrem — pode ser compreendido a partir das transformações pelas quais a sociedade ocidental tem passado em torno do processo de morrer

Ilustração: Bruno Chiossi

